Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 28 DE JULHO DE 1972 - N.º 17815 - ANO 52.º PREÇO 1$50

TELEX/DL

McGovern

Eagleton

A CONFISSÃO DE EAGLETON

CUSTER, Dakota do Sul — O senador Thomas Eagleton, candidato democrata à vice-presidência dos Estados Unidos, revelou inopinadamente ter sido hospitalizado três vezes para tratamento psiquiátrico devido a «fadiga nervosa e esgotamento», isto entre 1960 e 1966. Na terça-feira declarou sofrer de «sinais de depressão» e ter já sido submetido duas vezes ao tratamento por choque eléctrico, que, disse ele, «é o método adequado para este género de doença».

Por WILLIAM GREIDER «Washington Post»/ /«DL»

O senador George McGovern, candidato democrata à presidência exprimiu imediatamente a sua *«confiança inabalável»* em Eagleton.

Este acrescentou que desde 1966 não recebera qualquer tratamento psiquiátrico e que a sua saúde era, actualmente, «excelente e sem problemas».

«Confesso que, quando jovem, ia com frequência muito longe e exigia de mim mesmo esforços sobrehumanos» — diz este homem de 42 anos. *«Eu trabalhava, com frequência, dia e noite, num regime extremamente duro».*

Hoje, diz ele, *«trabalho ainda com intensidade, continuo a ser duro comigo próprio, mas adopto um ritmo de vida bem mais razoável do que anteriormente».*

McGovern, que escutou a descrição da biografia médica de Eagleton durante uma conferência de imprensa nesta cidade do Dakota do Sul, teve de admitir que nada sabia de tudo isto quando o escolheu para seu companheiro de lista, na convenção do Partido Democrata em Miami. Mas afirma que a escolha seria a mesma se tivesse conhecimento prévio destas peculiaridades de Eagleton.

«Eu não teria hesitado um minuto, mesmo se soubesse o que o senador Eagleton vos acaba de revelar», disse McGovern. *«Conheço a história dos Estados Unidos, e sei que alguns dos nossos mais respeitados presidentes sobreviveram a doenças bem mais graves do que a que afectou o senador Eagleton».*

McGovern exaltou então, com entusiasmo, o valor e a energia do senador Eagleton. *«Estou convencido de que Tom Eagleton merece, pelo seu espírito e a sua inteligência, tornar-se vice-presidente dos Estados Unidos; e que reúne todas as qualidades que lhe permitirão, se necessário, assumir a presidência».*

McGovern ajuntou mais tarde, durante uma entrevis-

Continua na pág. 2

MESA REDONDA

SUMÁRIO DE HOJE:

- LIVRO DE BOLSO? LIVRO POPULAR? inquérito aos responsáveis das editoras Arcádia, Minerva e D. Quixote.
- COMO GOZA AS SUAS FÉRIAS inquérito ao acaso da rua.
- O PROBLEMA DAS RENDAS DE CASA polémica.
- O QUE É A DESCRISTIANIZAÇÃO? artigos de J. Delumeau e René Remond.
- E ainda as habituais secções «Assim Vai o Mundo Assim Vamos Nós», «Espelho da Imprensa», etc.

HOJE: 32 PÁGINAS

Prisões em massa no Ulster

MAIS SOLDADOS INGLESES PARA DESMANTELAR O IRA

O Governo inglês vai enviar mais quatro mil soldados para a conturbada provincia da Irlanda do Norte, ao mesmo tempo que se prepara grande ofensiva contra o Exército Republicano Irlandês (IRA). Estes reforços, os maiores desde que a violência se instalou no Ulster há três anos, elevam os efectivos ingleses para 21 mil homens. Nos últimos dias, soldados ingleses procederam a rusgas sistemáticas tendo efectuado prisões em massa nos bairros católicos de Belfast e Londonderry. O ministro da Defesa britânico, ao anunciar o envio de mais tropas, disse que os atentados à bomba de sexta-feira em Belfast tinham levado o responsável pela província, William Whitelaw, a declarar que seriam tomadas medidas drásticas contra os responsáveis por esses atentados. «Estes reforços são necessários para permitir que tal política seja levada a cabo» — acrescenta o comunicado do Ministério da Defesa britânico hoje difundido. (R/DL).

Classius Clay concedendo um autógrafo

CLAY EM LISBOA

Com a mulher, a mãe e uma amiga também na comitiva, Cassius Clay passou esta manhã pelo Aeroporto da Portela de Sacavém, a caminho de Casablanca, onde vai dar uns murros em troca de razoável mão cheia de dólares. Interrogado por um batalhão de homens da Imprensa, o ex-campeão mundial, de boxe manifestou estrita neutralidade em relação ao actual momento político do seu país. Interrogado sobre qual preferia — Nixon ou McGovern — limitou-se a dizer que tanto lhe fazia, porque o mal era o mesmo.

Crise britânica agrava-se: estiva paralisa os portos

Por uma margem de dez votos, os dirigentes da poderosa organização sindical «Transport and General Workers Union», à qual pertence a maioria dos trabalhadores dos portos ingleses, declarou greve à escala nacional com duração indefinida. Quando tudo parecia voltar à normalidade, os delegados sindicais rejeitaram o novo sistema de trabalho recomendado pelo próprio sindicato e reclamam agora condições que melhor lhes assegurem os empregos, que consideram ameaçados pelo uso crescente de contentores — um sistema de embalagem que dispensa o trabalho da estiva e que esteve na base das recentes greves. Até ontem, o pessoal da estiva e milhares de outros trabalhadores encontravam-se em greve não oficial protestando contra a prisão de cinco estivadores que tinham desobedecido ao Tribunal do Trabalho continuando a fazer piquetes de protesto num entreposto de carga. Os portos estão outra vez parados e o Governo — segundo o ministro do Interior John Davies — receia que esta greve tenha «consequências irreparáveis para a economia do país». A Inglaterra depende grandemente das suas exportações para viver e importa muito da alimentação dos seus habitantes. No entanto o Governo garantiu que há alimentos suficientes para várias semanas. (ANI/R/DL).

Bailarino desaparecido

Peter Schaususs, bailarino dinamarquês e uma das principais figuras do «ballet» moderno, pagou a conta do hotel em que se encontrava hospedado em Lisboa e desapareceu sem deixar rasto. Schaususs, cabeça de cartaz dos espectáculos do II Verão Internacional de Bailado, deverá ser substituído, na emergência, por David Holmes.

RESUMO

Indústria

As responsabilidades da indústria face aos acordos recentemente celebrados com a CEE, a lei do fomento industrial, a contratação colectiva e a contenção de preços e salários, foram problemas focados ontem pelo presidente da Corporação da Indústria, dr. Sá Viana Rebelo, na assembleia geral daquele organismo. O orador salientou a influência da situação internacional no fenómeno inflacionista que se verifica em Portugal e as implicações da crescente escassez de mão de obra «agravada pela proximidade de sociedades fortemente industrializadas».

Sobre a contenção de preços, mesmo tendo em conta ser possível a contenção salarial, disse que ela só será viável se se fizer um controle dos custos das matérias primas.

CALVET DE MAGALHÃES

OS ESTRAGOS MATERIAIS NAS ESCOLAS (PÁG. 3)

"DL"/GERAL

SPÍNOLA: "NOVA SOCIEDADE" NA GUINÉ

O general Spínola concedeu a liberdade a mais vinte antigos militantes do P. A. I. G. C., que se encontravam detidos na Guiné. A medida inscreve-se na recente amnistia decidida pelo Governo, a propósito da nova Lei Orgânica do Ultramar. Os libertos foram ao Palácio do Governo exprimir os seus agradecimentos e intenções.

«Não tendes que agradecer a ninguém», disse o governador; **«todo o homem que cumpre um castigo que lhe foi imposto ter errado, conquistou o perdão à luz de justiça.»** O general Spínola respondia ao discurso de Paulo da Silva, antigo responsável do partido separatista.

«Sois todos livres, verdadeiramente livres,» afirmou depois o governador da Guiné. **«Sois livres até de voltar a ir para o mato e continuar a combater, se chegarem à conclusão de que não estão a ser concretizados os vossos ideais e aspirações.»**

«Estamos a realizar uma política que vise satisfazer todos os legítimos ensaios, todas as aspirações do povo da Guiné, aquelas aspirações e anseios que constituíram o ideal por que alguns de vós se bateram no P. A. I. G. C.,» disse o general Spínola acerca da **«nova sociedade»** que se constroi na Guiné **«reconhecendo e emendando os nossos erros».**

CONFIRMADA A PENA DO CAPITÃO CUBANO

O Supremo Tribunal Militar reuniu-se ontem à tarde em Santa Clara, sob a presidência do general Costa Almeida, para apreciar o recurso relativo ao processo do capitão cubano Pedro Rodriguez Peralta. Aquele tribunal confirmou a sentença aplicada em 9 de Junho último pelo 1.º Tribunal Militar Territorial: dez anos e um mês de prisão maior, vinte e três meses de multa à razão de 40$00 diários e, terminado o cumprimento da pena, expulsão do território nacional sem limitação de tempo.

O capitão Peralta, acusado de pertencer ao PAIGC e aprisionado na Guiné em 12 de Novembro de 1969, foi julgado por duas vezes: no 1.º julgamento o capitão Peralta foi condenado em dois anos e três meses de prisão maior, sendo na segunda fase do processo que a pena se agravou substancialmente, sem, contudo, atingir os doze anos pedidos pelo promotor, coronel Eanes Brandão.

Na audiência de ontem, em que o público apareceu em número reduzido, o promotor de justiça, depois de um discurso patriótico, voltou a pedir a pena máxima prevista para o caso em que, segundo a sua opinião, o réu estava incurso. Seguidamente, falou o dr. Manuel João da Palma Carlos, defensor do réu, que pediu a anulação do julgamento. Cerca das 21 horas os componentes do Tribunal Militar tornaram público o acórdão, tendo o capitao Peralta, que assistira ao julgamento guardado por dois agentes, recolhido novamente à cadeia.

COMPANHIAS REUNIDAS
GÁS E ELECTRICIDADE
AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis, para a boa conservação das redes, obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica, no próximo Domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

1.º — Sector — **Concelho de Lisboa:** Rua do Guarda Joias, Hospital Militar da Boa-Hora e Obras do Hospital. (Das 8 às 12 horas).

1.º — Sector — Bairro Terras do Forno, Ruas 1, 5, 7, 9, 11, 13, 15, 17, 19, 21, 6, 8, 10, 14, 16, 18, 20 e 22 e imediações. (Das 8 às 12 horas).

3.º — Sector — Rua do Arco Carvalhão (parte), Escadinhas da Vila União e imediações. (das 8 às 12 horas).

3.º — Sitio do Olival à Cd.ª Dos Mestres (todo), Cd.ª da Estação (toda), Vila Lopes (toda), Ruas A-b-c-d ao Bairro da Liberdade, vila Moreira (toda), Asilo Aspie Miranda. (das 8 às 12 horas).

5.º — Sector — Rua das Gaivotas 2 a 30 e 1 a 23-A, Rua do Poço dos Negros, 103, Largo do Conde Barão, 43 e 57, Rua Fernandes Tomaz, 18-A a 68 e 1 a 67, Beco do Caldeira (todo), Trav.ª do Alcaide 1 a 9, Rua da Boa Vista 34 a 188-A, Beco da Boa Vista 2 a 10 e 1 a 5, Pátio da Galega (todo), Beco do Francisco André (todo), Trav.ª do Marquês de Sampaio 2 a 46 e 1 a 23-A. (das 8 às 12 horas).

5.º — Sector — L.º Trindade Coelho 18 a 23, Rua de S. Pedro de Alcântara 1 a 3. (das 8 às 12 horas).

8.º — Sector — Rua de Entrecampos 29 a 57-D e 34 a 66-E, Campo Grande 2 a 6-A. (Das 8 às 12 horas).

10.º — Sector — Cd.ª de Carriche, Est.ª do Desvio, Cd.ª do Poço, Az.ª do Alcoutins. (Das 8 às 12 horas).

1.ª — Zona — **Concelho de Oeiras: LINDA-A-VELHA:** Rua José Pereira da Costa, Av.ª Tomaz Ribeiro, Av.ª Fontes Pereira de Melo, Impasse de Santo António, Trav.ª do Malvar, Caminho para o Moinho do Carrascal, Est.ª para a Senhora da Rocha, Est.ª para a Cruz Quebrada, Beco do Fani e imediações. (Das 8 às 14 horas).

2.ª — Zona — **VENDA NOVA:** Rua Carlos Amaro de Matos, Rua S. João de Deus, Rua Marquesa de Alorna, Rua Gonçalves Crespo, Rua Fernão Lopes, Rua Padre António Vieira, Rua Dr. António Candido e imediações, e Rua D. Nuno Alvares Pereira. (Das 8 às 14 horas).

3.º — Zona — **Concelho de Sintra:** Vinagre, Colares. (Das 8 às 14 horas).

4.ª — Zona — Mem Martins e Casais de Mem Martins. (Das 8 às 12 horas).

5.ª — Zona — **FAÇÃO:** Granja do Marquês e Lameiras. (Das 8 às 14 horas).

6.ª — Zona — Anços. (Das 8 às 14 horas).

7.ª — Zona — Assafora, Cortezia, Rádio-Farol de São João Lampas, Alvarinhos, Odrinhas. (Das 8 às 14 horas).

8.ª — Zona — **Concelho de Cascais:** Tires, Matos Cheirinhos, Matarraque. (Das 8 às 12 horas).

9.ª — Zona — Bairro da Pampilheira lado Nascente. (Das 8 às 14 horas).

10.ª — Zona — **Concelho de Mafra: ERICEIRA:** Estrada Principal, Est.ª de Sintra, Est.ª de Mafra, Est.ª da Fonte Boa dos Nabos, L.º da Parada, Alto da Boa Vista e imediações. (Das 6 às 10 horas).

11.ª — Zona — **MALVEIRA:** Rua Dr. Oliveira Salazar, Rua Santa Filomena, Rua Nova, Av.ª JoséBaptista Antunes, Rua do Matadouro, Rua Capitão João Lopes, Av.ª José Franco Canas, Rua Professor Armando Lucena, Est.ª da Venda do Pinheiro, Est.ª da Avessada e imediações, **VENDA DO PINHEIRO:** Rua do Roseiral da Ribeira, Av.ª Dr. Osório Vaz, Rua do Pinhal Manso, Rua do Moinho Velho, Rua Roseiral do Monte, Av.ª dos Engenheiros, Rua do Maroutinho, Rua da Colónia de Férias da Marconi, Av.ª Dr. Oliveira Salazar, Rua Venda do Valadas, Est.ª para a Quinta Nossa Senhora da Cadeira, Av.ª Adriano Silva Figueiredo, Rua Casal dos Ninhos, Rua da Circunvalação, Rua Major Pereira de Almeida e imediações. (Das 8 às 14 horas).

12.ª — Zona — **Concelho de Vila Franca: PÓVOA DE SANTA IRIA:** Estrada Nacional 10, Rua da República, Rua Luís de Camões e imediações. (Das 8 às 14 horas).

13.ª — Zona — **VILA FRANCA DE XIRA:** Rua 1.º de Dezembro, Rua do Alegrete, Estrada Nacional 10. (Das 8 às 14 horas).

14.ª — Zona — **ALHANDRA:** Rua Major José Joaquim Paiva, Rua 5 de Outubro, Rua Duque Terceira, Rua Dr. Sousa Martins, Praça 7 de Março, Rua 1.º de Dezembro, Av.ª Afonso de Albuquerque e imediações. (Das 8 às 14 horas).

15.ª — Zona — **Concelho de Alenquer:** Chegangas. (Das 8 às 14 horas).

PARA REPRESENTAR PORTUGAL NO VII FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇÃO POPULAR DO RIO DE JANEIRO

DL

Indico o intérprete:

.....

Envie por correio ou entregue pessoalmente no «Diário de Lisboa», Rua Castilho, 185-1.º — LISBOA
Veja as páginas de espectáculos

A CONFISSÃO DE EAGLETON

Continuação da primeira página

ta televisada: *«Se me acontecer um dia alguma coisa, estou certo de que ele será uam excelente presidente Farei tudo o que estiver ao meu alcance para o impedir de renunciar à sua candidatura. De qualquer modo, acho que ele não tem nenhuma intenção de desistir».*

Eagleton, que é advogado em St. Louise, Missouri, e se tornou senador em 1968, fez a sua conferência de imprensa sem ajuda de notas. Parecia falar com certo nervosismo, mas tentou conservar um certo tom jovial.

Comunicou ao auditório que os médicos, depois do rigoroso exame a que se submetera na véspera em Washington, apenas lhe disseram que deveria *«emagrecer um quilo»* e que tinha *«a metade de uma hemorroida».*

Disse também que as suas revelações eram o resultado de rumores postos a circular sobre a sua saúde e das frequentes perguntas dos jornalistas. Estes mesmos rumores já o tinham perseguido durante as suas vitórias políticas no Missouri, durante os anos 60, mas nessa oportunidade não haviam chegado ao grande público.

«Acho natural, quando alguém se candidata ao segundo cargo do país, que a sua vida privada se torne propriedade pública» — disse Eagleton. *«Mas devo dizer que estar aqui sob a luz dos projectores e diante de 30 ou 40 jornalistas a falar da minha saúde, não é, evidentemente, um dos episódios mais agradáveis dos meus 42 anos, embora também não seja o mais desagradável».*

Eagleton negou vigorosamente um outro rumor que o atingiu durante as suas campanhas políticas e que o acusava de ser um alcólatra.

«Posso assegurar categòricamente, sem qualquer hesitação ou dúvida» — disse — *«que jamais sofri, tive tendência ou dei sinais de alcoolismo».*

Falando sobre as suas três crises de fadiga nervosa, insistiu sobre o carácter «voluntário» dos seus três internamentos hospitalares. McGovern classificou esta atitude de *«um bom senso manifesto que lhe aconselhava a procurar cuidados médicos sempre que se sentia esgotado».*

Eagleton contou que em 1960, quando postulou o cargo de procurador do Governo para o Estado do Missouri, a sua campanha e os discursos que proferiu em apoio da candidatura presidencial de John F. Kennedy o esgotaram completamente.

Após o seu sucesso nas eleições, disse ter sentido *«uma fadiga extrema e uma sensação de esgotamento. Hospitalizei-me voluntàriamente no Hospital Barnes de St. Louis».*

Este tratamento durou um mês, do 1.º de Dezembro aos primeiros dias de 1961. A segunda crise verificou-se nas imediações do Natal, em 1964. Depois de ter disputado o cargo de sub-governador do Missouri, passou quatro dias na Clínica Mayo de Rochester, no Minnesota, afectado por *«uma doença estomacal de carácter nervoso».*

Eagleton acrescentou, por fim, ter passado de novo cerca de três semanas no Clínica Mayo em Setembro de 1969, com o mesmo género de problemas.

Alguém perguntou a Eagleton que espécie de tratamento havia recebido.

«Os conselhos de um psiquiatra e choques eléctricos», respondeu.

— Deram-lhe drogas?

— *«Sim, sedativos».*

— Que lhe disse o psiquiatra?

— *«Que eu precisava de aprender a viver mais regularmente, medir bem os meus esforços e a minha energia, evitar as campanhas eleitorais muito árduas».*

— Durante os períodos de depressão, era capaz de tomar decisões racionais?

— *«Sim, o meu espírito permaneceu sempre claro. Eu estava deprimido, mas lúcido. Acho que o problema principal era o estomago».*

HIPOTECAS

Fazem-se sobre propriedades urbanas, em Lisboa, Arredores e Província, de pequenas e grandes quantias, ao juro da Lei

Transacções rápidas e com o máximo sigilo

A CONFIDENTE

Rua do Ouro, 292, 1. (Esq. c/ o Rossio)
LISBOA — Telef. 369384/5/6

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO E ASSEGURADO SHARVEN FRANCE POSSIBILIDADES DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN FRANCE ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO

ÓPTIMO RENDIMENTO
PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA

SHARVEN-FRANCE

Campo Grande, 1-D, 2.º, Esq. — LISBOA-5

Participe nos benefícios dos melhores Hotéis, Restaurantes, Cinemas, Teatros, Gares, Aeroportos, Casinos, etc.
Se tem 20 000$00 ou mais escreva-nos.
Rendimento assegurado.

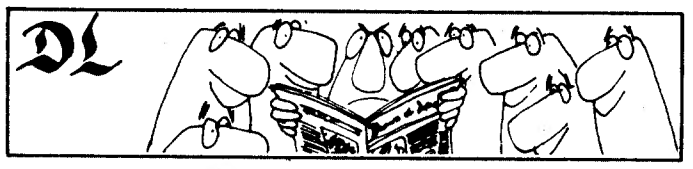
QUEIRAM ENVIAR-ME SEM COMPROMISSO INFORMAÇÕES DETALHADAS

Nome .....

Morada .....

Telef. .....

D. I.



Opinião

FINALMENTE, AS AUTO-ESTRADAS

Vamos ter, finalmente, as auto-estradas. Depois do concurso aberto em Novembro de 1970 e anulado em Outubro de 1971, veio a ser feita, enfim, a adjudicação da construção, conservação e exploração de 358 quilómetros de auto-estradas, o que corresponde, aproximadamente, a 75 por cento da extensão que havia sido prevista no primeiro concurso. Do mesmo modo, e como directa consequência, passou de doze para nove anos o prazo máximo da construção de todos os lanços programados.

De acordo com a escalonação estabelecida, poderemos ir em 1981 de Lisboa a Aveiro, após sucessivos lanços a concluir em datas anteriores: de Vila Franca ao Carregado em 1975, do Carregado a Leiria em 1979, de Leiria a Coimbra em 1980. Também em 1975 estarão em exploração os lanços Estádio-Cascais, em 1977 os de Aveiro-Carvalhos e Porto-Famalicão, em 1979 o de Fogueteiro-Setúbal. O custo total da empreitada, segundo se anunciou, é de 9455 mil contos e o prazo da concessão fixado na proposta é de 25 anos.

Quanto às tarifas, a média é de 48 centavos por quilómetro, com valores máximo e mínimo de $92 e $28, o primeiro para veículos com mais de dois eixos pesados e o segundo para motociclos acima de determinada cilindrada. Utilizando a média acima indicada, uma viagem de Lisboa a Coimbra custará, de portagem, à volta de 95 escudos: não se pode afirmar que seja barato, mas certamente o automobilista encontrará compensação na rapidez que passa a estar ao seu alcance...

Garante a empresa adjudicatária «estar não só técnica e financeiramente apta a arrancar no dia imediato ao da assinatura do contrato, como treinada está também para sustentar um ritmo de marcha, na construção, correspondente aos «melhores tempos» verificados em qualquer outro país europeu». Congratulemo-nos todos por que assim seja: a morosidade de andamento de muitas obras de interesse público, de que é exemplo flagrante a construção do Metropolitano lisboeta, tem sido uma constante nacional.

Em todo o caso, a comparação com a capacidade doutros países, assim solicitada, nem sempre confirmará, em absoluto, a nossa aptidão para os «melhores tempos», se a aferirmos pelos prazos de construção acima referidos e pela realização prevista para esses prazos. Basta lembrar o caso da Itália, cuja rede de auto-estradas, em 1960, não ultrapassava os 600 quilómetros, e que, nesta altura, não está longe dos 6000 quilómetros, isto é, dez vezes mais. Em apenas doze anos, a Itália construiu mais de 5000 quilómetros de auto-estradas, numa média de 400 quilómetros por ano. Para construir 358 quilómetros, nós consumiremos nove anos... Afirmar que somos capazes de acompanhar os «melhores tempos», afigura-se-nos excessivo optimismo.

Não nos lamentemos, porém. Depois de tanta expectativa, com adiamentos e anulações que confudiram a opinião pública, chegámos ao ponto de arranque. O Governo terá escolhido da forma que melhor serviu os interesses do País, terá considerado que não era possível construir em menos tempo nem mais barato, que as portagens não poderiam ser inferiores, que as condições da proposta aprovada são as melhores que poderíamos escolher entre as três que se apresentaram. Escolhe-se dentro do possível, não dentro do desejável.

Nos próximos nove anos, o País verá profundamente modificada a sua fisionomia. Física. E litoral.

Turistas na Itália

O aumento do afluxo de turistas para a Itália, verificado logo nos primeiros meses deste ano, continua a verificar-se num ritmo de incremento progressivamente mais elevado. Os dados relativos ao primeiro quadrimestre assinalam a entrada pelas fronteiras italianas do respeitável total de 6793 000 turistas, representando um aumento de 14,4 por cento em relação ao mesmo período de 1971.

Examinando o movimento verificado nos dois períodos bimestrais, nota-se que o afluxo foi de 2 697 000 turistas em Janeiro e Fevereiro, tendo passado para 4 096 000 nos meses de Março e Abril, o que representa um dos mais elevados ritmos de progressão e uma favorável perspectiva para o ano corrente.

Perfumes franceses

Em 1971, as vendas francesas de perfumaria acondicionada, ultrapassaram 822 milhões de francos, ao passo que as compras provenientes do estrangeiro não representaram mais do que 88 milhões de francos. Assim, a perfumaria francesa exporta dez vezes mais do que importa. A este número acresceriam também 70 milhões de francos de exportações inverificáveis ou invisíveis e, sobretudo, o «chiffre d'affaires» realizado pelas filiais estrangeiras das firmas francesas, mais difícil de conhecer.

Desemprego na Inglaterra

Depois de ter diminuído muito nestes últimos meses, o desemprego na Grã-Bretanha tornou a aumentar de meados de Junho a meados de Julho. Atingiu 868 196 pessoas (3,6 por cento da população activa), ou seja, mais 34 000 do que no mês anterior e mais 40 000 do que há um ano, segundo as estatísticas oficiais. O ministro britânico do Trabalho não deu qualquer explicação desta inquietante inversão de tendência que não pode ser inteiramente explicada pela entrada no mercado de trabalho dos jovens que saíram da escola ou da universidade.

Entretanto, o dinheiro tornou-se muito caro na Grã-Bretanha. Por causa da rarefacção das liquidades, o National Westminster, um dos quatro grandes bancos de depósitos, fez passar a sua «taxa de base» de 6 para 7 por cento. Esta iniciativa será provàvelmente seguida, em breve, pelos concorrentes.

Petróleo iraquiano

A República Democrática da Alemanha vai emprestar ao Iraque uma soma equivalente a 84 milhões de dólares, destinada à aquisição de equipamento petrolífero que permita o início da exploração, pela Iraqi National Oil Co (INOC), dos seus jazigos de petróleo da Roumalia Norte. O empréstimo será reembolsado, na proporção de 70 por cento, através de petróleo bruto proveniente desse jazigos.

CALVET DE MAGALHÃES

OS ESTRAGOS NAS ESCOLAS

A propósito de recentes factos ocorridos sobre vandalismo escolar e indemnizações por estragos causados por estudantes, recebemos alguma correspondência de certo interesse, focando desde os aspectos jurídicos aos ditados por simples sentimentalismo. Vamos tentar esclarecê-los.

Em certas nações não são os reitores ou directores que superintendem nos móveis e imóveis. Nos U.S.A., por exemplo, há superintendente por cada grupo de edifícios. Começo por lhes contar a narrativa de Joe Blow Procastinator, superintendente de edifícios de Richpoorville, U.S.A. É a seguinte:

«Entre, sr. Procastinator» disse a voz forte de Tadeu P. Quoddy, o director. «Vejo que traz o culpado consigo. Já tratou do assunto com o director da escola e com os pais do miudo?»

«Sim, T.P.Q.» disse Joe, «Os pais não queriam acreditar que Dan tenha percorrido várias escolas quebrando deliberadamente as janelas de outras áreas. Ainda não comunicámos ao Departamento da Juventude, mas creio que o devemos fazer.

«Diga-me, sr. Procastinator, como é que pôde apanhar Dan?

«Bem, tivemos uma série de sarilhos nos lavabos dos rapazes em várias escolas. Alguém tinha estragado o telhado acústico. O caso chegou ao extremo.

«Decidimos colocar pó inofensivo sobre as telhas. Dan apareceu e começou a sua tarefa de destruição das telhas. O pó começou a ir-lhe para a cara. Pensou que era pó e lavou as mãos e a cara.

«Quando a água e o pó se combinaram, este tornou-se azul e foi difícil removê-lo, Dan pensou que tinha alguma terrível doença e foi ao medico e este conduziu-o ao director.

«Os pais mostraram-se indignados com o modo como descobrimos o rapaz causador de prejuízos. Queriam que dividissemos os prejuízos por todos.

«Tadeu teve dificuldade em suster o riso pelo ar infeliz do rapaz. Ele era uma figura engraçada, com pequenos pontos azuis na face e nas mãos.

«A propósito T.P.Q., disse Joe, isto desaparece depois de 4 ou 5 boas esfregadelas com sabão.

«Bem Dan, disse Tadeu, temos que avaliar agora todos os prejuízos que fizeste. Terá que ser pago por alguém menos pela comunidade.»

O episódio que narramos demonstra que existem métodos, discutíveis ou não, para orientar estes problemas que, infelizmente, no nosso país constituem dos aspectos mais ignorados da organização escolar. Todos os anos se mutilam quantidades fabulosas de material (móveisdematerialdidáctico) sem se saber como tornar responsáveis os seus autores ou como consciencializar as crianças na utilização do património. Neste aspecto somos de facto um país rico. Não é raro ouvir pedir salas de aula para guardar material inutilizado, como é raro na apreciação de um dirigente, considerar com apreço os seus conhecimentos sobre esta matéria. O que é que os Estatutos do ensino contêm sobre estes problemas? A regulamentação em vigor nos estabelecimentos públicos de ensino (art. 80 do O.P.E.S., art.º 464, do Ensino Técnico, art.º 379, do Ensino Liceal) prevê, através da redação estereotipada de um artigo, entre outras despesas a pagar pelos encarregados de educação, os estragos causados pelos educandos durante a sua presença no estabelecimento de ensino, assim como a perda de objectos postos à sua disposição, *«por culpa ou negligência, e embora o facto não mereça sanção disciplinar... sob pena de suspensão da frequência»*.

Nos casos de reembolso, se o estrago é voluntário, mesmo quando se verifique falha no serviço de vigilância, os autores do facto prejudicial devem tomar o encargo integral do dano causado, sem prejuízo da sanção disciplinar que se impõe.

Quando o estrago resulta de um acto de indisciplina ou de negligência caracterizada, a administração deve solicitar reparação total ou parcial do prejuízo causado, sem que seja necessário estabelecer que este resulte duma intenção deliberada. O pagamento da indemnização é acompanhado, se for caso disso, de sanção disciplinar.

Por extensão destas determinações considera-se que o material posto no início do ano à disposição do aluno, e que não pode ser restituído no fim do ano, deve dar lugar ao reembolso pelo valor da compra deste material ou á entrega doutro idêntico.

Nestes dois casos, os encarregados de educação são responsáveis, conforme o direito comum, pelos prejuízos causados pelo facto dos seus educandos e as disposições incorporadas no Código Civil não poderem aqui ser evocadas, por que a responsabilidade dos membros do ensino público não está empenhada senão quando se trata de factos prejudiciais causados, durante o tempo escolar, pelos alunos relativamente a alguns dentre eles ou de terceiros. Ora trata-se na ocorrência de prejuízos materiais causados a estabelecimentos escolares, portanto ao próprio serviço público.

Do ponto de vista do convívio escolar, para a aplicação das penas pecuniárias, é escusado dizer que a sanção aplicada em matéria de estrago será tanto mais eficaz quanto mais rápida for a reparação do prejuízo causado e quanto mais directamente atingir o responsável.

Existem no entanto casos em que não devia haver reparação pecuniária, mas os nossos estatutos escolares, nem os orçamentos contêm cláusulas que admitam dispêndio de verbas para esse efeito, cuja explicação se deve encontrar na nossa formulacão jurídica nacional. Neste aspecto existe uma diferença total entre os nossos estatutos escolares e os de outras nações, de todos os continentes.

De facto, quando um prejuízo é causado no estabelecimento de ensino sem que seja possível determinar-lhe os autores, devia-se admitir que há culpa, falta de serviço, que a vigilância não foi assegurada ou foi mal assegurada. A reparação do prejuízo sob a forma anónima identificada como estrago colectivo não devia então ser admitida a não ser voluntàriamente proposta pelos alunos. Nestes casos o estabelecimento de ensino devia suportar os encargos, mas, de facto, sòmente o pode fazer iludindo as disposições orçamentais. Para evitar a renovação dos factos prejudiciais pertence pois às escolas assegurar por técnica adequada o reforço de um controle da utilização individual do material.

Se, no entanto, o estrago é involuntário e resultante da actividade escolar normal, quer seja na aula, quer seja fora da aula, não pode ser pedida reparação pecuniária. É o caso da quebra de material de laboratório ou de vidros durante uma actividade autorizada.

Temos de admitir, com efeito, que o serviço público, pelo próprio facto da sua actividade, engendra riscos ou estragos, pelo que neste caso não é necessário procurar determinar a existência duma culpa de origem do prejuízo, mas estudar o problema para evitar danos em futura aprendizagem.

Recorrer aos chamados «depósitos» no início do ano escolar (prática oficialmente adoptada em tempos, 1945, no ensino técnico e seguida por alguns colégios particulares) destinados precisamente a cobrir com antecedência a título de garantia, o montante dos estragos eventuais, parece-nos prática prejudicial pois atenua o sentido de responsabilidade.

Quando o encarregado de educação não é pessoas compreensiva poderá ser envolvido em maiores responsabilidades materiais (não se autorizando as «vaquinhas» subscrições). Por exemplo: o preço de uma marmorite partida (mosaico) é de 2$10. Neste caso a escola pode recusar-se a consertar os danos, não é obrigada a isso, mas mandá-los reparar por sua conta ou pela iniciativa do encarregado de educação, pelo que chamarão os operários adequados para efectuar as reparações. Consequências: material para reparação 7$30, meio dia de trabalho de um azulejador 75$00. Total 84$00.

É muito discutível que a acção educativa sobre estes problemas esteja, em muitas nações, fora da mão dos directores dos estabelecimentos de ensino, mas também não basta considerar que sòmente por uma pessoas ser nomeada dirigente de um estabelecimento de ensino fica pràticamente possuidor das técnicas de gestão educativa. O problema tem que ser resolvido considerando que a vítima (o Estado) não tem de ser o único prejudicada e que é imoral que um dano propositado fique impune.

DL/REGIONAL

PORTO

Conveniente localização para a "Expomafer"

Foi oferecido pelo Centro de Cooperação dos Industriais de Máquinas-Ferramentas, organizador da «Expomafer-72», que teve grande êxito, um almoço aos expositores. Durante a reunião, em agradável ambiente, fez-se, por assim dizer, o balanço do certame que foi absolutamente positivo.

O presidente do conselho de administração do Cimaf, sr. Joaquim Ramos agradeceu aos convivas e o comissário-geral daquela exposição, sr. prof. Luciano Faria analisou o certame, que atraiu 40 500 visitantes e proporcionou amplo movimento de negócios.

Seguiu-se um debate entre os expositores, com o objectivo de se corrigirem possíveis deficiências e, em especial, a sua conveniente localização e periodicidade.

Faculdade de Medicina

Foi renovado o contrato com o agente técnico de engenharia da Faculdade de Medicina, sr. José Alberto Pereira de Magalhães Lacerda.

Feira das Sementes

Decorreu com grande animação e desusado movimento a tradicional Feira de Santana também conhecida por «Feira das Sementes», em Leça do Balio.

Com tempo excelente, embora a temperatura elevada, muitos foram os visitantes de diversas procedências.

A parte religiosa da festividade incluiu missa solene, com cânticos e homília, em louvor de Sant'Ana.

Em CASTELO BRANCO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António de Sá Rodrigues, Suc., Rua Mousinho Magro, 46.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Luís da Silva Café Americano PINHEL

Centro de Arte no Estoril projecto da Junta de Turismo

A Junta de Turismo da Costa do Sol tenciona adaptar algumas dependências do Pavilhão dos Congressos do Estoril de molde a criar um «Centro de Arte», prosseguindo assim na divulgação das artes plásticas, anunciou hoje o presidente do organismo, Joaquim Serra e Moura, no decorrer de uma reunião com os representantes dos órgãos de informação. Ainda dentro do mesmo sector, anunciou também que a Junta «pensa sèriamente na realização de uma «Bienal da Costa do Sol», à escala europeia e com todo o fulgor que se possa imprimir-lhe».

Referindo-se às já tradicionais manifestações levadas a cabo pelo organismo a que preside, Serra e Moura anunciou o programa dos XI Cursos Musicais Internacionais de Férias, que começam já no próximo dia 7 e se prolongam até meados de Setembro:

Piano: professores Yvonne Lefébvre (4 a 16 de Setembro) e Jacques Klein (14 a 28 de Agosto); Violino e Música de Câmara: Sandor Végh (25 de Agosto a 16 de Setembro); Violoncelo: Maurice Eisenberg (7 de Agosto a 7 de Setembro); Canto: Paul V. Schilhawsky (28 de Agosto a 16 de Setembro); Guitarra Clássica: Raul Sanchez (15 de Agosto a 5 de Setembro); Curso Mozart: Helena Costa e David Epstein (16 de Agosto a 2 de Setembro).

O presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol referiu-se ainda à Feira do Artesanato, presentemente um dos pontos de atracção da zona, ao Teatro Experimental de Cascais, que «continuará a merecer o nosso apoio e estímulo até ao lomite do razoável», e ao patrocínio que continuará a ser dado às colectividades desportivas que «concorrem valiosamente, com o brilho das suas organizações, para a valorização da zona», aguardando-se a conclusão das obras do Pavilhão dos Desportos de Cascais para se colaborar no progresso e desenvolvimento de várias modalidades. Salientou, finalmente, a 23.ª Exposição Canina Internacional, que se efectua em 26 e 27 de Agosto.

Baixa da Banheira discute habitação

Um colóquio sobre inquilinato e habitação decorrerá amanhã na Baixa da Banheira pelas 21 e 30. A iniciativa pertence à secção do Barreiro da Associação dos Inquilinos Lisbonenses que convidou Hélio Vieira Quartin para orientar a sessão, a qual terá lugar na Sociedade de Recreativa e Cultural União Alentejana «Os Alentejanos», rua 27, n.º 43.

Acidente matou um motorista

Num violento choque entre dois automóveis, ocorrido esta manhã perto de Vila Fresca de Azeitão, morreu Cecilio Maria Mendes, de 32 anos, casado, natural de Grândola e motorista do jornal «A Capital», que regressava a Lisboa, tendo igualmente ficado feridos dois ingleses — Goodman Edouard, de 46 anos e Frederic Harold Zitch de 58 — que foram transportados para o hospital de S. José, onde ficaram internados em estado grave.

Vinte e cinco mil escudos...

Isabel Chicó Caeiro foi comprar fruta a um vendedor ambulante. Retirou-se com as compras, mas esqueceu junto do carro do vendedor a sua mala de mão, contendo 25 mil escudos. Lembrou-se, voltou ao local, mas nada de mala. Queixou-se à Polícia que conseguiu deter três indivíduos que na altura se encontravam junto do triciclo do homem da fruta. Os detidos apresentaram 24 mil escudos afirmando que era esse o total do conteúdo da mala.

Férias com o DIÁRIO DE LISBOA

FAÇA HOJE MESMO A SUA ASSINATURA

PELO PERIODO DE

10 DIAS	15$00
15 DIAS	22$00
20 DIAS	30$00
30 DIAS	45$00

PAGAMENTO ANTECIPADO POR SELOS, CHEQUES OU VALE DE CORREIO

ESTEJA ONDE ESTIVER, O «DIÁRIO DE LISBOA» ESTARÁ CONSIGO

NOME .....

MORADA .....

LOCALIDADE .....

Mais cursos em Coimbra -prometeu Veiga Simão

O prof. Marcello Caetano recebeu ontem no Palácio de Queluz uma delegação do Senado Universitário e da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Coimbra, que lhe foi agradecer a recente deliberação do Conselho de Ministros, criando cursos de engenharia naquele estabelecimento de ensino.

Os catedráticos eram acompanhados pelo ministro da Educação, que anteriormente os recebera no seu gabinete, onde se encontrava também o director-geral do Ensino Superior, prof. Vitor Crespo.

«Mais ramos de conhecimento devem ser cultivados na Universidade de Coimbra e não se irá ficar únicamente por esta conquista, anunciou o prof. Veiga Simão no termo do seu discurso, que respondia ao prof. Simões Redinha, director da nova Faculdade — que considerou **«um bom investimento dos dinheiros públicos»** — e à leitura da moção de agradecimento aprovada pelo Senado, que afirma a certa altura **«o alcance dos cursos de engenharia ora criados para a vida da Universidade e para o desenvolvimento do País, em particular da zona centro».**

Na audiência com o Presidente do Conselho, a principal declaração pertenceu ao prof. Simões Redinha, que depois de largas considerações sobre as relações da ciência e da tecnologia e dos tipos possíveis de institucionalização dessa unidade interdisciplinar, afirmou: **«Nunca a Universidade de Coimbra esqueceu que não é possível a qualquer escola viver fora do contacto com a realidade do meio em que se insere. A Universidade tem obrigação de contribuir para o progresso socio-económico desse meio e constituir a força motora do seu desenvolvimento, mas só terá assegurada a sua sobrevivência real se constituir com o meio que o cerca um sistema em que a vitalidade lhe seja dada pela intensidade do fluxo que, em regime estacionário seja capaz de estabelecer».**

A Faculdade de Ciências de Coimbra, com o apoio unânime do Senado, pedira pela primeira vez em 1960 a criação dos cursos completos de engenharia, pois a Faculdade de Ciências se mantinha « **injustamente reduzida às condições de escola preparatória.**» Efectivamente, os estudantes eram forçados a vir completar Lisboa ou ao Porto os cursos iniciados em Coimbra e prosseguidos durante os três anos preparatórios. O pedido de 1960, segundo o prof. Redinha, **«não havia de encontrar, nessa altura a receptividade desejada».** O mesmo não aconteceu com a insistência de Agosto de 1970: **«em menos de dois anos, via a Faculdade de Ciências satisfeita uma das suas grandes aspirações».**

OFICIALIZAÇÃO DO NOVO CURSO

O «Diário do Governo» (1.ª série) insere hoje o decreto-lei, pelo Ministério da Educação Nacional, determinado que passem a ser professados na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra os cursos de Engenharia.

Rui Patrício fala hoje

O ministro dos Negócios Estrangeiros, quando regressou da cerimónia de assinatura dos acordos de Bruxelas, prometera uma comunicação ao País sobre as relações entre Portugal e o Mercado Comum. O dr. Rui Patrício fala hoje às 22 horas na Rádio Televisão Portuguesa.

FRANCO SAÚDA AMÉRICO THOMAZ

«Sinceras e cordiais saudações» enviou o generalíssimo Franco ao almirante Américo Thomaz, numa mensagem alusiva à reeleição deste para a Presidência da República. Já recebera telegrama idêntico assinado pelo presidente Médici, do Brasil. No livro de cumprimentos do Palácio de Belém continuam a inscrever-se todos os dias muitos membros do Corpo Diplomático.

MARCELLO CAETANO

O Presidente do Conselho voltou a ser recebido pelo Chefe do Estado, em audiência.

REBELLO DE SOUSA

O ministro das Corporações e os drs. Silva Pinto e Nogueira de Brito, secretário e subsecretário do Trabalho, receberam ontem medalhas e diplomas de sócios honorários do Sindicato dos Motoristas de Braga, que enviou ao Ministério uma delegação acompanhada pelo governador civil daquele distrito, dr. Leite Dourado. *«A primordial característica do sistema corporativo português consiste em atingir metas expressivas de colaboração entre todos os sectores»,* disse o ministro a propósito da cerimónia.

PAPELARIA FERROS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numeroso clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

Prémios da Academia de Ciências

Academia das Ciências de Lisboa reuniu-se em sessão plenária, para a entrega dos prémios aos autores das obras distinguidas no concurso aberto em Janeiro de 1971.

Presidiu à cerimónia o prof. Moses Amzalak, que usou da palavra, tendo em nome dos laureados falado o sr. Luís Cajão. Presentes, numerosos académicos, além de pessoas das relações dos laureados.

O prof. Amorim Ferreira e o dr. Domingos Monteiro, a pedido do presidente da Academia, fizeram a entrega dos prémios Ricardo Malheiros e General Casimiro Dantas, respectivamente, a Luís Cajão e Couto Viana.

COLAR NO LOCAL DO ENDEREÇO

JOGO DO GALO CONCURSO

SESSÃO nº

NOME

MORADA

IDADE TELEF.

COLAR NA PARTE POSTERIOR DE UM POSTAL MODELO NORMAL DOS C.T.T.

CORTAR

CONCURSO -JOGO DO GALO-

APARTADOS 3011 ou 3088

LISBOA

O boletim acima publicado deve ser preenchido com letra bem legível, colado num postal de modelo normal dos C. T. T. e enviado à R. T. P. onde terá de dar entrada até às 0 horas da ante-véspera do dia da emissão. Tanto basta para se ficar habilitado a participar no concurso «Jogo do Galo».

DL/ESPECTÁCULOS TV

EM KNOKKE, K.O.

Vou ficar de pé. Heròicamente no meu posto. A morrer de sòno, mas de pé. De pé, quer dizer: sentado, que isto de pé fatiga muito.

Aguentarei tudo. Tudo. A palestra cómica de Dutra Faria; a entrevista conduzida por Fialho Gouveia a propósito da *Mulher Ideal;* as fitas em massa do Pitosgas; a série «Aquelas Santas», agora um actor novo, uma série repugnantemente idiota que, na opinião da apresentadora, é *«uma série que o público continua a distinguir»* (Deus, Deus!, e se calhar até é verdade!). Aguentarei tudo para chegar até ao máximo da festa, a apresentação dos artistas portugueses no festival de Knokke de Zoute.

Apresentarei tudo. Até aquela emissão de natações que nos veio de Coimbra, incluida nos «V Jogos Luso-brasileiros», iniciativa onde a comunidade luso-brasileira é tudo e o desporto quase nada. Eis aqui uma demonstração ao vivo de como ganhar ou perder não interessa! o que interessa é conviver, passear, paisagens, monumentos, «Portugal um torrãozinho de açúcar», etc., torrãozinho que se dissolve na água e talvez por isso, na opinião de Afonso Gonçalves (a apresentação mais aborrecida de que me lembro há muitos séculos a esta parte) não ganharemos uma única partida. Por outro lado — e que desforra! — esta emissão foi o grande festival do altifalante.

(Companheiros: que tal, os nossos ouvidos?)

. Aguentei tudo. Agora chegou o momento. Cá estão as romenas: um trio onde a chateza e o ridículo deram as mãos numa perfeita unidade, particularmente quando pretenderam ocidentalizar. Ah, pobres macaquinhos de imitação!

. Lá vem a gente (a gente, vírgula!) Lá vem o Paulo de Carvalho, vazio e fútil no seu inglesismo de tapa-buracos, muito convencido que em inglês é que é. Lá vem Teresa Silva Carvalhu e procurar salvação no franciú, a implorar com o «ne me quitte pas», um pouco de misericórdia e cumplicidade; lá vem a Tonicha, com a sua *Menina* já idosa.

Em resumo: muito sofreram os burgueses belgas concentrados em Knokke Le Zoute. O empregado não tinha mãos a medir no serviço de champanhe. Enfim, as pessoas precisavam de se entreter fosse no que fosse. E com champanhe não está mal, hem?

CHÁ E PORCELANA

«Vária»: produto enlatado. A falta que faz ali Adelino Gomes! Bom: porcelana. Apresentação: a porcelana isto, a porcelana aquilo. Os chineses. O seu aparecimento na Europa. Países fortemente porcelânicos: Alemanha, França, Itália, Inglaterra... E agora vamos dar um salto até à Alemanha para assistirmos ao fabrico dos objectos de porcelana.

Pois é verdade. Nem uma referência a Portugal. Nem uma palavrinha dedicada à nossa Vista Alegre. A centenária Viata Alegre. Não estou a dizer isto por bairrismo ou portuguesismo, ou coisa parecida. Mas como estão sempre a falar em indústria nacional... Mas como estão sempre a dizer que devemos isto e aquilo... Mas como ninguém duvida da qualidade da porcelana vistalegrense — enfim, sempre pensei que na Televisão portuguesa houvesse um bocadinho de, como é que hei-de dizer, de consideração. Se calhar é por qualquer coisa de publicidade. Então, ó amigos: será então preferível fazer a publicidade à porcelana alemã?

Façam o que entenderem. Façam até o que não entenderem. Lavo as minhas mãos. Interesses nenhuns tenho na Vista Alegre. A este nome acodem bocados partidos de porcelana da minha infância, e nada mais. Não falo, porém, por sentimentalismo. São outras porcelanas, são outros negócios. Com seiscentos mil diabos! Se em Portugal se recorre à Vista Alegre quando estão em causa presentes régios (e outros! e outros!) seria exigir demasiado a menção daquela fábrica entre os grandes nomes da porcelana mundial? Seria?

Temos uma televisão muito mesquinha. Aposto que nunca bebeu chá numa porcelana da Vista Alegre.

CALMA É QUE É PRECISO

Disse Joaquim Filipe Nogueira: «Vivemos um momento como que de euforia». Referia-se à construção da auto-estrada Lisboa-Porto e vice-versa. Contente, contente! «Nós não tínhamos nada. Isto agora começa a andar. Devagarinho. Já começámos. Começámos bem. Agora vamos ter calma».

Vamos, sim senhores.

Segue-se o elogio ao dinamismo do actual presidente da Câmara Municipal

Finalmente, a entrevista com o engenheiro Almeida d'Eça.

Questão: parques de estacionamento. Quatro. A Câmara não investe capitais nisso. Há concessões para construção e exploração durante trinta anos. Filipe Nogueira lamenta *«que as coisas tenham começado tão tarde.»*

Informações exaustivas. Por exemplo: os parques de estacionamento ficam em contacto com o metropolitano. Ideia simples, prática: as pessoas seguem no pópó até ao estacionamento e daí vão para o centro da cidade. Como? Está à vista: de metropolitano...

As ideias são boas, mas às vezes na prática... Ir à Baixa de metropolitano? Experimente quem quiser e saberá como é delicioso chegar ao fim, sentir-se vivo, são e salvo. Ah, esta nossa atávica tendência aventureira!

. *«Nós não tínhamos nada* — volta Filipe Nogueira e agora até já temos semáforos.» Verdade. Falta agora que o Município, em lugar de parques de estacionamento inùtilmente ligados ao metropolitano, trate de oferecer um pára-quedas a cada cidadão e inaugurar carreiras de autogiros para a Baixa de Lisboa. Quando o autogiro passar por cima do Rossio, zás!

Com um empurrãozinho a ajudar, está claro.

... E NÃO SE FOI AO FUNDO DO PROBLEMA

Segunda emissão de «Há só uma Terra» dedicada à análise e discussão do plano do clube de Roma, com bastas referências ao *emaiti* para dar cor cosmopolita. Ah, este nosso eterno saloismo!

. Exposição exaustiva de Alfredo de Sousa, bem secundado por Jorge Correia da Cunha.

Estamos muito longe de negar interesse a um tema como o que nos foi apresentado no programa à responsabilidade do deputado Correia da Cunha. Seria a maior das tolices olhar com indiferença para uma questão de vida ou de morte.

Por isso mesmo, haveria que tratá-lo de forma mais acessível, menos apressada e mais cómoda.

Mais acessível: com recusa de todo o jargão, de todo o eruditismo — preocupação de

Por MÁRIO CASTRIM

Alfredo de Sousa nem sempre levada, porém, às últimas consequências, e nesse aspecto deu mau exemplo o seu jovem companheiro, que não se furtou aos *parâmetros* (tinha de ser!) aos *exponenciais* e por aí diante.

Menos apressada: a matéria dava para uma rica série de emissões. Os problemas foram apenas enunciados; poderiam ser debatidos com interesse para todos.

Mais cómoda: o recurso ao debate, à discussão viva e ao vivo ajudaria a pensar. A utilização dos gráficos e das sobreposições dos gráficos foi tormentosa para o telespectador. Outro processo de esclarecimento teria de ser inventado.

No final, palavras de esperança de Alfredo de Sousa: *«Estou convencido que, se trabalharmos afincadamente, com seriedade, o espírito e a inteligência humana serão capazes de encontrar resposta para todos os desafios que venham a surgir no século XXI».*

Estes votos (referidos com primazia, à imaginação e inventividade) estão na linha do pensamento de Alfredo de Sousa que se opõe àquelas pessoas *«que intentaram levar as discussões em torno destes problemas para campos ideológicos».* Isto porque, segundo o professor de Económicas e Financeiras, se trata *«de um problema transideológico que se põe e se porá em qualquer regime.»*

VILA REAL TEMPORAL AFECTOU A LAVOURA

Forte trovoada, acompanhada de chuva torrencial e granizo, pairou ao fim da tarde de ontem sobre a cidade de Vila Real e povoações circunvizinhas. A inesperada tromba de água, que durou apenas 15 minutos, transformou as ruas e avenidas em autênticos ricos caudalosos, arrastando pedregulhos e inundando residências.

Algumas casas que possuíam coberturas de plástico, foram perfuradas em locais diversos com o tremendo impacto provocado pelo granizo, tendo a energia eléctrica ficado interrompida durante um longo período.

Segundo informações colhidas esta manhã, embora não se tivessem registado acidentes pessoais, a trovoada provocou prejuízos vultosos na lavoura da região, pois há lameiros, vinhas e pomares que ficaram totalmente destruídos.

to be or not to be.

usar ou não usar
Castrol GTX
uma questão
de estimar ou não estimar
o seu carro.

Castrol GTX
máxima protecção-maior rendimento

Castrol

Usar ou não usar CASTROL GTX no motor do seu carro. Eis a questão. Muito simples de resolver pois o dilema não é transcendente: Um óleo normal cumpre bem as suas funções e satisfaz — normalmente. Mas quando se gosta a sério dum carro e se pretende além de lubrificar, defender, surge o CASTROL GTX. Com o seu aditivo excepcional, o Tungsténio líquido, verdadeiro «reanimotor» a dar novo alento ao seu carro. O dilema depende pois de o seu carro ser ou não ser importante para si. To be or not to be digno do CASTROL GTX. Eis a questão.

SOCIEDADE DE LUBRIFICANTES INGLESES, LDA.

PUBLIFIRMA

"DL"/ESPECTACULOS TEATRO

Teatro em Lisboa

Assim vai o Teatro em Lisboa: Quatro companhias profissionais e uma amadora em actividade, com as peças «**Os Contestatários**» (Villaret), «**A Grande Cégada dos Touros, Mulheres e Fado**» (Bonecreiros), «**A Vida do Grande D. Quixote de La Mancha e do Gordo Sancho Pança**» (Casa da Comédia, nos jardins do Palácio Galveias), «**O Auto do Curandeiro**» (Grupo da Madre de Deus) e a revista «**Prá Frente Lisboa!**» (Monumental). No Verão lisboeta, é este o panorama que o Teatro apresenta.

Entretanto, prepara-se uma experiência talvez inédita: amanhã no recinto desportivo do Campolide Atlético Clube, estarão montados dois palcos e neles serão representadas, uma a seguir à outra, as peças que os «Bonecreiros» e o Grupo da Madre de Deus têm levado à cena últimamente (Grande Cégada e Auto do Curandeiro). Uma companhia profissional e outra amadora, com espectáculos elogiados pela crítica e bem aceites pelo público: uma noite que promete.

Uma obra prima da arte de destilação

Haig

SCOTCH WHISKY

conhecido desde 1627

Câmara Municipal de Lisboa
Casa da Comédia

POR IMPOSIÇÃO DO PÚBLICO
Voltam a apresentar
Hoje e todas as noites pelas 21.45 horas
«A VIDA DO GRANDE D. QUIXOTE DE LA MANCHA E DO GORDO SANCHO PANÇA»
de António José da Silva (Judeu)
Encenação de Herlander Peyroteo
JARDIM DO PALÁCIO GALVEIAS
(Ao Campo Pequeno)
Bilhetes à venda no próprio local
Descanso companhia 2.ª feira Grupo B — 10 anos

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em praços excepcionais.
Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento.
Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.
Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-725197

AMADORES EM SETÚBAL

O Inspector de S. João da Madeira

«INSPECTOR-INSPECÇÃO», de Nicolau Gogol, pelo Centro de Cultura e Recreio Oliva (S. João da Madeira). Concurso de Teatro Amador das Colectividades de Cultura e Recreio e dos Grupos Dramáticos Independentes. Versão de Rui Lebre (colaboração de J. J. Santos). Encenação de Rui Lebre. Cenário de Armando Marques. Luz: Casimiro Lemos. Som: José S. Santos. Direcção de cena: Amílcar Ramadas. Montagem: Armando Marques, Luis M. Marques e José M. Marques. Pontos: António Dias e Adelina Silva. Contra-regra: Moisés Soares. Operação de luz: Casimiro Lemos e Manuel P. Silva. Operação de som: José S. Santos. Caracterização: Rui Lebre e José Mário M. Marques. Intérpretes: Joaquim Oliveira, Fernando Cardinali, José Lino, David Deocleciano, António Marinho, António Pinho (Lopes), Duarte Sousa, Júlia Melo, Otília Oliveira, José D. Resende, Alcino Silva, Manuel Couto, José M. Marques. Teatro Luísa Todi. 21/7/72.

Três caminhos se deparam aos grupos de teatro amador. (1) Cumprir uma actividade rotineira para a qual o Concurso da SEIT/FNAT é um fim em si e não apenas um meio de difusão. Este caminho implica a representação de textos conhecidos de acordo com esquemas de encenação convencionais. (Um pormenor: cinco dos textos apresentados neste Concurso foram estreados pelo Teatro Experimental do Porto.) (2) Descobrir novos textos, portugueses ou traduzidos, ou redescobrir textos pouco representados. Esta opção implica a presença nos grupos de pessoas com possibilidades de fazerem pesqueisas não só no teatro português como no teatro estangeiro tendo em atenção, na escolha dos textos, as circunstâncias que a condicionam e que vão das possibilidades materiais e humanas dos grupos aos condicionamentos conhecidos. (3) A criação ou recriação de textos que se adaptem perfeitamente às potencialidades do grupo, trabalho que terá de ser feito não apenas no próprio texto seleccionado e reescrito como (talvez principalmente) ao nível da respectiva encenação. Pode mesmo admitir-se que textos muito conhecidos sejam submetidos a um trabalho de recriação que os transfigure. Este último ponto, exige a presença no grupo de um autêntico, completo homem de teatro.

No Concurso deste ano, tivemos vários exemplos que ilustram o esquema assinalado, independentemente dos resultados obtidos. «O Mar», «A Promessa», «Sol na Floresta» — eis três textos que os amadores se deviam recusar a não ser que tivessem possibilidades de os submeter a um profundo trabalho de recriação. São, pois, textos de rotina que significam a opção de um teatro conformado e conformista — um teatro morto para (por) um Concurso sem vida.

A escolha de «O Tinteiro», de «Birdermann e os Incendiários» e de «Ratos e Homens» parece-me reflectir a preocupação de fugir à rotina, revela outras preocupações de criação cénica. «Roberta» é o caso raro e difícil da criação por amadores de um texto de autor português. Com «As Patifarias de Ladino» e «Inspector-Inspecção» assistimos à tentativa de recriação de textos conhecidos que passam a viver (ou morrer) mais dessa recriação do que dos textos originais.

Rui Lebre, a quem se deve a adaptação e a encenação da peça de Gogol, é um dos poucos criadores do nosso teatro (amador ou não). Este espectáculo bastaria para o demonstrar.

E bem conhecida a farsa de Gogol: numa pequena cidade

Crítica de
CARLOS PORTO

russa do século XIX são as autoridades avisadas da chegada de um Inspector da capital que viaja incógnito e se prepara para passar a pente fino as suas actividades. Um visitante ocasional é tomado pelo Inspector o que desencadeia o pânico e leva à tentativa do seu suborno por processos que vão do dinheiro até à entrega da filha pelo Governador. Mais tarde saber-se-á que se trata de um engano e que o autêntico Inspector está prestes a chegar. E claro que esta anedota serviu ao escritor russo para desencadear uma crítica a algumas instituições do seu país cuja corrupção ele vergasta implacàvelmente. Nesta versão, Rui Lebre conseguiu transferir e actualizar a peça dando às personagens do Gogol um traço caricatural que, sendo já original, passa a adquirir uma forma que fàcilmente reconhecemos.

Essa caracterização das personagens — especialmente, o Governador, o Director dos Correios, o Director Escolar, o Director do Hospital, o Juíz — é dada através do próprio texto e através de sinais que as identificam: o Governador enche o espaço com a sua pança e com o seu ridículo; o Director Escolar gagueja; o Juíz espoja-se aos pés do Governador; o Director do Hospital é corcunda; o Comissário veste uma casaca sobre as cuecas e tem as costas nuas. Quando o Governador afirma que o jogo é proíbido na sua cidade, mima simultâneamente uma renhida partida de cartas; a filha mal é capaz de soletrar uma carta. As falas do Governador constituem (aparentemente) uma hábil montagem de textos que glosa os clichés e os lugares-comuns da actividade propagandística.

O espectáculo do grupo da Oliva pertence ao mesmo tempo a um teatro de participação no palco ultimando os preparativos; no intervalo os actores convivem com o público); a um teatro de distanciação (há um coro que repete certas palavras e por vezes participa individual ou colectivamente na acção como elemento contestatário); e a um teatro de metáfora (a acção de «Inspector-Inspecção» decorre num circo; a apresentação é feita por um palhaço pobre que é também o criado do falso Inspector que é, por sua vez, o palhaço rico). Estes excessos de técnica constituem a principal fraqueza do trabalho do encenador mas não foram suficientes para prejudicar o poder de impacto do espectáculo.

A distribuição do espaço paermitiu uma movimentação dos intérpretes que constituiu a autêntica respiração do espectáculo e, embora essa respiração (esse ritmo) afrouxasse no 2.º acto e fosse prejudicada pela interpretação demasiado pesada e dura do falso Inspector-palhaço rico, manteve esta riquíssima experiência sempre à tona da água, sempre em contacto com o público que a agarrou (e foi por ela agarrada) desde o primeiro momento e, de tal forma, que se diria não se poderem largar mais.

Não se diga, pois, que o teatro já não é capaz de interessar o público. Como o tenho dito várias vezes: o indispensável é ter unhas. O espectador exigente dirá que se usou aqui de processos demagógicos, que se não soube filtrar a imaginação cénica pela peneira da eficácia dramática, que isto, que aquilo... A malta de S. João da Madeira, o público que enchia o Luísa Todi e, com eles, o cronista estão-se nas tintas para o espectador exigente.

Há uma outra lição a tirar deste espectáculo: a possibilidade de conciliar um trabalho criador ao nível da encenação, um trabalho de equipa e um trabalho individual que, num grupo profissional, seria «vedetístico». Aparentemente, todo o espectáculo repousa sobre os ombros (e sobre a fingida barriga) de Joaquim M. dos Santos cuja interpretação do Governador é portentosa (adjectivemos). Portentosa pela movimentação, pela ocupação do espaço, pela intencionalidade de expressão vocal que por vezes falhou no enriquecimento irónico da palavra. No outro extremo (de tipo), José M. Marques foi um palhaço com inesperada capacidade de expressão acrobática e balética. Todos os actores, aliás, compreenderam as intenções do encenador: só assim foi possível a unidade do espectáculo. Duarte Sousa — no falso Inspector — não conseguiu integrar-se totalmente por ser um actor de outro tipo. Tem, no entanto, cenas excelentes, em especial a do baile.

Já falei do trabalho de Rui Lebre. Deixei, porém, passar pormenores que demonstram o extremo cuidado que nele pôs: a maneira como faz passar a crítica do palco para a sala quando o Governador afirmou que é de nós que o Inspector se ri; a maneira como cortou a fala do palhaço para que este dissesse com voz natural que a verdade triunfará. Foi pena que Rui Lebre não tivesse levado o espectáculo às suas últimas consequências. O final poderia assumir uma de duas conclusões: quando é anunciada a chegada do autêntico Inspector verificar-se-ia que este seria representado pelo falso Inspector o que significaria que na sociedade reflectida no espectáculo a «autêntica Inspecção» não seria possível; o Inspector seria encarnado pelo Coro que, como representante do povo, procederia efectivamente à «Inspecção».

Os trabalhadores de S. João da Madeira (com Rui Lebre) provaram que está ao alcance dos grupos de amadores a possibilidade de fazer um teatro simultâneamente crítico e divertido. Resta saber aceitar a lição que, aliás, também serve ao teatro profissional.

James Bond quatro furos abaixo

MADRID — «Agente 003, operacion atlantida» é o título da co-produção italo-espanhola, sob a direcção de Domenico Paolella, com argumento de Victor Auz e Lopez Moreno, agora estreada em Madrid. A direcção musical esteve a cargo de Teo Usuelli, e a fotografia é de Francisco Sanchez. Os principais papeis foram desempenhados pelos actores John Ericson, Berna Rock, Maria Granada, Carlo Hinterman, Beni Deus e Cristina Gaioni.

ABC Cine-Clube de Lisboa

Integrado no ciclo «Edgar Alan Poe — Roger Corman», realiza-se hoje, pelas 18 e 40, no cinema Lys, mais uma sessão do ABC Cine-Clube de Lisboa, com o filme «O Sepultado Vivo». Como habitualmente, podem ser admitidos novos sócios à entrada.

DESTAQUES Hoje na TV

I PROGRAMA

19.45 — As Grandes Batalhas — Batalha do Pacífico — 1943. Os Estados Unidos constituiram, em 2 anos, a mais formidável máquina de Guerra de todos os tempos. A partir desta data a América está pronta para a reconquista.

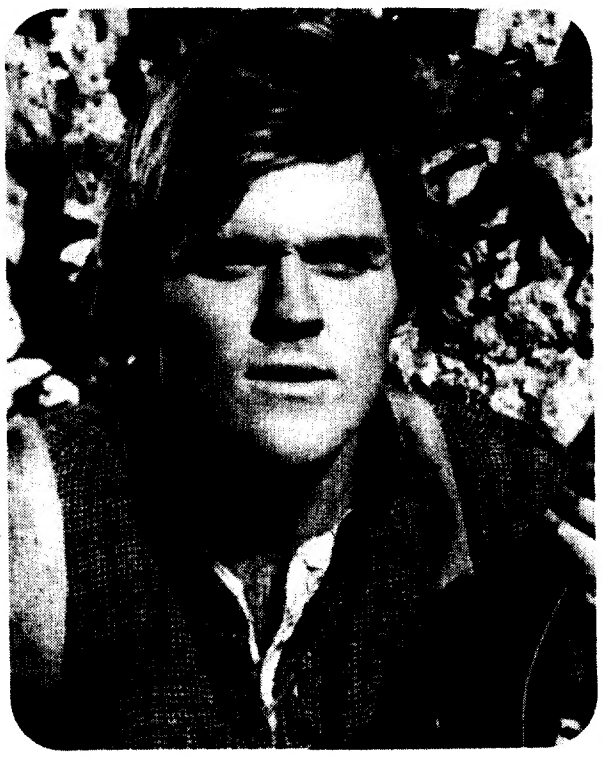
Em todos os continentes e em todos os oceanos.

Como Roosevelt previa a guerra tornou-se um conflito mundial, mas a indústria americana é à escala do planeta e os estaleiros navais cedo produzem um porta-aviões por mês.

Com 30000 toneladas, uma tripulação de 2000 homens, 80 aviões embarcados, o porta-aviões pesado torna-se a arma soberana da guerra do Pacífico que vai desenrolar-se num campo de batalha sem precedentes: um quarto da superfície do Globo.

Um trabalho de equipa, regrado como um ballet, onde o sinaleiro tem um papel tão importante como o piloto.

22.30 — LANCER — Céu Azul para Willie Sharpe — No decorrer de ums pescaria, os Lancer e Jelly encontram um rapaz orfão que se dirige à cidade de Onyx onde vai viver com o avô, uma figura quase lendária. Scott resolve acompanhar até lá o pequeno Willie Sharpe, mas quando chega a Onyx descobre que o famoso herói está transformado num farrapo que serve de divertimento aos habitantes da cidade.



Céu azul para Lancer

VII FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇÃO POPULAR DO RIO DE JANEIRO

OS DOZE PRIMEIROS SEM ALTERAÇÃO

Não houve alteração, pela primeira vez desde o início da votação, nos doze primeiros classificados. Um facto curioso a assinalar, entre outros, evidentemente. José Afonso, entretanto, caminha a passos largos para os sete mil votos , enquanto o seu mais directo «perseguidor», Duarte Mendes, está muito perto dos dois mil. De notar que, depois dos doze primeiros, surge a primeira grande subida. Trata-se do caso de José Mário Branco, agora em 13º lugar ao lado de Teresa Silva Carvalho. E já que as doze primeiras posições se mantêm inalteráveis, falemos dos que se seguem imediatamente. São intérpretes de várias tendências musicais: até aos 20ºs classificados, temos, a seguir a José Mário Branco e a Teresa Silva Carvalho, os nomes de Florência, Gabriel Cardoso, Teresa Paula Brito, Francisco Fanhais, João Henrique, João Braga e intróito.

Passemos à classificação:

1.º, JOSÉ AFONSO 6935
2.º, DUARTE MENDES 1960
3.º, JOSÉ CID 1431
4.º, HUMBERTO DE MASCARENHAS 780
5.º, MARIA DE LOURDES RESENDE 695

6.º, Isabel Fontes, 439; 7.º, Paco Bandeira, 387; 8.º, José Jorge Letria, 330; 9.º, Carlos Mendes, 250; 10.º, António Calvário, 190; 11.º, Carlos Alberto Moniz, 159; 12.º, Simone de Oliveira, 124; 13.º, José Mário Branco e Teresa Silva Carvalho, 103; 15.º, Florência, 77; 16.º, Gabriel Cardoso, 76; 17.º, Teresa Paula Brito, 68; 18.º, Francisvo Fanhais, 62; 19.º, João Henrique, 57; 20.º, João Braga e Intróito, 49; 22.º, Humberto de Castro, 42; 23.º, Maria da Glória, 41, 24.º, Dário de Barros, 37; 25.º, Fernando Lito, 33, 26.º, Adriano Correia de Oliveira, e Manuel Freire, 32; 28.º, José Barata Moura, 27; 29.º, Vittorio Santos, 25; 30.º, José Matildes, 24; 31.º, Os Plutónicos, 23; 32.º, Tozé Brito, 21; 33.º, Joaquim Cordeiro, 18; 34.º, Max, 17; 35.º, Duo Ouro Negro 16; 36.º, Andrea, 15; 37.º, Luis Romão, Leonel Sena e Sérgio Godinho, 14; 40.º, Manuel Vargas, Ilda Marques, José Cheta e Maria Colara, 13; 44.º, Sérgio Borges e António Macedo, 9; 46.º, Fernando Tordo, 8; 47.º, Maria Valejo, Lenita Gentil e Luis Cilia, 5; 50.º, Hugo Maia de Loureiro, Artur Garcia, Gualberto Caferra, Madalena Iglésias e Aurélio Perry, 4; 55.º, Américo Pereira, Luis Galhardo e Luis Gois, 3; 58.º, Maria da Fé, Mário Simões, 1111 e Rafael Figueiredo, 2; em último lugar, com 1 voto: Sissi, Paulo Jorge, António Mafra, Alice Amaro, Carlos Portugal, Manuel Branquinho e Deniz Cintra.

DO DESCANSO ESPECIAL DO PESSOAL DA Dardo

BENEFICIA VOCÊ

Nós, pessoal da Dardo, descansamos 2.ª-feira de manhã, durante o Verão. Se V. quiser colaborar connosco, venha no Sábado, até às 19 horas, «castigar-nos» com as suas reclamações e as suas compras.

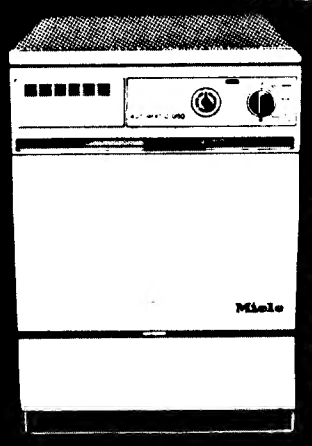
PROMETEMOS REDOBRADA ATENÇÃO

Admire a nossa espectacular gama de frigoríficos e os nossos preços verdadeiramente sensacionais. Há muito que «abolimos» as fronteiras nos nossos preços: estão ao nível da Comunidade Europeia. Por favor autorize-nos que nesta campanha não ofereçamos nem brindes nem viagens. Simplesmente:

PREÇO JUSTO E QUALIDADE

Lojas Dardo: Avenida da Liberdade, 131
Avenida Almirante Reis, 124-B
Rua de S. Bento, 53 a 57
Praça de Londres, 7
Rua D. Estefânia, 193
Rua 1.º de Maio, 146-A
Rua Gonçalves Crespo, 26-A

Máquina de lavar louça G 500 "de luxe"



Só MIELE pôde ultrapassar-se a si própria com a sua **máquina de lavar louça - - a mais vendida na Europa.**

Miele

Agente Oficial:
J. F. S. ROMEIRAS PALMA
Rua da Escola Politécnica, 27
Telf. 370806 LISBOA

APÓS 17 ANOS, FINALMENTE REGRESSA UM FILME TÃO ESPERADO!

OS REVOLTADOS DO CAINE

(CAINE MUTINY)

apresentando ROBERT FRANCIS · MAY WYNN Color by TECHNICOLOR

Arg. de STANLEY ROBERTS · Bas. na novela de HERMAN WOUK · Real. de EDWARD DMYTRYK

A COLUMBIA Filmes apresenta uma produção STANLEY KRAMER

Grupo B/10 anos

HOJE ÀS 21,45 NO ALVALADE

DL/GERAL — PRINCESA DO BRASIL EM LISBOA

"OS JOVENS ESTÃO MUITO BEM ENCAMINHADOS"

Adriene Rohlfs, a primeira jovem eleita princesa das «Teen-Agers» brasileiras esteve de passagem em Lisboa, depois de uma estadia na Alemanha onde concorreu ao título mundial e travou conhecimento com a representante portuguesa Maria Carla Moreira de Castro, de quem nos confessou ter ficado grande amiga. Agora vai para Casablanca e depois segue directamente para o Rio de Janeiro, de regresso a casa. De passagem esteve ontem na nossa redacção.

Adriene tem 15 anos e nasceu em Belo Horizonte. E alta e morena e não desmente o tipo de jovem brasileira que estamos habituados a imaginar. O concurso para eleição da princesa das «Teen-Agers» brasileiras foi realizado este ano pela primeira vez por iniciativa dos Diários Associados de Belo Horizonte. Reuniu 209 candidatas, das quais foram escolhidas 40 finalistas.

— **«Primeiro tivemos um conjunto de entrevistas sobre assuntos de cultura geral. Foi muito difícil. Havia muitas meninas de nível intelectual bastante elevado e os testes eram estabelecidos de acordo com a idade** — salienta-nos Adriene. **Nesta faixa de idades** — prossegue — **a diferença de um ano é muita coisa. Houve depois a eleição precedida de uma semana de manifestações sociais.**

Confessando-se um pouquinho vaidosa mas **«sem chocar»** Adriene considera que todas as jovens precisam de ser vaidosas, mas apenas até essa justa medida. Por isso quando lhe perguntámos por que razão pensava ter recaído nela a escolha respondeu:

— **«Acho que foi pelo tipo de pessoa que sou. Talvez porque viram que eu possuia o equilíbrio de valores capaz de representar bem o tipo da «teen-ager» brasileira... Chorei quando fui eleita. Representar um país tão grande, tão maravilhoso é uma coisa formidável. Nós somos eternamente apaixonados do Brasil.»**

GOSTAVA DE TER VINDO NO ANO PASSADO

Durante a realização do concurso mundial em Berlim, Adriene ouviu falar com muito entusiasmo do concurso mundial de 1971 realizado em Portugal, por iniciativa do «Diário de Lisboa». Influenciada por todos os comentários escutados confidenciou-nos:

— **«É a primeira vez que o Brasil participa e para mim foi muito agradável. Contudo, pelas referências que ouvi na Alemanha ao concurso feito no ano passado, teria sido muito mais agradável ter vindo representar pela primeira vez o Brasil mas em Portugal.**

— Com que impressão fica da Europa?

— **«Tem coisas maravilhosas,**

«Somos eternamente apaixonados do Brasil»

coisas de um outro mundo que eu não podia imaginar. Mas a mentalidade dos europeus é muito diferente. O brasileiro é muito expansivo, possue muito calor humano. Na Europa as pessoas são mais frias mas em Portugal voltei a encontrar esse calor humano a que me refiro. Nos outros países não têm a mesma preocupação de hospitalidade e de agradar.

A princesa das «Teen-Agers» brasileira tenciona estudar psicologia para trabalhar como psicóloga e justifica o seu interesse nesta matéria dizendo-nos:

— **«Hoje em dia as pessoas perdem-se com muita facilidade. É muito agradável ajudar as pessoas a encontrarem-se. Em meu entender o psicólogo é uma espécie de médico do espírito.**

Para Adriene este tempo tem sido muito bem passado, fazendo novos conhecimentos com jovens de muitas nacionalidades, o que tem contribuído muito para a sua formação.

— **«Isto deu-me uma grande experiência e sinto que evoluí bastante. Este mês do concurso significou para mim quase um ano de vida como experiência.**

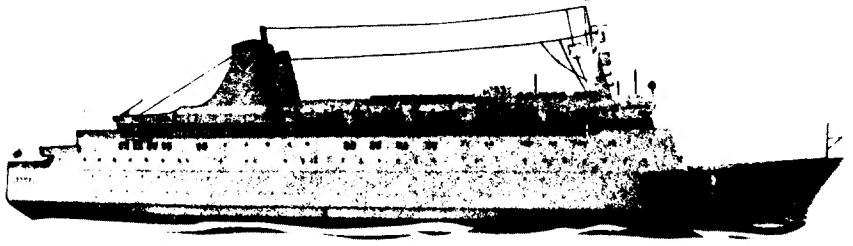
Perguntámos-lhe depois o que pensava da juventude do Brasil, especialmente dos jovens da idade dela. Com muita seriedade, e convicta do que afirmava, respondeu-nos:

— **«Os jovens da minha idade estão muito bem encaminhados para o futuro. Estão pensando mais em coisas sérias em lugar de pensar em frivolidades...**

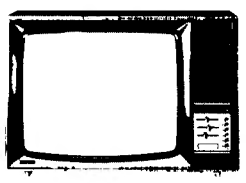
— Então você acha mesmo que **«ninguém segura a juventude do Brasil?»**

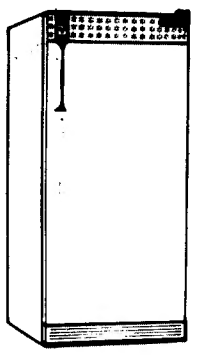
— **«Ninguém segura mesmo... Muito menos os pais. O jovem brasileiro já tem uma personalidade própria que o torna muito mais independente. Há também um grande espírito de união e solidariedade entre a juventude.»**

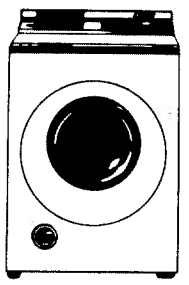
COMPLETAMENTE
GRÁTIS
UM CRUZEIRO AO
NORTE DE ÁFRICA
OFERTA LIMITADA



A TODOS OS
50 PRIMEIROS COMPRADORES DE


(a)


(b)


(c)

ÚLTIMOS MODELOS · SEM AUMENTO DE PREÇO
A PRONTO OU A PRESTAÇÕES

Inscreva-se JÁ. (Sem qualquer compromisso.) Informe-se depois. Enviamos todos os esclarecimentos e GARANTIMOS a partida em camarote com ar condicionado e com banho, com todas as despesas pagas, de viagem, alimentação e alojamento, aos primeiros 50 CLIENTES que enviem o cupão anexo, colado num postal e venham adquirir posteriormente, um dos artigos que anunciamos.

Recorte cole num postal e ENVIE JÁ

A FIRMA
A. OLIVEIRA — Av. Almirante Reis, 91-A - Lisboa

Inscrição provisória

Queiram enviar-me SEM COMPROMISSO esclarecimentos sobre a oferta GRATUITA do vosso Cruzeiro, na compra de (a) ou (b) ou (c)

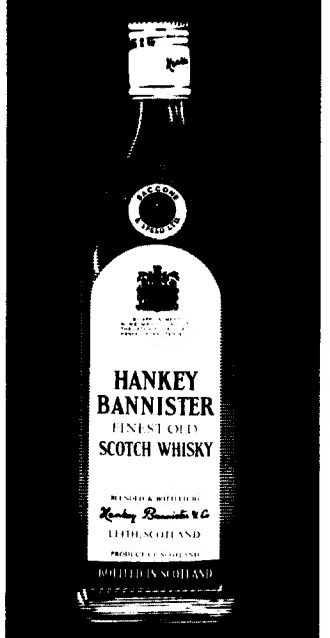
n.º

Nome _____

Morada _____

(por ordem de chegada)

A. OLIVEIRA
Avenida Almirante Reis, 91-A-Lisboa



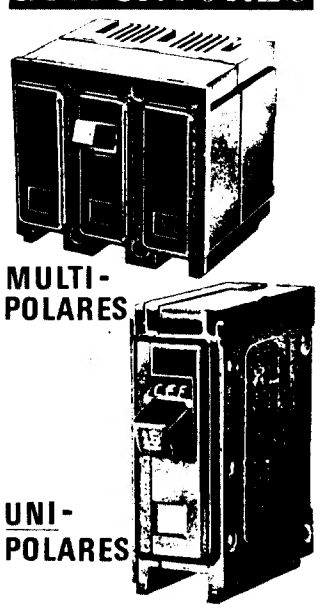
taste of life...

...sabor da vida - o prazer de um momento único prolongado pela vida fora.

Sabor da vida... sabor de Hankey Bannister.

HANKEY BANNISTER
FINEST OLD
SCOTCH WHISKY

DISJUNTORES



MULTI-POLARES

UNI-POLARES

JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª L.DA
TEL. 654165 * LISBOA

SABA
O TELEVISOR ALEMÃO
Nº 1

MONUMENTAL DE CASCAIS — M/6 anos

DOMINGO, 30 DE JULHO ÀS 17,30 HORAS

IMPONENTE CORRIDA DE TOIROS À PORTUGUESA
PARA UM SENSACIONAL CONCURSO DE GANADERIAS
a favor do Hospital da Santa Casa de Misericórdia
MANUEL CONDE —— JOSÉ MESTRE BATISTA
LUÍS MIGUEL DA VEIGA
Forcados Amadores do Ribatejo de Rui Souto Barreiros
—— 6 PODEROSOS TOIROS EM CONCURSO ——

À VENDA NAS BOAS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

DISTRIBUIDORES: ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR. S.A.R.L.
Rua da Conceição, 46-1.º Telef. 361545 LISBOA-2

O Eng. Rogério Martins visitou as fábricas "Triunfo"

Deslocando-se a Coimbra em missão oficial, o Secretário de Estado da Indústria, sr. Eng.º Rogério Martins, quis aproveitar essa oportunidade para conhecer e visitar uma das instalações fabris de maior representatividade nacional, instalada nesta cidade e consideradas como sólidos baluartes da nossa economia, demonstrando assim estar sempre atento aos problemas de interesse económico dependentes do seu departamento.

Foram as instalações de Fábricas Triunfo, S.A.R.L., aquelas que escolheu para uma pormenorizada visita, dada a incontestável importância das mesmas. Na verdade, estas importantes instalações industriais, que tiveram os seus princípios no já recuado ano de 1913, mercê da arrojada iniciativa do grande industrial Mário Pais, não mais deixaram de aumentar e evoluir em todos os sectores da sua actividade, sendo hoje um dos mais significativos padrões da indústria portuguesa voltada aos géneros alimentares.

Este importantíssimo estabelecimento fabril, que é orgulho da indústria nacional e uma das grandes unidades industriais europeias, ocupa hoje o 2.º lugar na Indústria de Massas Alimentícias e no que diz respeito à produção de Bolachas, as Fábricas Triunfo dominam mais de 50 por cento do mercado, posição esta resultante, da alta qualidade dos produtos que fabrica e que justamente merecem a preferência do consumidor mais exigente e conhecedor.

Num dos mais recentes trabalhos publicados pelo Instituto Nacional de Estatística (I.N.E.), sobre as grandes empresas portuguesas, as Fábricas Triunfo foram classificadas em 37.º lugar entre as 100 maiores transformadoras, o que não pode deixar de constituir motivo de justificado orgulho.

Na verdade, a enorme aceitação dos produtos saídos desta importante unidade fabril ocupam no quadro da economia nacional um papel de grande relevância, se se tomar em conta que as vendas anuais das Fábricas Triunfo estão em vias de atingir o meio milhão de contos.

E que, estas gigantescas instalações fabris, dispersas por várias zonas de Coimbra, não se dedicam exclusivamente ao fabrico de Bolachas e Biscoitos, como genèricamente é identificada.

As Fábricas Triunfo, dentro do Sector da Alimentação, dispõe de múltiplas Secções, nomeadamente de Moagens de Farinhas e Semolas; Descasque, branqueamento e glaciagem de arroz; Fabrico do produtos afins do pão; Fabricação de cacau e chocolates; Fabricação de produtos de confeitaria; Fabricação de massas alimentícias e Produção de alimentos compostos para animais.

O Snr. Eng.º Rogério Martins, Secretário de Estado da Indústria deslocou-se, ao fim da tarde às instalações das Fábricas Triunfo, S. A. R. L., no Loreto, onde se encontram as Secções de Moagem e Semolaria, inteiramente automáticas e de características tecnológicas altamente avançadas.

Ali, aquele membro do Governo, foi recebido pelos elementos do Conselho de Administração, nomeadamente o Snr. Dr. Joaquim de Sousa Machado, Presidente do mesmo Conselho; Snr. Carlos Augusto Júlio, Dr. Sebastião Pedro da Costa Rodrigues; Dr. Tomaz Andrade Rocha e Eng.º Adriano Mário da Cunha Lucas; e do Conselho Fiscal, Snrs. Dr. Manuel Alegre Martha — Presidente; Alfredo da Silva Neves, Eng.º António da Silva Martins, este também Director do Gabinete da Area de Sines e Presidente da Comissão de Planeamento de Lisboa; Eng.º Messias Bernardo do Amaral Fuschini e ainda Snr. Dr. Mateus Andrade Martins Dias, como Presidente da Mesa da Assembleia Geral.

O Eng.º Rogério Martins, após ter recebido os cumprimentos dos referidos elementos directivos, e sempre acompanhado pelo Snr. Dr. Sousa Machado, deu início à sua visita àquele Conjunto Fabril, que é a única moagem portuguesa dotada de diagrama concebido para a produção de farinhas tècnicamente indicadas para bolachas e biscoitos.

O eng.º Rogério Martins junto do dr. Sousa Machado

Mereceu àquele membro do Governo, especial atenção e interesse o complexo quadro sinóptico que a todo o momento fornece indicações seguras sobre a forma como está decorrendo o processo de produção.

Seguidamente, o Secretário de Estado, teve oportunidade de se inteirar dos projectos de remodelação da Fábrica de Alimentos Compostos para Animais, cujos trabalhos de montagem já foram iniciados. Visìvelmente interessado por tudo que lhe era dado observar, o Eng.º Rogério Martins, formulou algumas perguntas sobre os principais valores de produção, no qual foi devidamente esclarecido pelo Snr. Dr. Sousa Machado e seus directos colaboradores.

Desta Secção das Fábricas Triunfo, aquele membro do Governo, que desde o início era igualmente acompanhado pelo Chefe do Distrito, Presidente da Câmara Municipal, vereadores e deputados pelo círculo, passou ao Conjunto Fabril da Pedrulha, da mesma Empresa, que é um dos maiores da Península no seu género, pois só uma das suas seis linhas de fabrico, tem uma produção horária superior a 800 quilos hora de bolacha.

Aqui, o Eng.º Rogério Martins principiou por visitar a Fábrica de Descasque de Arroz, montada com os mais modernos e evoluídos da técnica, passando depois à Fábrica de Bolachas e Biscoitos, imponente secção que nos dá toda a ambiência da pontencialidade das modernas unidades industriais em que impera um alto grau de automatismo.

O Secretário de Estado da indústria, sempre esclarecido pelos responsáveis das várias secções de produção acompanhou todas as fases de fabrico da bolacha, manifestando o seu interesse e até entusiasmo por tudo o que lhe era dado observar.

Dali, o Eng.º Rogério Martins, passou ao Laboratório da Fábrica, departamento montado com a mais evoluída aparelhagem de análises, e onde se procede com extremo rigor ao controle de qualidade de matérias primas e dos produtos finais.

Finalmente foi oferecido àquele membro do Governo um beberete, durante o qual o presidente do Conselho de Administração da Empresa, Snr. Dr. Sousa Machado, saudou o Secretário de Estado da Indústria, dizendo:

«Mas permita-nos V. Exa., Senhor Secretário de Estado que, mesmo sem ar de discurso, lhe apresentemos as nossas mais vivas saudações e lhe agradeçamos profundamente reconhecidos a visita e a honrosa presença de V. Exa.ª nas nossas instalações fabris».

E mais adiante, o Dr. Sousa Machado acrescentou:

«Não estranhe V. Exa., Senhor Secretário de Estado, que, em nome do Conselho de Administração de Fábricas Triunfo, a que presidimos, ora faça a V. Exa. a afirmação de que Fábricas Triunfo comunga dos mesmos ideais que V. Exa. preconiza e tem anunciado para o desenvolvimento da economia portuguesa e que, aos poucos, tem vindo a dar forma por via legislativa.

À iniciativa privada cabe indiscutìvelmente a responsabilidade de ser o factor essencial do crescimento da economia nacional. Mas essa mesma iniciativa tem de saber instalar-se, apetrechar-se, impôr-se, conquistar mercados e crescer por si, muito especialmente agora que tomámos, após laboriosíssimas negociações, a responsabilidade de alinhar com a organização do mercado comum alargado».

E, no prosseguimento da sua explanação, concluiu:

«Quanto à Portaria 142/72, de 15/III/72, se tivermos apenas em mente o interesse e posição de Fábricas Triunfo, nós diríamos a V. Exa., Senhor Secretário de Estado, que em vez de uma abolição progressiva ao longo de 8 anos do regime das quotas de rateio na indústria de moagem e farinhas espoadas de trigo, tendente a sua liberalização a partir da campanha cerealífera 1979-1980, Fábricas Triunfo beneficiaria e preferiria uma liberalização total e imediata.

A forma porque Fábricas Triunfo encara a realidade da situação da economia portuguesa, quer considerada em si mesmo, quer no seu confronto com a dos restantes países do continente europeu integrados na C. E. E. alargada e a que Portugal pertence, e a forma e medidas que preconiza e aplaude sejam tomadas para o fortalecimento e desenvolvimento da economia nacional, tem-lhe causado por vezes dissabores. Essas incompreensões, porém, são como que motivo e causa para que Fábricas Triunfo mais reafirme e mantenha a linha do rumo que há muito a si mesma impôs».

Finalmente, o Eng.º Rogério Martins, num brilhante improviso agradeceu a recepção tão amiga que ali lhe devia sido prestada, afirmando-se satisfeito por tudo que tivera ocasião de apreciar.

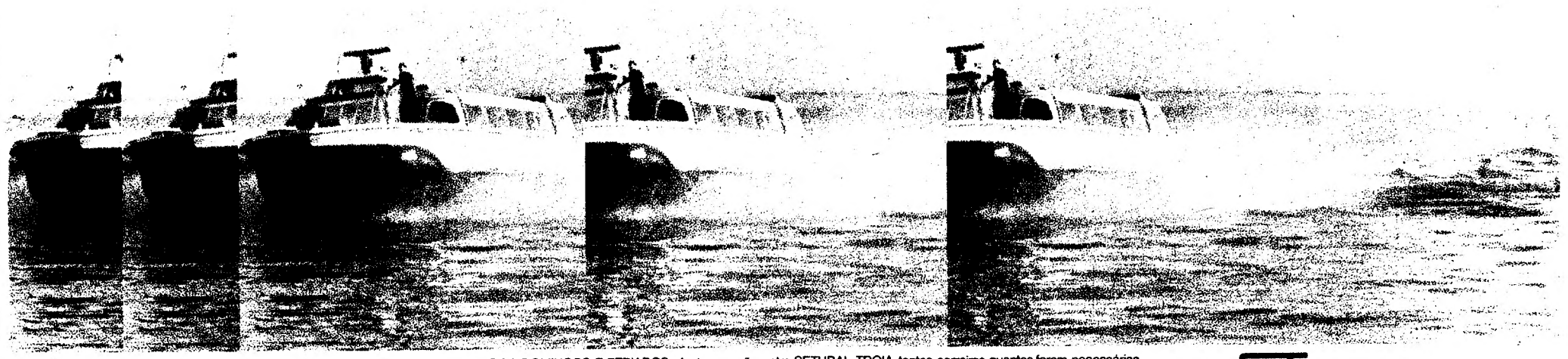
Mais uma vez cumprimentou e felicitou a Administração das Fábricas Triunfo, em especial o seu Presidente do Conselho de Administração, pelo contributo prestado por esta Empresa à valorização da indústria nacional.

Agradeceu as palavras de apoio à sua política de liberalização que tivera ocasião de ouvir e afirmou esperar que o exemplo da Juventude do Dr. Sousa Machado tivesse amplo seguimento entre os seus colegas de indústria.

três 3 hovercrafts para troia

TORRALTA - SOLTROIA - TROIAMAR

vá a Troia de hovercraft, conheça o empreendimento da TORRALTA e almoce ou jante num dos seus restaurantes.



DIAS UTEIS-SETUBAL-TROIA-SETUBAL carreiras com meia hora de intervalo.-SABADOS, DOMINGOS E FERIADOS efectuar-se-ão, entre SETUBAL-TROIA, tantas carreiras quantas forem necessárias.

SOCIEDADE TURISTICA PONTA DO ADOXE SARL STA

ORA DIGA-NOS ...

Concorda com os exames de aptidão à Universidade?

Discute-se, desde há muito, a necessidade ou validade dos exames de aptidão — que agora ocorrem nas três universidades do País.

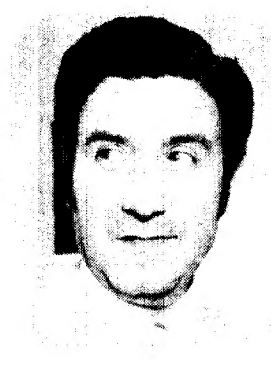
Ao acaso no Instituto Superior Técnico e no dia em que os referidos exames começavam ouvimos as seguintes respostas:

1 — Armando José Neves Mendes, candidato à Universidade:

— Se já fizemos os exames do 7.º ano, qual é a necessidade disto? Ainda por cima dispensa-se com média de 12 valores.

2 — Maria da Conceição Correia, finalista do Técnico:

— Não concordo. Acho que as provas do 7.º ano são mais que suficientes para se avaliar da capacidade dos alunos. Julgo que a explicação para isto estará no excesso de lotação das faculdades — pelo menos no respeitante ao Técnico.



3 — João Pessoa Duarte, desenhador:

— Concordo pois. É a possibilidade de se verificar se os alunos estão ou não aptos. Claro que para alguns o exame do 7.º ano seria suficiente, mas, noutros casos não chegarão.

Cem participantes no II Colóquio Nacional Juvenil de Arqueologia

Promovido pelo Centro Piloto de Arqueologia do Secretariado para a Juventude, começa na próxima segunda-feira — prolongando-se até 5 de Agosto — o II Colóquio Nacional Juvenil de Arqueologia, que decorrerá nas instalações do Liceu D. João de Castro. Participam no colóquio cem jovens de Lisboa, Porto, Vila Real, Setúbal, Beja e Faro, membros do Centro Piloto de Arqueologia e dos núcleos existentes naquelas cidades, que apresentarão 24 comunicações, acompanhadas da projecção de diapositivos, fotografias, desenhos, plantas, cortes e «croquis».

À sessão inaugural preside o ministro da Educação Nacional, assistindo igualmente o ministro das Obras Públicas e Comunicações e o subsecretário de Estado da Juventude e Desportos.

Promovido e organizado por jovens, orientados por arqueólogos, o colóquio destina-se apenas a estudantes interessados no estudo da Arqueologia, relacionando-se os temas das 24 comunicações a apresentar com aspectos teóricos e práticos dos vários períodos arqueológicos, desde a Pré-História à Arqueologia Arabe, com preferência sobre estações portuguesas, efectuando-se visitas a jazidas importantes para melhor compreensão dos assuntos apresentados a debate.

PROGRAMA

Na sessão inaugural, após as palavras de saudação e apresentação, são apresentadas duas comunicações: «Preparação da Campanha de Escavações de 1972 nas Herdades da Amoreinha dos Arcos e da Ovelheira», em Elvas, por Isabel Gaspar, Rui Savado, Pedro Barbosa, António Mendes e José Luís do Nascimento e, «Anta da Tapadinha», por João Madeira, todos do Centro Piloto de Arqueologia.

À tarde, a partir das 15 horas, serão apresentadas as seguintes comunicações: «Volubilis, capital da Mauritânia Romana»; Introdução à Pré-História da China»; «Arte Egípcia»; «Cetóbriga»; «Arte Arabe»; «As ruínas de Ossenoba».

No dia 1, com começo às 9 horas serão debatidos os assuntos seguintes:

«Falando de Cultura Megalítica»; «Breve introdução ao estudo da Cerâmica Grega»; «Paleontologia do Norte de Africa»; «Arqueologia da Região de Vila Real — Panóias»; «Antropologia Cultural».

De tarde, os jovens participarão em visitas guiadas ao Museu Nacional de Arqueologia e ao Teatro Romano de Lisboa (S. Mamede ao Caldas). Às 19 horas, serão recebidos no salão nobre dos Paços do Concelho de Lisboa pelo presidente da Câmara de Lisboa.

No dia 2, de manhã, serão debatidos os seguintes trabalhos: «Milreu — situação actual»; «Nótula sobre os bronzes romanos do Museu de Rabat»; «Paleontologia da Africa Ocidental»; «Agricultura no Império Romano» e «Lixus», Empório do Magreb».

De tarde, os participantes no colóquio visitarão as Grutas de Alapraia, em S. João do Estoril, o Museu Arqueológico de Cascais e a Estação do Monge, em Sintra.

No dia 3, a partir das 9 horas, os jovens assistirão ao debate das últimas comunicações: «Oleiros e pintores na Cerâmica Grega»; «Notícia histórica sobre a estação romana de Colipo»; «Paleontologia da Africa do Sul»; e «Arqueologia de Beja».

Das 11 e 30 às 13 horas, serão apresentadas e discutidas as actividades do Centro Piloto de Arqueologia, para 1972/73; criação dos núcleos de Arqueologia na Província, orientados pelo C.P.A. suas iniciativas e apoio técnico e financeiro a conceder-lhes; e estruturação e regulamentação das várias secções e actividades do C.P.A.

Das 15 às 17 horas, reunem-se as comissões para elaboração e redacção das conclusões do colóquio.

A sessão de encerramento, às 18 e 30, em que serão apresentadas as conclusões do colóquio será presidida pelo subsecretário de Estado da Juventude e Desportos.

Nesse mesmo dia, às 22 horas, no ginásio do Liceu, é exibido um filme sobre a visita às praças fortes portugueses em Marrocos e às estações arqueológicas da Mauritânia Romana.

No dia 4, os participantes visitarão Miróbriga, seguindo depois para Evora. No dia seguinte observarão o Teatro e Circo Romanos de Mérida, regressando mais tarde a Lisboa.

Durante a apresentação das comunicações, estarão presentes, orientando pedagógica e cientificamente os trabalhos, os arqueólogos prof. D. Fernando de Almeida, director da Faculdade de Letras de Lisboa, dr. Farinha dos Santos, conservador do Museu Nacional de Arqueologia, dr. Veiga Ferreira e dr. Georges Zbizewsky, arqueólogos dos Serviços Geológicos de Portugal e, ainda, o director e o subdirector do Centro Piloto de Arqueologia, drs. João Salvado e Maria Salette Simões.

PROFESSORES PRIMÁRIOS REUNEM-SE NO PORTO

Alguns professores primários, diplomados entre 1922 e 1927 pela Escola Normal do Porto, aproveitando a passagem das bodas de ouro do curso de 1922, resolveram organizar um dia de convívio no qual poderão participar todos os seus colegas actuais, bem como familiares.

O encontro que se realizará no próximo dia 1, na capital nortenha, iniciar-se-á às 10 horas com uma missa na Igreja de Cedofeita, prosseguindo com uma sessão solene na Escola Normal do Porto.

INDÚSTRIA HOTELEIRA: Contrato colectivo em conciliação

Sob a presidência do eng.º João Pedro Neves Clara, reuniu a direcção da Corporação dos Transportes e Turismo, que tomou conhecimento de que se vai dar início a mais uma tentativa de conciliação para celebração de novo contrato colectivo de trabalho entre os sindicatos filiados na Federação Regional dos Sindicatos dos Profissionais na Indústria Hoteleira e Similares do Sul e Ilhas Adjacentes e na sua congénere do norte, por um lado e, por outro, os grémios representando as actividades similares de hotelaria (restaurantes, cafés, pastelarias, confeitarias, salas de chá e casas de pasto).

Foi discutido e aprovado o regulamento interno da corporação e deliberou-se quanto à substituição do sr. João Moitas Diniz, recentemente falecido, nas funções que desempenhava, em representação da corporação, na comissão especializada de salários que funciona junto do conselho consultivo do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra e no Conselho Consultivo da Divisão Regional de Lisboa do Serviço Nacional de Emprego. Para ambos os cargos foi escolhido o comandante José Sequeira Marcelino, vice presidente do conselho da Secção dos Transportes Terrestres e Aéreos da corporação.

Por fim decidiu-se quanto à estrategia a seguir para a constituição superiormente determinada, de uma comissão técnica para estudo de uma portaria de regulamentação de trabalho para os profissionais metalúrgicos ao serviço de empresas não abrangidas pela decisão arbitral para a industria metalurgica e metalomecânica.

Foi emitido um voto de pesar pelo falecimento do sr. Alexandre de Almeida que durante anos foi director daquela corporação.

LUZES DE TRAVAGEM NO VIDRO TRASEIRO SÃO IRREGULARES

As luzes vermelhas rotativas indicativas do sinal de travagem que muitos automobilistas usam colocadas no vidro traseiro dos seus automóveis são irregulares.

A Direcção-Geral de Viação que emitiu este parecer afirma que no número 10 do Artigo 17 do Regulamento do Código de Estrada, as luzes de instalação facultativa e portanto as ditas luzes rotativas suplementares não podem ser colocadas a nível superior ao das luzes regulamentares de travagem.

Entende a mesma Direcção-Geral que as luzes com que vêm equipados os carros, uma vez limpas, são por si suficientes como indicativas do sinal de paragem.

Muitos automobilistas instalaram no canto superior esquerdo do vidro pára-brisas uma luz de coloração vermelha-lilás dirigida geralmente para a frente. Isto briga com o número 3 do Artigo 20 do Código de Estrada que afirma que em caso algum poderá ser utilizada uma luz ou reflector vermelho dirigido para a frente.

Assim, tais luzes só podem ser toleradas desde que o feixe luminoso não esteja virado para a frente e a sua intensidade e cor não causem confusão com os reflectores e luzes regulamentares de cor vermelha obrigatòriamente instalados na retaguarda dos veículos.

FUSÃO DE COOPERATIVAS

Seis cooperativas, quatro situadas na margem sul do Tejo e duas no Porto, foram incorporadas na Unicoop — União Cooperativa Abastecedora. A fusão agora sancionada em assembleia geral da Unicoop, visa evitar a dispersão e o enfraquecimento do cooperativismo de consumo na região de Lisboa e Porto, segundo se deduz do relato das assembleias gerais das cooperativas que tomaram esta decisão.

São as seguintes as cooperativas agora incorporadas na Unicoop: Sociedade Cooperativa Popular Barreirense; Sociedade Cooperativa Operária Barreirense; Sociedade Cooperativa de Consumo Progresso Banheirense; Cooperativa dos Consumidores de Pão (Sulcoop); Cooperativa «A Felgueirense»; Cooperativa «Esperança da Via Norte». Além das cooperativas referidas a Unicoop administra também a Cooperativa Almadense.

BOITE - CAVEAU
ATRACÇÕES
ABERTO DAS 22 ÀS 5 DA MANHÃ
GRUPO D
18 ANOS
FANTASMA
RUA GOMES FREIRE, 145 - B - C — TEL. 53 17 95

SE TEM AUTOMÓVEL
TEM DINHEIRO
Particular. Realize rápido sem mudar nome, s/ alterar seguro, até 24 meses. Sigilo. Rua D. Estefânia, 81, 3.º, dt.º Telefs. 4 00 49 - 56 37 51.
GUARDE ESTE ANÚNCIO

COMPRA
A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.
RUA DO GARRIDO, 73-A

PRÉDIO / ARREDORES
TODO ALUGADO
Muito próx. de Lisboa com vastos e constantes transportes de autoc. e outros, situação magnífica, construç. moderna, composto de loja e 4 pisos dir.º e esq.º, com 4 ass. coz.ª, c/ banho, desp.ª e sacadas por inq. PREÇO 2.150.000$00 — RENDE 148.800$00. MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rua do Ouro, 292-1.º — Telef. 369384 5 6 — 328232 3 — 361756

NOVA UNIDADE INDUSTRIAL — PORTO
Sita em vila limítrofe a 7 Km do Porto, própria para indústria pesada ou grande empresa de camionagem e (ou) armazenagem. Área coberta 16 000 m2 e não coberta de 35 000 m2, com bom pé direito próprio para pontes rolantes. Confrontando de frente com uma avenida e traseiras com uma rua, bons acessos e bons meios de comunicação. Ligações directas com Leixões, Pedras Rubras e Porto. Local com disponibilidade de mão-de-obra. Venda sem intermediários. Resposta ao nosso jornal n.º 606.

ONKYO
CANAIS STEREO
SOM CIRCUNDANTE

em 3 linhas

Foi publicado o decreto-lei do Ministério da Educação que torna gratuito o cumprimento da escolaridade obrigatória do ciclo preparatório, nas escolas públicas e nos postos oficiais da Telescola.

///

Foram autorizadas transferências de verbas no orçamento de Encargos Gerais da Nação, no montante de: 23 619 909$00.

///

Foi elevado para 520 000 o quantitativo fixado por lei, respeitante aos meios de apoio aos novos navios da Armado, a cujo efectivo foi aumentado o navio-patrulha «Zambeze».

///

O sr. Alvaro Manuel Alves Cardoso, inspector de segurança da D.G.S. foi reconduzido, por mais quatro anos, na comissão de serviço obrigatório na Delegação de Angola.

///

A dr.ª D. Magda Maria Gameiro de Oliveira, conservadora interina dos Registos Civil e Predial de Vila Viçosa foi nomeada, interinamente, para os lugares, entre si anexados, de conservadora do Registo Civil e notária de Constância.

///

O eng. silvicultor João Tiago Praça Nunes Mexia foi contratado como assistente além do quadro do 3.º grupo de disciplinas do Instituto Superior de Agronomia.

///

Foi nomeado director do Instituto de Investigação Científica de Lourenço Marques o prof. Jorge Veiga.

///

Está aberto concurso para provimento dos lugares de adido de embaixada do quadro de serviço diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

///

A Congregação das Missionárias Dominicanas do Santíssimo Rosário foi reconhecida como corporação missionária e autorizada a publicação da designação que passa a usar de Congregação de Irmãs Missionárias Dominicanas do Rosário.

///

Duzentos e noventa alunos requereram exames de admissão à Universidade de Luanda, na primeira época. O curso de Medicina regista o maior número de candidatos (sessenta e três), seguido do de Medicina Veterinária (trinta e oito).

///

Pelo prazo de quinze dias, pode ser requerido, em provimento interino, o lugar de conservador dos Registos Civil e Predial e notário de Fronteira (3.ª classe).

Novos dirigentes do Técnico

Os dirigentes da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico, agora homologados pelo ministro da Educação Nacional, foram eleitos numa assembleia geral reunida no passado dia 3. A Direcção da Associação, presidida pelo estudante Carlos Costa, compõe-se dos seguintes nomes: João Sarmento, Leonor Castro, Luís Ramos, Hídio Nunes, Eduardo Morgado, Mário Moreira e Ludgero Leite. À mesa da assembleia geral pertencem Fernando Valdez (presidente), Manuel Fernandes e Júlia Fernandes. O Conselho Fiscal é constituído por António Abreu (que preside), Augusto Luzia e Carlos Júlio.

JÓIAS ANTIGAS E MODERNAS
Compramos pelo mais alto preço.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António Tavares S. Ferreira, R. Dr. Francisco Borges Cruz — LAGARES DA BEIRA

as suas ferias 72
CAPRISTANOS TURISMO, LDA.
Av. Duque de Loulé 47 A Tel 560171

PARTIDAS EM AVIÃO DESDE LISBOA

LONDRES
5 dias ..... 2.900$00

INGLATERRA E ESCÓCIA
8 dias ..... 5.590$00
15 » ..... 8.630$00
Partidas:
7, 14, 21 e 28 de Agosto

PARIS E LONDRES
7 dias ..... 3.950$00

NEW YORK
9 dias ..... 8.140$00

ESTADOS UNIDOS
12 dias ..... 23.000$00

MUNIQUE (OKTOBERFEST)
FESTA DA CERVEJA
8 dias ..... 7.500$00

OKTOBERFEST E BERLIM
8 dias ..... 8.500$00

APRENDA INGLÊS EM INGLATERRA
2 semanas ..... 6.750$00

Partidas semanais

Pagamento até 12 meses

CONSULTE-NOS

OBRAS DEMORADAS

Duram há mais de um ano as obras de beneficiação da via que liga a Estrada de Sintra com a Reboleira e a Amadora. Mais pròpriamente as obras arrastam-se há um ano com todos os inconvenientes que tal situação acarreta para os milhares de pessoas que diàriamente utilizam aquela via.

Tour Estados Unidos

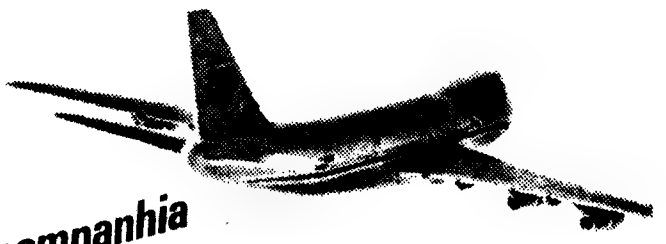
Tenha um "new look" dos Estados Unidos num tour de costa a costa!

Uma **viagem acompanhada,** LISBOA — ESTADOS UNIDOS — LISBOA, um TOUR não tradicional, que inclui a visita não apenas às importantes cidades de NEW YORK e WASHINGTON, mas também às da costa ocidental: LOS ANGELES e S. FRANCISCO debruçadas sobre o Pacífico, PHOENIX implantada no verdejante «Vale do Sol», LAS VEGAS com a sua trepidante vida nocturna e o sudoeste americano com o majestoso GRANDE CANYON. Um itinerário feito para se apreciar todo um mundo de paisagens e os múltiplos aspectos históricos e urbanísticos dum grande país, dum grande sub-continente.
Viagem **incluindo instalação em excelentes hotéis e a economia e comodidade do pequeno almoço e jantar no respectivo hotel ou restaurante, por Esc. 23 200$00.**
Para este TOUR foram estudadas visitas dirigidas aos pontos mais característicos e significativos de cada localidade.

Não perca esta oportunidade!
Projecte já a sua viagem. Partida no 747-B a 5 de Outubro e regresso a 16, igualmente no 747-B!

Procure o seu Agente de Viagens e peça programa detalhado.

De 5 a 16 de Outubro
U.S.A.
23.200$00



viaje na sua companhia

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

MARCA 1P-T-2-72

UMA COMPANHIA QUE CRESCE EM TERMOS DE FUTURO

CONSULTE A
WASTEELS EXPRESSO
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 88-C TEL. 42185
PARA O TOUR AMÉRICA DO NORTE

DL/ESTRANGEIRO

GREVE PARALISA OS PORTOS INGLESES

LONDRES, 28 (R) — Os estivadores britânicos iniciaram hoje uma greve à escala nacional, patrocinada pelo sindicato, a qual veio desfazer a esperança de que tivesse chegado ao fim a grave crise dos últimos dias.

Os delegados sindicais ao rejeitarem um novo sistema de trabalho recomendado pelo próprio sindicato, votaram ontem a favor de uma greve por período indefinido, precisamente quando tudo parecia regressar à normalidade.

Até ontem, os estivadores e milhares de outros trabalhadores encontravam-se em greve não oficial protestando contra a prisão de cinco estivadores que tinham desobedecido ao Tribunal do Trabalho continuando a fazer piquetes de protesto num entreposto de carga.

Os cinco homens foram, porém, libertados na quarta-feira e os trabalhadores começaram a regressar às suas ocupações ao mesmo tempo que o Congresso dos Sindicatos, que representa dez milhões de trabalhadores, cancelou uma greve geral projectada para segunda-feira.

No entanto, os elementos mais militantes entre os estivadores conseguiram ontem impor a sua posição sendo aprovada por maioria de votos a decisão de entrarem hoje em greve.

Com a paralisação total dos portos, a Grã-Bretanha está na perspectiva de sofrer a escassez de produtos vitais, incluindo alimentos importados do estrangeiro.

PREJUÍZOS ECONÓMICOS

Por outro lado, a greve deverá também prejudicar as exportações e o Governo receia que a economia venha a sofrer consideràvelmente com isso ao mesmo tempo que a confiança na estabilidade da libra sofrerá novas pressões.

A greve dos estivadores não foi declarada como protesto contra a nova legislação do trabalho introduzido pelo Governo conservador mas apenas por causa do problema da carga em contentores, cuja utilização faz diminuir a necessidade de mão-de-obra e é considerada pelos estivadores como uma ameaça à segurança dos seus empregos.

Assim, os delegados sindicais rejeitaram ontem as novas propostas elaboradas pelo patronato com a participação do secretário-geral do Sindicato dos Transportes. Essas propostas incluiam maiores indemnizações para os estivadores que voluntàriamente abandonassem a profissão ao mesmo tempo que garantia uma maior participação de estivadores no trabalho de arga e descarga dos contentores.

Os representantes do patronato e do sindicato vão hoje reunir-se novamente para tentarem modificar as propostas e torná-las mais aceitáveis para os estivadores.

O ministro do Trabalho, Maurice Macmillan, disse, ontem à noite, que o Governo não pensa por enquanto utilizar os poderes especiais da nova legislação, os quais desagradam profundamente aos sindicatos.

WILSON ACUSA O GOVERNO

«A nossa principal preocupação deve ser a de tentar salvar o projecto Aldington-Jones da acção dos militantes e ajudar a indústria a resolver sòzinha os seus problemas», disse o ministro.

Por seu turno, o chefe oposicionista Harold Wilson, acusou o Governo de ter adoptado uma atirude de força contra os sindicatos, a qual veio enfraquecer a posição dos dirigentes moderados em benefício dos elementos mais extremistas.

Falando na televisão, Wilson disse: «O que o Governo não percebe é que os problemas não se resolvem apenas por meio de leis. E com humanidade e com compreensão dos problemas dos trabalhadores em vez de os forçar a estas confrontações desnecessárias».

Os governamentais abandonam Quang - Tri

SAIGÃO, 28 (R.) — As tropas governamentais abandonaram a cidadela de Quang Tri, deixando aquela fortaleza em poder das forças norte-vietnamitas que a ocupam há três meses.

Um informador militar de Saigão disse que os pára-quedistas sul-vietnamitas que tinham penetrado na cidadela, bateram ontem em retirada e deviam ter sido substituídos por fuzileiros navais que tomaram posições a leste e a nordeste de Quang Tri, mas, por enquanto, os fuzileiros ainda não conseguiram penetrar novamente nas muralhas da fortaleza.

Segundo informações provenientes da frente de combate os fuzileiros foram repelidos por intenso fogo norte-vietnamita quando ontem tentaram penetrar de assalto na cidadela.

Este recuo é a segunda derrota sofrida pelas tropas governamentais nos últimos dois dias na frente norte. Os comunistas conseguiram abrir uma brecha nas defesas de Hué ao capturarem na quarta-feira à noite a importante base de Bastogne situada no topo de um monte a 20 km a oeste de Hué.

A área defendida pelas muralhas da cidadela construída no século XIX é um quadrilactero com cerca de 500 metros de lado e os efectivos norte-vietnamitas que ali se encontram têm sido calculados desde duas centenas de homens até um regimento completo.

HOSPITAL BOMBARDEADO

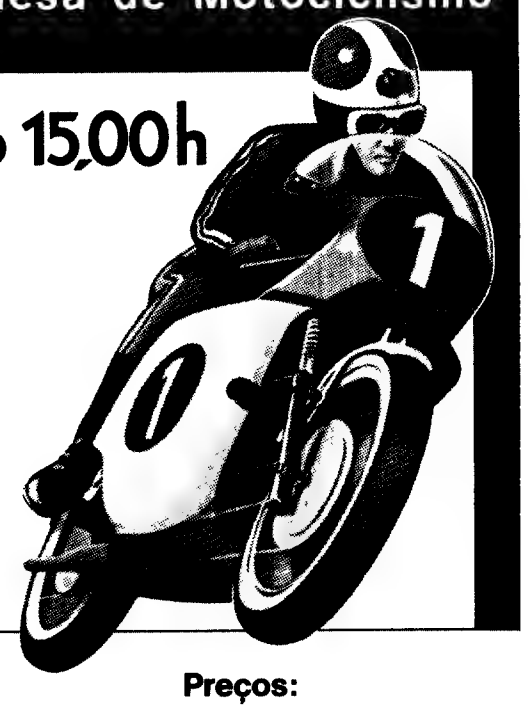
HONG-KONG, 28 (FP) — A agência de imprensa norte-Vietnamita (VNA) acusa hoje a aviação americana de ter lançado várias dúzias de bombas antipessoal e explosivas sobre o hospital de Vinh Linh, no Vietname do Norte, em 23 do corrente.

A agência indica que todos os edifícios e casas de habitação das redondezas foram destruídos. Houve nove mortos entre enfermeiros e doentes.

1º GRANDE PRÉMIO DE MOTOCICLISMO

Organização da Federação Portuguesa de Motociclismo

5/6 de Agosto 15,00h



Prova Ibérica:
50, 125/ e 250/ c.c.
Provas Nacionais:
50, 125/250
e 251/500 c.c.

Bilhetes à venda:
Em Lisboa:
Agências Abep e Abelha
No Estoril:
Junta de Turismo da Costa do Sol e nos escritórios do Autódromo

Preços:

Sábado, 5/8/72	Domingo, 6/8/72
Central – 40$00	Central – 50$00
Lateral – 25$00	Lateral – 30$00
Peão – 10$00	Peão – 15$00

Parques:
Autos: 10$00 – Motos: grátis

Transportes assegurados a partir do Cais do Sodré
Ligação em autocarro Estoril-Autódromo: 5$50

NOTA: Os possuidores de lugar cativo e os participantes com opção, têm de obter o bilhete de ingresso, que lhes será facultado contra a apresentação da senha correspondente à corrida n.º 2. O levantamento desses bilhetes deverá ser feito nos escritórios do Autódromo a partir do dia 1 de Agosto.

Espectáculo para m/ de 6 anos (grupo A)

autódromo do estoril
o maior empreendimento turístico-desportivo do país

morrison

com a presença do campeão do mundo, Angel Nieto, nas categorias de 50, 125 e 250 c.c.

A CAMPANHA ELEITORAL DE NIXON CONDICIONA O FIM DA GUERRA -Acusa McGovern

CUSTER (DAKOTA DO SUL), 28 (R) O candidato democrático senador McGovern anunciou, ter ficado chocado com a declaração feita por um alto funcionário do governo ligado à conferência de Paris, segundo o qual se deve esperar uma solução para a guerra do Vietname antes de Outubro.

«O presidente Nixon depois de ter prometido em 1968 pôr termo à guerra já permitiu que este terrível e inútil conflito se arrastasse por mais três anos e meio e aqueles que desejariam uma paz imediata não podem deixar de se sentir revoltados com a hipocrisia desta nova táctica política da administração» afirmou.

McGovern acusou o governo de deixar a conferência de Paris arrastar-se sem qualquer resultado a fim de a poder utilizar como última tentativa para influenciar o resultado das eleições em Novembro.

«E de lamentar-se esta aparente estratégia do presidente que consiste em fazer a guerra de modo conveniente para o seu programa eleitoral» declarou McGovern.

O CASO EAGLETON

O senador George McGovern está decidido a manter-se firme no seu apoio ao companheiro de lista senador Thomas Eagleton, apesar de aumentarem cada vez mais as pressões para que abandone um homem que já esteve internado por três vezes com problemas psiquiátricos, disseram hoje fontes ligadas ao candidato democrático à presidência.

Esta decisão foi tomada por McGovern depois de terem surgido novas acusações contra Eagleton, desta vez sobre uma suposta prisão por conduzir embriagado.

McGovern continua a ter confiança no senador Eagleton não tendo havido qualquer mudança na sua posição, declarou o secretário de Imprensa do candidato democrático.

Ao mesmo tempo, o senador McGovern proibiu todos os seus colaboradores de voltarem a comentar públicamente o assunto e num comunicado que fez distribuir disse: «Não quero mais comentários sobre esse assunto feitos por qualquer pessoa ligada à minha campanha, a não ser o senador Eagleton ou eu próprio».

Entretanto, o «New York Times» publica hoje um editorial sobre o assunto dizendo: «A única maneira da campanha poder voltar a ser uma verdadeira prova entre os programas e as capacidades do presidente Nixon e do seu rival democrático é através da retirada voluntária do senador Eagleton».

O jornalista Jack Anderson, famoso pela revelação pública de escândalos da vida americana, alegava ontem que Eagleton já fora detido uma vez no Missouri por conduzir embriagado. O senador Eagleton imediatamente negou essa acusaçao dizendo que há dez anos tinha sido multado por excesso de velocidade mas nunca teve qualquer problema com a policia por embriaguês.

O chefe da policia de viação do Missouri, coronel Mike Hockaday, confirmou que o excesso de velocidade tinha sido a única infracção registada não lhe constando que o senador alguma vez tivesse sido apanhado embriagado.

Reforços ingleses para o Ulster

BELFAST, 28 (F.P. e R.) Mais 4000 soldados britânicos vão ser enviados para a Irlanda do Norte ao mesmo tempo que parece estar a ser preparada em breve uma grande ofensiva contra o IRA.

Estes reforços, os mais numerosos desde que o exército iniciou as suas operações na província há três anos, começaram a chegar ontem e elevarão para 21000 o total dos efectivos militares britânicos que contam ainda com o regimento de defesa do Ulster, recrutrado entre a população local e composto por cerca de 9000 homens.

Ao anunciar o envio de mais tropas, o Ministério da Defesa britânica disse que após os atentados à bomba de sexta-feira em Belfast, o ministro William Whitelaw, responsável pela administração da província, declarou que seriam tomadas medidas decididas contra os responsáveis.

«Estes reforços são necessários para permitir que tal política seja levada a cabo», acrescentou o comunicado.

Nos últimos dias os soldados britânicos têm efectuado rusgas e prisões em larga escala durante as quais encontraram vários esconderijos de armas e explosivos e prenderam 150 suspeitos. Os observadores locais pensam que a chegada dos reforços significa que o exército vai intensificar a sua acção contra os redutos católicos, podendo mesmo aventurar-se a penetrar nos bairros entrincheirados de Bogside e Creggan, em Londonderry.

Até agora, Whitelaw tem resistido às pressões dos protestantes que pedem o desmantelamento desses redutos, dizendo que uma tal acção poria em perigo as vidas de mulheres e crianças inocentes.

Entretanto foram presas três pessoas a noite passada nesta cidade depois de um tiroteio na zona católica em que as forças da ordem não participaram.

No leste da cidade, depois dos incidentes entre católicos e protestantes que duraram duas horas, um «PUB» foi incendiado. O exército teve de intervir para separar os amotinados

OS EXAMES DE ONTEM — PONTOS E SOLUÇÕES

1.ª PROVA **Ano de 1972**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

ENSINO TÉCNICO PROFISSIONAL

Curso Geral de Comércio

EXAME DE APTIDÃO

Antes de iniciar a sua prova **verifique se no material que lhe foi distribuído se encontram os seguintes elementos:**

1. ½ folha de papel comercial, para correspondência;
2. ½ folha de papel comercial, para os cálculos;
3. 1 folha de papel c/ riscado «Diário»;
4. 1 folha para contas correntes;
5. 1 folha c/ riscado «Razão»;
6. Os seguintes documentos:
   - 6.1. Uma nota de lançamento;
   - 6.2. Uma letra;
   - 6.3. Uma conta de venda;
7. 2 folhas de papel para rascunhos.

Escreva o seu número de pauta no canto superior direito de cada um dos referidos elementos.

Na elaboração da prova tenha em atenção:

— Que a apresentação estética e a disposição racional dos trabalhos são levadas em conta na classificação final;

— Que deve ser metódico e efectuar os trabalhos pela ordem por que são pedidos, dado que a prova obedece a uma sequência;

— Se não souber executar qualquer fase do trabalho, atribua um valor aceitável e prossiga.

Trabalhos a apresentar

CÁLCULOS

1 — Valor corrigido da factura n.º 370, de 1 de Junho.

2 — Valor do produto líquido do desconto do saque n.º 47, aceite de Martins, Soares, L.da (operação do dia 13).

3 — Líquido produto da conta de venda enviada a Mendonça & Filhos, L.da, no dia 17.

4 — Valor dos juros da conta corrente com o Banco Comercial, em 30 de Junho, calculados à taxa de 1 %, pelo método hamburguês.

DOCUMENTAÇÃO

1 — Nota de lançamento n.º 32 a rectificar a factura n.º 370, de 1 de Junho, referida no dia 2.

2 — Letra sacada no dia 3, sobre Martins, Soares, L.da, com todas as operações, desde a emissão até ao recibo (a letra foi paga no dia do vencimento).

3 — Conta de venda n.º 132, enviada a Mendonça, Filhos, L.da, no dia 17.

ESCRITURAÇÃO

1 — Lançamentos no Diário Geral Analítico de Vinício Salvador das operações realizadas nos dias 2, 8, 13, 15, 17 e 19.

2 — Conta de Consignação C/ Alheia n.º 48 do Razão auxiliar respectivo, relativa a todo o movimento verificado nos dias 8, 15 e 17.

3 — Conta corrente, pelo método hamburguês, com o Banco Comercial, com juros à taxa de 1 %, referidos a 30 de Junho.

4 — Ficha de Mercadorias — Vinho branco «Alvor», com apuramento da existência em 30 de Junho, ao preço médio, sabendo que no início do mês a existência era de 500 caixas, a 170$/cx.

CORRESPONDÊNCIA

Carta enviada no dia 2 de Junho a Martins, Soares, L.da

Vinício Salvador, com loja e armazém na Rua Visconde da Luz, 2 a 6, em Coimbra, dedica-se ao comércio de vinhos engarrafados. Utiliza na sua escrita o sistema clássico, sendo ele próprio quem contabiliza as suas operações. Durante o mês de Junho efectuou, entre outras, as seguintes transacções:

Dia 1 — Enviou ao seu cliente Martins, Soares, L.da, a seguinte factura:

VINÍCIO SALVADOR
COMÉRCIO DE VINHOS
Rua de Viscende da Luz, 2 a 6
COIMBRA
Tele fone: / gramas:

Factura n.º 370
Coimbra, 1 de Junho de 1971
O(s) Ilmo(s). Sr(s). Martins, Soares, L.da
Rua da Sofia, 3
COIMBRA

Condições: Entrega no n/ armazém; Pagamento contra letra a 60 d/v

DEVE(M)

Quantidades	Unidades	Designação	Preço unitário	Importâncias
400	cxs	Vinho branco «Alvor»	230 00	92 000 00
		Desconto de 10 % 5 %		9 200 00
				82 800 00
		São oitenta e dois mil e oitocentos escudos		

Dia 2 — Enviou a Martins, Soares, L.da, a sua nota de lançamento n.º 32 para rectificar a sua factura n.º 370, de 1 do corrente, acompanhada de carta apresentando desculpas e justificando o engano.

Dia 3 — Emitiu o seu saque n.º 47 sobre Martins, Soares, L.da, a 60 d/ vista, saque que lhe foi devolvido, no mesmo dia, devidamente aceite. Foi avalista a favor do aceitante Horácio Cunha Sandiares.

Dia 4 — Depositou no Banco Comercial 7660$. O valor dos seus depósitos nesse banco atingiu assim o montante de 216 420$.

Dia 8 — Recebeu, à consignação, de Mendonça & Filhos, L.da, de Vila Nova de Gaia, 50 caixas de vinho tinto «Torreal», para venda ao melhor. (Preço mínimo de 200$/cx.)

Condições: comissão, 5 %. Delcredere, 1 %.

Dia 13 — Descontou no Banco Comercial o seu saque n.º 47, à taxa de 6,5 %, ficando o valor líquido do desconto depositado à sua ordem. Imposto, 3 %.

Dia 15 — Vendeu (s/ factura n.º 385) a Mariano Silva Pinto as 50 caixas de vinho tinto «Torreal» que lhe haviam sido consignadas por Mendonça & Filhos, L.da

Condições: 230$/cx. Entrega imediata no armazém do comprador. Pagamento a 30 dias.

Pagou despesas de transporte — 60$.

Dia 16 — Emitiu o seguinte documento:

Banco COMERCIAL
COIMBRA
N.º 670
Transporte 294 319$20
$
$
$
$
294 319$20
Cheque n.º H-246 832 11 600$00
A transportar 282 719$20
Pagamento a Marques Pinto L.da
Coimbra, 21 de Junho de 1971

SELO DE CHEQUE $10

N.º 670
Banco COMERCIAL
COIMBRA
ESC. 11 600$00
Pague, por este cheque, a Marques Pinto L.da
Coimbra
a importância de onze mil e seiscentos escudos
Coimbra, 21 de Junho de 1971
Vinício Salvador

Dia 17 — Enviou a Mendonça & Filhos, L.da, a sua conta de venda n.º 132.

Dia 19 — Contabilizou o seguinte documento:

FÁBRICA DE MÓVEIS, L.DA
Lisboa
LISBOA
Recibo n.º 213
ESC. 11 400$00
Recebido do(s) Ilmo.(s) Sr.(s) Vinício Salvador
Rua Visconde da Luz, 2 a 6 Coimbra
a importância de onze mil e quatrocentos escudos
relativa a pagamento por conta do seu débito
Lisboa, 16 de Junho de 1971
Importância ilíquida $
Desconto % $
$ $
Líquido a cobrar 11 400$00
O gerente,
10$00 16 6 71 | 1$00 16 6 71 | $40 16 6 71
Silvio Morais

Dia 23 — Comprou a Martins & Nobre Barreto, L.da, do Porto, 150 caixas de vinho branco «Alvor», a 185$/cx. Pagamento a 60 dias.

CÁLCULOS

1 - Valor corrigido da fact.ª n.º 370, de 1 de Junho
- Valor ilíquido 92000$00
- 1.º desconto 10/100 x 92000$00 = 9200$00
82 800$00
- 2.º desconto - 5/100 x 82800$00 = 4140$00
78 660$00

2 - Valor do produto líquido do desconto do saque n.º 47, aceite de Martins, Soares, L.da
D = Cnt / 36000   D = 78660$00 x 6,5 x 52 / 36000
D = 738$53 ≃ 738$60
I = 3/100 x 738$60
I = 22$158 ≃ 22$20
Total dos encargos 760$80
Líquido produto do desconto
78660$00 − 760$80 = 77899$20

3 - Líquido produto da conta de venda enviada a Mendonça & Filhos, L.da, no dia 17
- Valor ilíquido 50 x 230$00 = 11500$00
- Despesas 60$00
- Comissão 5/100 x 11500$00 = 575$00
- Delcredere 1/100 x 11500$00 = 115$00   750$00
Líquido produto 10750$00

4 - Valor dos juros da conta corrente com o Banco Comercial, em 30 de Junho, calculados à taxa de 1 %, pelo método hamburguês
1.º saldo 208 760$00 x 4 = 83 504 000
(216 420$00 − 7 660$00)
+ 7 760$00
2.º saldo 216 420$00 x 9 = 194 778 000
+ 77 899$20
3.º saldo 294 319$20 x 8 = 235 455 360
− 11 600$00
4.º saldo 282 719$20 x 9 = 254 447 280
Total dos números 768 184 640
J = ΣN / δ   δ = 36000 / 1 = 36000
J = 768 184 640 / 36000
J = 213$38
J ≃ 213$40

VINÍCIO SALVADOR
COIMBRA.

Nota N.º 32
Lisboa, 2 de Junho de 1971.
Il.mos Srs. Martins, Soares, L.da
Rua da Sofia, 3
COIMBRA

Sirva-se V. S.ª notar que fizemos, na sua conta, os lançamentos abaixo indicados.
Somos, com estima e consideração,
De V. S.ª
Mto. Atto. e Venr.
Vinício Salvador

DESCRIÇÃO	A DÉBITO	A CRÉDITO
Desconto de 5 % s/ 82800$00 que, por lapso, não havia sido considerado na m/ fact.ª n.º 370		4140,00

VINÍCIO SALVADOR
COMÉRCIO DE VINHOS
R. Visconde da Luz, 2 a 6
COIMBRA
Comissões e Consignações
Tele fone 63800 / gramas CONSIL
Conta de Venda N.º 132
Coimbra, 17 de Junho de 1971

Conta de Venda e produto líquido das mercadorias transaccionadas por conta e ordem do(s)
Ilmo(s). Sr.(s). Mendonça & Filhos, L.da
Rua do Pilar, 25
Vila Nova de Gaia

50 cxs	VENDAS realizadas a prazo de vinho tinto «Torreal» / 230$00			11 500,00
	DESPESAS E COMISSÕES			
	- Despesa de transporte		60,00	
	- Comissão de 5 % s/ 11500$00		575,00	
	- Delcredere de 1 % s/ 11500$00		115,00	750,00
				10 750,00
	São dez mil, setecentos e cinquenta escudos			

Vinício Salvador

CORRESPONDÊNCIA

Informa do lapso cometido na factura n.º 370 e da rectificação constante da nota de lançamento n.º 32, inclusa na carta.
Apresenta desculpas e justifica o engano.
Termina com os cumprimentos habituais.

Coimbra, 19 de Junho de 1971
Transporte
Credores
a Caixa
Martins & Nobre Barreto, L.da
M/ pag.to por conta do m/ débito, s/ recibo n.º 670   11 400,00

FACE DA LETRA

Coimbra, 3 de Junho de 1971   Esc. [redacted]
A 60 dias de vista pagarão V. Ex.as por esta única
[redacted]
valor da m/ fact.ª n.º 370 e N/Crédito n.º 32
Aos Ex.mos Srs. Martins, Soares, L.da
R. da Sofia, 3
COIMBRA
Vinício Salvador
IMPOSTO DO SELO • LETRAS
150$00
Custo do Papel e Impressão: $30
7$00 3-VI-71 | $40 3-VI-71
Por aval ao aceitante Horácio Cunha Sandiares
Aceite Coimbra, 3 de Junho de 1971 Martins, Soares, L.da

VERSO DA LETRA

Pague-se ao Banco Comercial ou à sua ordem
Valor em depósito
Coimbra, 13 de Junho de 1971
Vinício Salvador
Recebido
Coimbra, 2 de Agosto de 1971
BANCO COMERCIAL
O administrador

Banco Comercial   Juro a 1 %

Datas		OPERAÇÕES	Importâncias ou Capitais	Dias	Números
1971 Junho	1	Saldo da c/antiga, encerrada em 31/5	208 760 00	4	83 504 000
			208 760 00		
	4	M/depósito	7 660 00		
			216 420 00	9	194 778 000
	13	Depósito do líquido produto dum desc.to	77 899 20		
			294 319 20	8	235 455 360
	21	M/cheque n.º 670	11 600 00		
			282 719 20	9	254 447 280
	30	Juro a 1 % s/o n.º 768 184 640	213 40		
	"	Saldo para o mês seguinte	282 932 60		768 184 640

Mercadorias Gerais   Vinho Branco «Alvor»   UNIDADE Caixa

DATA	DESCRIÇÃO	Quant. D	Quant. H	Quant. S	Preços D	Preços H	Preços S	Import. D	Import. H	Import. S	N/S
1/VI/71	Existência n/ data	500	-	500	170,00	-	170,00	85 000,00	-	85 000,00	D
1/VI/71	Venda contra letra	-	400	100	-	207,00	170,00	-	82 800,00	2 200,00	D
2/VI/71	Rectificação do quantitativo da venda	-	-	100	-	196,65	170,00	4 140,00	-	6 340,00	D
23/VI/71	Compra a prazo	150	-	250	185,00	-	173,46	27 750,00	-	34 090,00	D
30/VI/71	Lucro verificado							9 275,00	-	43 365,00	D
30/VI/71	Existência final	-	250	-	-	173,46	-	-	43 365,00		

Deve   Consignação de C/alheia n.º 48 - Mendonça & F.º, L.da - V. N. de Gaia   Haver

1971 Junho	15	Despesas de transporte	60,00	1971 Junho	15	Vendas a prazo	11 500,00
	17	Comissão de 5 % s/ 11 500$00	575,00				
	"	Delcredere de 1 % s/ 11 500$00	115,00				
	"	Líquido produto da c/ venda	10 750,00				
			11 500,00				11 500,00

Continua na pág. seguinte

CASSIUS CLAY EM LISBOA:

NEUTRALIDADE AO PEQUENO ALMOÇO

Cassius Clay informa o funcionário da companhia de aviação da constituição da sua comitiva

Nixon ou McGovern?

(Pergunta da praxe, em altura de propaganda eleitoral, a qualquer americano susceptível de, com a sua opinião, influenciar os eleitores do seu país: e, colocada de imediato a Cassius Clay, quando esta manhã parou em Lisboa, no caminho de Nova Iorque para Casablanca.

— «**Tanto me faz**» — murmurou entre dentes o pretendente ao título mundial de todas as categorias, acompanhando a curta frase de um encolher de ombros como que a querer dizer: «**O mal é o mesmo**».

Adiando a sua viagem por dois dias, tempo que estava previsto passar no Estoril, na companhia do treinador e do empresário, o pugilista ex-campeão do Mundo apenas se demorou no Aeroporto de Lisboa uma escassa meia centena de minutos, enquanto o avião metia gasolina para o resto da viagem Nova Iorque-Boston-Lisboa-Casablanca, atendendo os jornalistas portugueses que o esperavam (em grande número e alguns desde as seis horas da manhã). Enquanto tomava o pequeno almoço, (uma chávena de café com leite, de goles sorvidos lentamente) Clay ia dando respostas a perguntas dos circunstantes:

A sua provável vitória sobre Joe Frazier, poderá vir a influênciar os movimentos negros nos Estados Unidos?

— **Concerteza, sobretudo se for bem aproveitada.**

— **Mas, bem aproveitada como? Colorindo-a politicamente com as cores e doutrinas do «Black Power»?**

— **Desculpem, mas eu aqui sou apenas um pugilista em trânsito. Politicamente, e neste momento, tenho de ser neutral. Preocupa-me essencialmente a preparação do combate com Joe Frazier, em princípio aprazado para Novembro em data que só o meu empresário pode confirmar. A exibição que vou fazer a Casablanca, amanhã, é o nono «match» dessa intensiva preparação.**

E, pouco mais disse Muhamad Ali», o moderno Batman», da canção de Jorge Ben, o pugilista que entre as quatro cordas «tem a elegância de um team de futebol em 4-3-3 e cadência vibrante do meu samba» (ainda Jorge Ben e a canção linda «Salvé, King Clay». Na sua companhia, seguiam mais quatro pessoas, entre as quais três mulheres: a mãe (Odessa Clay), a esposa (Belinda Ali) e uma amiga de família, jovem e bonita (Pat Howell).

Comitiva folclórica, mas sossegada. Clay, atencioso: mas não demasiado. Respondendo (sim) mas em frases curtas, desinteressadas e até convencionais. Nítido de quem sabe que se deve mostrar amável, mas deseja apenas (e simplesmente) tomar um pequeno almoço na calma que não lhe concedem. Às dez e um quarto entrou de novo na pista, acompanhado por funcionários do Aeroporto, para tomar lugar no avião e prosseguir viagem até ao título mundial que o espera, sobre um ringue qualquer da Califórnia.

Na terça-feira, novo embate desta feita em Barcelona, contra Goyo Peralta. A 20 de Setembro, no Madison Square Garden, já uma peleja importante: contra Floyd Paterson. Depois, a vertigem de Frazier. Com a certeza de, à segunda tentativa com o outro colosso negro, estar «**m''hor do que nunca e em actividade constante**».

O Clay de hoje não é mais o mesmo que perdeu um combate memorável, apos um ano e tal de permanência na prisão, por se haver recusado a cumprir o serviço militar no Vietname.

Foi a esse Clay que os transeuntes ensonados da Portela pediram autografos, omo recordação de uma celebridade: das maiores de hoje.

Aliás, Clay é fácilmente reconhecível, ainda que ao natural nos surgisse de tez muito mais clara do que o suposto. Cor acastanhada, idumentária idêntica, ar impressionante de segurança no seu metro e noventa e tal, sensação de força em cem quilos de peso equilibradamente distribuidos. Um senhor. Ainda que de poucas falas(como se disse) até para confirmar perguntas sobre a sua identidade:

— **Sim, sou dirigente dos muçulmanos negros e somos cada vez mais. Pode ser que a minha actividade tenha contribuido para isso, como contribuirá ainda mais a vitória, que posso conseguir, reconquistando o ceptro mundial.**

O CRIME DO CASAL SANCHO

Apesar dos esforços das autoridades, continua por descobrir o autor da morte da pequenita Maria Luísa, de 6 anos, bàrbaramente assassinada no lugar de Casal Sancho, da freguesia de Santar, concelho de Nelas, como já foi largamente divulgado.

A Polícia Judiciária de Lisboa, que está encarregada das invertigações, tenta deitar a mão ao assassino a todo o momento, tendo já detido várias pessoas para interrogatório, as quais foram postas em liberdade, por se ter apurado não estarem relacionadas com o crime.

Entretanto, chegou àquela localidade o pai da criança assassinada, Aurélio Fradique Beja, emigrante em França.

As unvestigações prosseguem.

HOMENAGEM AOS DESCOBRIDORES

Com a presença do ministro da Marinha e do embaixador da Itália em Lisboa, o comandante do navio-escola Amerigo Vespucci, que se encontra desde ontem no cais da Rocha de Conde de Obidos, bem como uma representação dos oficiais e cadetes que seguem a bordo, prestaram esta manhã homenagem aos descobridores, junto ao Padrão dos Descobrimentos, em Belém.

A cerimónia consistiu na deposição de um ramo de flores na base do monumento, pelo comandante daquela unidade naval, tendo no momento as forças apresentado armas e a banda tocado os hinos nacionais da Itália e de Portugal.

Estiveram também presentes, o adido naval, os oficiais do «Amerigo Vespucci», e chefe do Estado-Maior da Armada, o comandante naval do Continente, o comandante da Escola Naval e outros oficiais.

No domingo, às 11 e 30, a bordo, é celebrada missa, para a qual são convidados a assistir todos súbditos italianos presentes em Lisboa. No final será servido um beberete.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela casa António Lopes A.dos Santos, «Café Central» — SOBRAL DE MONTE AGRAÇO

Grupo D (M/21)

MÚSICA AMBIENTE
C/ SINGULAR QUARTETO

CAFÉ bote

RUA CAMILO CASTELO BRANCO, 23-A · · · LISBOA

BOM APETITE

RESTAURANTE
VELEIRO
PRAIA DE CARCAVELOS
NOVA GERÊNCIA
DIÁRIAMENTE ESPECIALIDADES
DA COZINHA PORTUGUESA

TONI DOS BIFES
Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 53 60 80
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
ARROZ À VALENCIANA

RESTAURANTE
SNACK-BAR
Colina
Rua Filipe Folque, 46-A
Telef. 560209
AMANHÃ
DOBRADA À COLINA
DOMINGO
PATO À COLINA

Estalagem «A GRUTA DO RIO»
RIO DE MOURO
Telef. 2 98 05 35
(Auto-Estrada para Sintra)
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
BACALHAU À LAGAREIRA
E
CABRITO NO CHURRASCO
SALÃO PRÓPRIO
PARA BANQUETES

ADEGA MESQUITA
ceie

ESTALAGEM D. SANCHO II
ELVAS — Telef. 127
COZINHA REGIONAL -- SERVIÇO DE BAR NO TERRAÇO PANORÂMICO PARA ESPANHA — ESMERADO SERVIÇO DE MESA
QUARTOS CONFORTÁVEIS
NO SEU FIM-DE-SEMANA VISITE ELVAS E BADAJOZ

RESTAURANTE E BAR
DO
HOTEL ALVORADA
ESTORIL
COZINHA PRIMOROSA
E VARIADA
(Contratos especiais em casamentos, baptizados e banquetes)
Telef. 260070 (Frente do casino)

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Continuação da página anterior

Coimbra, 3 de Junho de 1971
Transporte

Mercadorias
a Devedores
Vinho branco "Alva"
a Martins, Soares, Lda
M/Crédito nº 32, relativo a
um desconto não mencionado
na factura nº 370 — 4,40

8

Mercadorias de c/alheia
a Credores por Consignações
Vinho Tinto "Torreal"
a Mendonça & Fº, Lda
M/recebimento, para venda ao
melhor, 50 cxs, facturadas pro-
visòriamente a 200$/cx — 10 000,00

13

Diversos
a Letras a Receber
P/desconto do m/saque nº 47
Depósitos à Ordem
Banco Comercial
P/crédito produto depositado — 7 899,20
Juros e Descontos
P/encargo bancários de desconto — 760,80 — 7 860,00

15

Consignações de c/alheia (Consignantes)
a Caixa
Mendonça & Fº, Lda
Despesas de transporte
A transportar — 60,00

Coimbra, 15 de Junho de 1971
Transporte

Devedores
a Consignações de c/alheia (Consignantes)
Mariano Silva Pinto
a Mendonça & Fº, Lda
M/venda a 30 dias, de 50 cxs
1/330$00, de Vinho Tinto "Torreal"
da Cons.ção de Cª nº 18 — 11 500,00

17

Consignações de c/alheia (Consignantes)
a Comissões
Mendonça & Fº, Lda
Reforço da comissão de devedores — 690,00

"

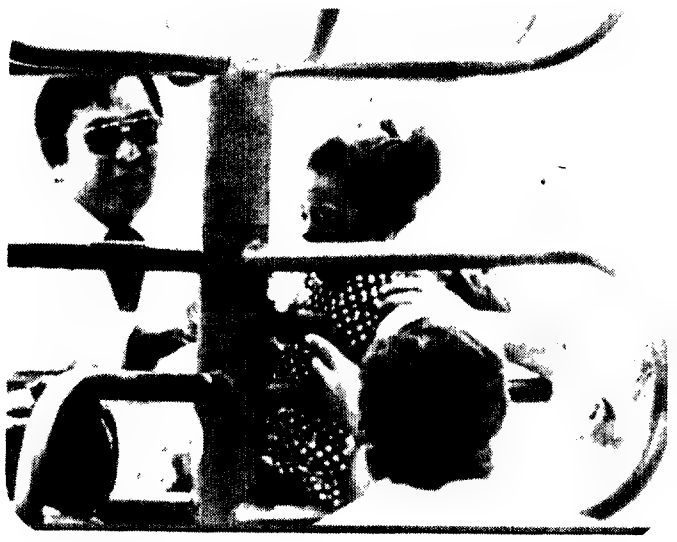
Cons.ção de c/alheia (Consignantes)
a Credores
Mendonça & Fº, Lda
a Mendonça & Fº, Lda
Transferência da 1ª para a 2ª
do lig.º prod.º da c/venda — 10 750,00

"

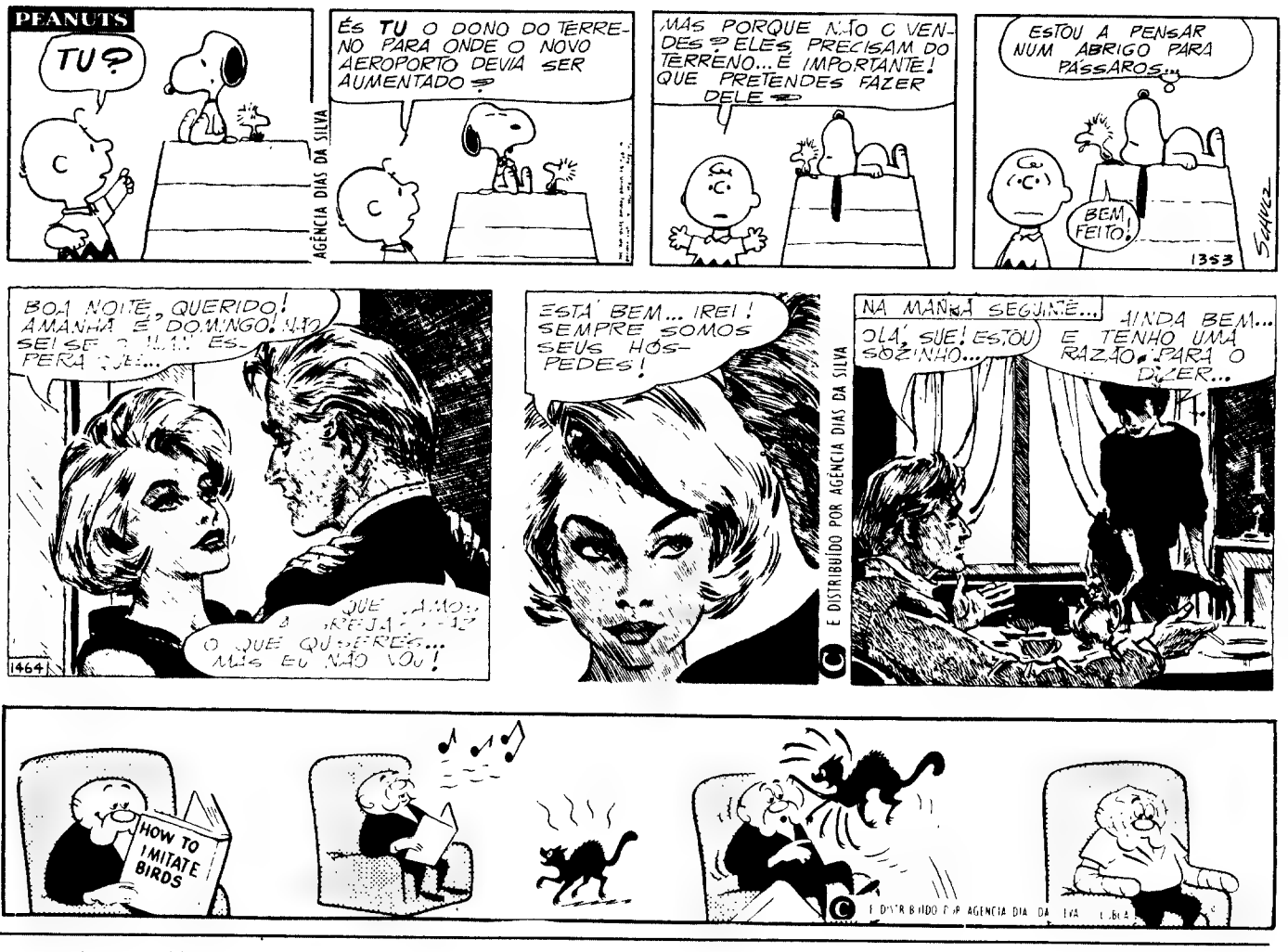
Credores por Consignações
a Mercadorias de c/alheia
Mendonça & Fº, Lda
a Vinho Tinto "Torreal"
Por anulação do lançamento pro-
visório do dia 8 — 1 000,00

A transportar

ORDEM PARA SALVAR



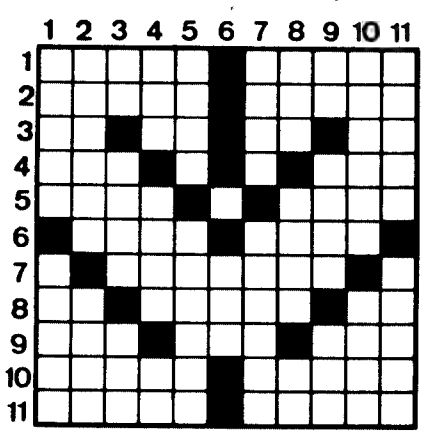
Com um dedo quase cortado, preso no pequeno carrossel do recreio de uma escola, de Gainesville (Florida) uma menina de cinco anos sofreu, chorando convulsivamente durante setenta minutos, enquanto o director, um médico, agentes da polícia e bombeiros aguardavam autorização dos pais para a ajudar. «Os nossos movimentos estavam presos» — declarou o director, Matthew Paramore, explicando que, se fizesse alguma coisa pela garota sem autorização dos pais podiam ser processados. Depois de a polícia ter encontrado a mãe, por intermédio de uma tia cujo nome a pequena Melinda Graham lhes deu, entre soluços — a autorização para libertar o dedo preso foi registada para fins legais e Melinda pode finalmente ser conduzida ao hospital, onde os médicos afirmaram ter esperanças de voltar a unir o dedo indicador da mão esquerda que ficou apenas preso pela pele. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)



Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10150



HORIZONTAIS:

1 Género de crustáceos fósseis do grupo dos trilobitas. Fruta secá, especialmente uvas
2 Ocultar Fazer ligação de.
3 Rado (s.q.). Letra do alfabeto árabe. Pronome pessoal. Neon (s.q.)
4 Freguesia do concelho de Condeixa-a-Nova. Nome de letra.
5 Supremo. Artigo definido. Embarcação (fig).
6 Rio de França. Eduque
7 Canto ou discurso harmonioso.
8 Abreviatura que se usa em música. Terreno cultivado, em Antola. Paralisia.
9 Um cento. Pega. Cólera
10 Liguei Contribuição ou imposto em Ceilão
11 Carimbas Odor

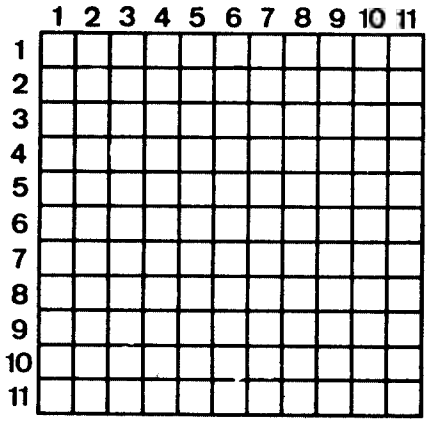
VERTICAIS:

1 Irritantes. Chinelas (Prov)
2 Raça (fig). Roga.
3 O mais. Causa amuo a Docura
4 Realiza. Proteja. Batráquio
5 Estavam. Vagueias
6 Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Águeda
7 Extremidade de âncora. Grande quantidade.
8 Ice. Equipo. Érbio (s.q.) (Nota musical Azedume do estomago Levanto
10 Hemolinfa O mesmo que arão.
11 Praia Engole (Fam)

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6308



HORIZONTAIS:

1 Freguesia do concelho de Boticas (Vila Real) Cidade de Inglaterra.
2 Concordo. Largo de Lisboa.
3 Pequeno povoado. Esmagar.
4 Dá mios Freguesia do concelho de Condeixa-a-Nova.
5 Elemento de composição de palavras que exprime a ideia de base, sustentáculo Cousa nenhuma
6 Em as. Passe ràpidamente (fig) Género de crustáceos
7 Ouro (s.q.). Rio de Portugal. Prefixo de negação.
8 Pessoa animal ou objecto a que se atribui a possibilidade de dar ventura
9 Desabar. Hipofosfito de ferro (quim)
10 Região da Grécia antiga, na costa ocidental do Peloponeso O mesmo que atacador.
11 Surgir. Medo.

VERTICAIS

1 Carne de gado vacum Rebentar
2 Magnete natural. Búfalo de Angola. Nome que os Mulçulmanos dão ao seu Deus
3 Pessoas magras (fig) Mil e três em romano
4 Freguesia do concelho de Ponte de Lima Prego miudo
5 Manchas Alteza Real
6 Calculo.
7 Descre o. Antigo Testamento
8 Cidade da Polónia. Inflamação do ouvido.
9 Alface (fig) Estavam
10 Freguesia do concelho de Alenquer Uma ds Novas Hébridas, na Melanesia Vazio.
11 Vila e concelho do distrito de Évora Meter em mala

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10149

HORIZONTAIS:

1 Camas Acara.
2 Araba. Notam
3 Retas. Ocaso.
4 MAIO Asar.
5 Ora. Aos Cie
6 Sambava
7 Pá. Cargo. Fa.
8 Ar. Arara La.
9 Resta. Arder.
10 Dá. AR. At.
11 Olbia. Amuro.

VERTICAIS:

1 Carmo PARDO
2 Arear. Areal.
3 Matias
4 Abão. Acatai.
5 Sás. Amarara.
6 Cobra.
7 ANO Sagrada.
8 Coca. Voaram.
9 Atasca.
10 Rasai Alegar
11 Amoré. FARTO.

Proverbio· MAIO PARDO, ANO FARTO

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6307

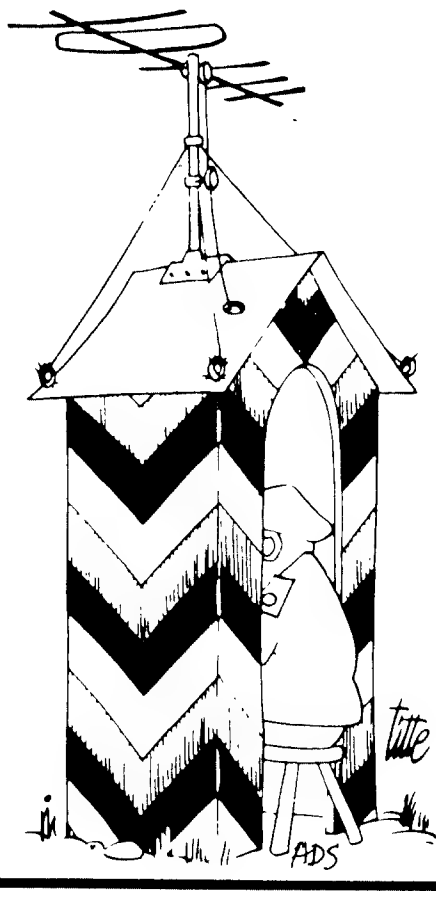
HORIZONTAIS:

1 Fatia. Coral
2 Adua. Ivata.
3 Liana. Ma. Ru.
4 Sa. Impa. Aar
5 Até Sonsa
6 Paz Iço.
7 Foral Dra
8 Ero Unia Ar
9 It. Os Araci.
10 Raivar Anis.
11 Aoros Amoré

VERTICAIS:

1 Falsa Feira.
2 Adiá. Portão. Ir
3 Tua. Aaro. Ir
4 Ianitza. Ovo.
5 Ame Lusas
7 Camas. Dia.
8 Ova Oiraram
9 Ra. Anca Ano
10 Atraso. Rica.
11 Laura Crise.

SEM PALAVRAS



DL/DESPORTOS

OLIMPÍADAS À PORTA

Hoje, ao meio-dia, iniciou-se a viagem em Augsburgo e em Kiel, durante a celebração dos Jogos Olímpicos.

Trazida de Olímpia, das ruínas magníficas do Santuário de Zeus, será transportada por atletas dos dois sexos de oito países europeus ao longo de 5.300 quilómetros.

Cada um dos cinco mil atletas que, com a sua caminhada, contribuem para a transferência da sua origem para a Alemanha Federal da chama olímpica, símbolo de um ideal de paz, têm o direito de guardar o facho de gás líquido, especialmente decorado para a circunstância, e receberá ainda um diploma que atesta a sua participação neste primeiro acto das olímpiadas.

QUÉNIA ATÉ METE O GOVERNO

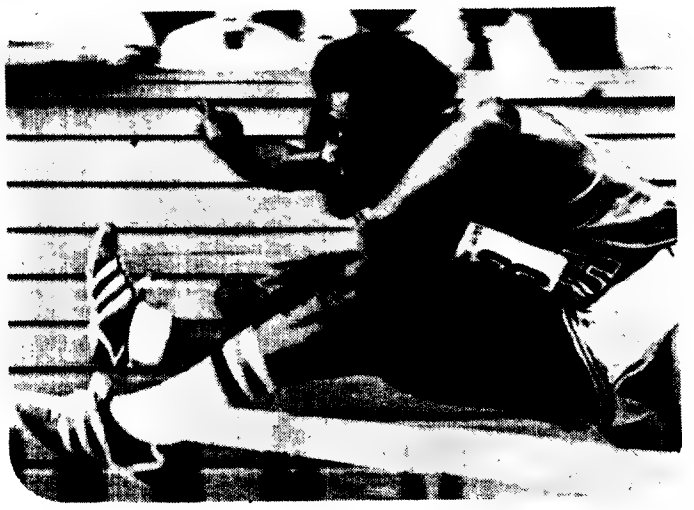
Em Nairobi, o ministro queniano do desporto, Masinde Muliro, refutou as acusações de Avery Brjndage, presidente do Comité Olímpico Internacional, segundo as quais o Governo queniano exercia pressões políticas sobre a escolha dos candidatos aos Jogos de Munique.

Muliro afirmou que o Governo queniano não intervém na selecção dos atletas e denunciou os «não-africanistas» que procuram por todos os meios criar dificuldades ao Quénia junto dos responsáveis pela organização dos Jogos Olímpicos.

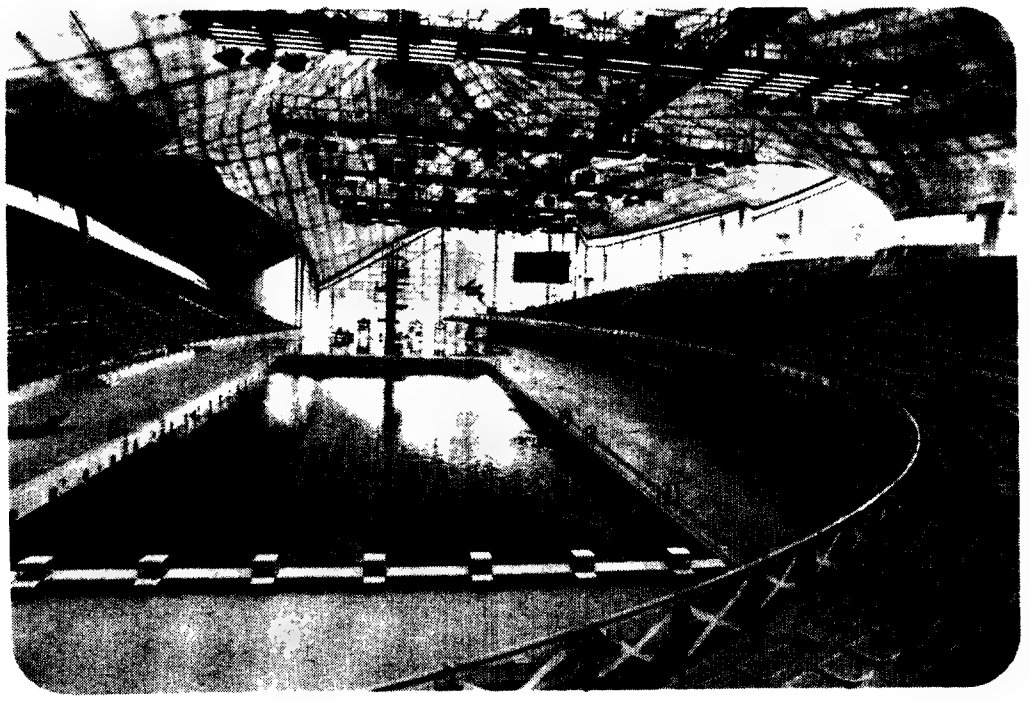
Por outro lado, sabe-se que três desportistas quenianos, designados pelo Comité Olímpico local, para competirem em Munique, foram retirados da lista no último minuto, por ordem do Governo.

Muliro tentou justificar esta ordem dizendo que o Quénia é um país pobre e que não se pode dar ao luxo de enviar a Munique uma delegação muito numerosa.

Brundage tinha ameaçado excluir o Quénia dos Jogos caso se provasse a intervenção do Governo na escolha dos participantes.



Rod Milburn recordista mundial de 110 barreiras.



Estádio Olímpico 1972: O Pavilhão de Natação no Parque Olímpico terá lugar para 9000 espectadores. No entanto, 7500 lugares são provisórios. (Foto Olympia Press, Junho de 1972).

ALEMANHA EM FORÇA

O Comité Olímpico da República Federal Alemã designou, após deliberações que duraram perto de seis horas, 446 desportistas para representarem as cores federais nas provas de Munique.

Será a mais importante selecção com que a RFA alinha, desde sempre, em competições olímpicas e uma das maiores a participar nos Jogos.

TORNEIOS ATLÉTICOS

A chuva que caíu abundantemente fez desvanecer as esperanças de que o recordista mundial do salto à vara, o norte-americano Bob Seagren, melhorasse a sua marca no embate com o antigo recordista, o sueco Kjell Isaksson, durante o torneio internacional de atletismo disputado em Estocolmo. Seagren saíu vencedor, mas com a modesta marca de 5,10 metros.

A melhor marca do torneio pertenceu ao checo Josef Plachy, que estabeleceu novo «record» da pista nos 800 metros, com um minuto 46,3 segundos. Peter Fuller, da Austrália, foi segundo, com 1-47-5, e Mark Windsenried, dos Estados Unidos, terceiro com 1-49.

Com 2,14 metros, o sueco Jan Dahlgren venceu o salto em altura, seguido pelo seu compatriota Ingmar Nyman, com 2,10 e pelo checo Jaroslaw Alexa, com 2,05.

Nas provas femininas, foi interessante de seguir a luta entre a australiana Pam Ryan, recordista mundial dos 100 metros barreiras, e a antiga detentora do máximo desta especialidade, a alemã oriental Karin Baltzer. Ryan venceu, com o tempo de 13,1 segundos, contra 13,3 de Baltzer. Na terceira posição ficou a israelita Esther Shahnamorov, com 13,7.

Por seu turno, o finlandês Lasse Viren foi a «estrela» principal do torneio triangular de atletismo, desenrolado em Helsínquia, em que participaram a Finlândia, a Inglaterra e a Espanha.

Viren cobriu os cinco quilómetros em 13 minutos e 19 segundos, o que constitui novo «record» nacional e o terceiro melhor tempo do Mundo na distância, ficando apenas a 2,4 segundos do «record» mundial estabelecido pelo australiano Ron Clarke.

Foram estabelecidos dois outros «records» nacionais finlandeses.

Ari Salin fez 49,5 segundos nos 400 metros barreiras, prova de que saíu vencedor o inglês Dave Hemery, medalha de oiro das Olimpíadas do México, com 49,3. O quarteto da estafeta de 400 metros obteve o outro «record», sendo creditado do tempo de 39,6 segundos, contra 39,7 do quarteto inglês.

Nos 400 metros planos, o vencedor foi o inglês David Jenkins, em 45,4 segundos. Em segundo lugar ficou o finlandês Markku Kukkoaho, com 45,9.

REGISTO

ORIENTAL: Realiza-se hoje, pelas 21 e 30, a assembleia geral ordinária deste clube, com a seguinte ordem de trabalhos: apreciação e aprovação do Relatório e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal e, ainda, eleição dos corpos gerentes para o exercício de 1972-73.

«RECORD» EUROPEU: A nadadora italiana Novella Calligaris bateu o máximo da Europa dos 800 metros livres, fazendo o tempo de 9 m. 06s., e o dos 400 metros livres, com a marca de 4 m. 26,7 s.

PUGILISMO: Don Elbaum, conselheiro do «pesado» norte-americano Al «Blue» Lewis, afirmou ter feito um acordo para o seu representado defrontar o campeão da Inglaterra e da Comunidade Britânica (Dan McAlinden), em Setembro, na capital irlandesa.

TIRO AOS PRATOS: Integrado nas festas da vila e do concelho, realiza-se, em Sangalhos, nos próximos dias 29 e 30 o «Grande Prémio da Bairrada».

CORPOS GERENTES: Em assembleia geral foram eleitos os novos corpos gerentes do Clube Esperança de Lagos, que ficaram com a seguinte constituição: **Assembleia geral** — presidente, João Carlos de Abreu Pimenta; secretários, Manuel Pacheco Ricardo e Manuel Carlos da Glória. **Direcção** — presidente, Júlio Rodrigues do Serro; vice-presidente, José Manuel Furtado Paula Franco; director das relações públicas, José Horta Veiga; secretários, Fernando da Conceição Filipe e Diamantino Paula Franco; tesoureiro, José Augusto Canelas; tesoureiro adjunto, Francisco José Rodrigues Cardoso; vogais, Carlos A. de Sousa, José Mariano Monteiro, João dos Santos Filipe, António Nunes Branco, Francisco António da Glória, Augusto Rodrigues Pacheco, José Augusto Dias de Oliveira, Emílio Joaquim Duarte Anino e José Manuel do Carmo Campos; vogais suplentes, José Pedro da Conceição e Mário da Silva Fortuna. **Conselho fiscal** — presidente, Jacinto C. dos Santos; secretário, Alberto Jaime Pinto; relator, José Rosado Bago d'Uva; suplentes, Eugénio Duarte Vicente e José Augusto Escala.

HÓQUEI EM PATINS: No jogo entre o Estrela Vigorosa e o Educação Física do Norte, marcado para 8 do corrente, foi marcada falta de comparência ao segundo daqueles clubes e averbada a derrota por 5-0.

ACÇÃO DISCIPLINAR: A União Desportiva Oliveirense foi multada pela Federação em 2.500 escudos devido aos incidentes registados no seu rinque, aquando do encontro de hóquei em patins que disputou contra o Vilanovense, a contar para o «Metropolitano» da I Divisão.

FUTEBOL: No próximo domingo, às 16 horas, realiza-se a 6.ª jornada da prova de competência da III à II Divisão Distrital de Lisboa. Em Odivelas jogam Santa Maria e Porto Salvo e, em Vila Verde, defrontam-se Lourel e Carregado.

GINÁSTICA: Amanhã, pelas 21 horas, no ginásio do Liceu D. Pedro V, realiza-se o encontro de ginástica desportiva (masculina e feminina), entre a selecção brasileira e a selecção de Lisboa. Os elementos constituintes das duas selecções são: **Equipa brasileira**: Silina Machado Braga, Lucia Maria Moreira, Dayse de Lima Brandão, Berenice de Albuquerque, Eneida Levenson Flexa, Rosane Biedermann, Sérgio Guindani, José Lauro Nunes, Sérgio Almeida Bastos, Nilson Olsson, Sérgio Moraes Jatobá e José Flexa. **Equipa portuguesa**: Ana Maria Cesário Pires, Carolina Maria C. Pires, Isabel Martins Carvalho, Ivone Garcia Alvarez, Maria Clara Ruivo da Silva, Maria Manuela Contreiras, António Mendes Felício, João Ramos Morgado, João Caldeira Romão, João Manuel Cunha, José Filipe Abreu e Masanobu Inoue.

MONITORES DE ATLETISMO: Decorreu já a primeira fase de quatro estágios de formação de monitores de atletismo, que teve um total de 70 participantes. Esta reunião, que decorreu nas cidades do Porto, Viseu, Leiria e Setúbal, foi orientada, respectivamente, pelos professores de educação física Pompílio Ferreira, Miranda Ferreira, Rui Oliveira e Eduardo Cunha. Seguir-se-á uma segunda fase, de estágio prático, que terá a duração mínima de seis meses.

VELA: Partem hoje para a Bélgica as tripulações portuguesas que representarão Portugal no Campeonato do Mundo da «Classe 420», que decorrerá em Nieupoort, de 3 a 12 do próximo mês. A equipa portuguesa é constituída pelos pares Goullart Branco-Vítor Teodoro e Francisco Lufinha-Leal de Faria, cujos timoneiros se classificaram, respectivamente, em 1.º e 2.º lugar nas regatas de selecção.

ANGOLA: Asa, Dinizes, Ferroviário e Futebol Clube de Luanda, participam num torneio quadrangular de futebol que se disputa este fim-de-semana, em Luanda, aproveitando a interrupção do Campeonato Provincial da I Divisão, motivada pelo «Troféu TAP». O torneio é organizado pelos «Parodiantes de Lisboa» e a receita reverte a favor da Casa dos Rapazes.

ALHANDRA: Festa esta noite (21 e 30) porque o clube local entrega emblemas comemorativos aos seus associados mais antigos.

REUNIÃO: Assembleia geral do Sport Lisboa Oriental, hoje, pelas 21 e 30.

VELOCIPEDIA: Circuito da Mealhada, para ciclistas profissionais, marcado para a tarde da próxima 2.ª feira.

GÉNOVA: Para Itália partiram os três jovens nadadores Luisa Cavaleiro Madeira (Benfica), Paulo José Frischknetch e Orlando Almeida Dias (Sport Algés e Dafundo) que vão participar em diversas provas.

Basquete no CDUL continua

A direcção do C.D.U.L. desmente a extinção da sua secção de basquetebol, alegando que o boato talvaz seja proveniente da pouca afluência de atletas, o que se baseia no facto de a maioria deles estar a contas com exames ou já em período de férias. E informa que os treinos continuam a decorrer nos dias e horas anteriormente estipulados, tendo assegurado já os quadros técnicos com vista à próxima época.

MUNDIAL DE HÓQUEI

Hostilidade aberta contra Portugal

Já esta a dar os seus frutos a tradicional «*Amizade*» desportiva luso-espanhola, a tal ponto que no jogo de ontem, na Corunha, a contar para o Campeonato Mundial de Hóquei em Patins, houve mosquitos por cordas: e os dirigentes portugueses chegaram a ameaçar retirar a equipa da competição desde que as autoridades não concedessem um mínimo de garantias e de possibilidades de assistência aos jogadores magoados.

A dada altura da segunda parte deo jogo de Portugal-Japão, Livramento foi fortemente agredido num joelho e ficou estatelado no rinque, gritando de dor, com a perna e o pé paralizados. O dr. Maia Ferreira tentou entrar no rinque, assim como o massagista Ezequiel, mas a polícia deu-lhes ordem de prisão e não os deixou assistir o jogador, entrando, por seu turno, o médico e um massagista do Pavilhão, destacados pela Federação Espanhola. Livramento, ao ver isto apesar das dores, não quis ser assistido por estranhos e pediu que o retirassem do recinto, para ser observado pelo médico português.

Os próprios fotógrafos portugueses, em serviço, só por mil artes conseguiram retratar o acontecimento, pois o menos que a polícia ameaçou foi partir-lhes as máquinas...

Neste interim, vários jogadores suplentes e pessoas que se sentavam no banco português foram agredidos à cotevelada.

A continuar assim, muito vai dar que falar o Campeonato se Portugal se mantiver em prova até ao seu termo.

Para esta confusão muito contribuiram os japoneses que vieram para aprender hóquei e, parece, para ensinar cacetada. A primeira vítima foi Livramento, agredido no joelho esquerdo. Acerca dessa lesão, duas versões distintas: a organização manda sair um comunicado onde diz tratar-se de *«forte contusão na parte antero-externa do joelho esquerdo com paralisação da perna e do pé»*.

SETE GOLOS DE LIVRAMENTO

Quanto ao jogo, pode dizer-se que foi um regalo para os olhos durante a primeira parte, período que terminou com 11-0 para Portugal.

No entanto, só aos cinco minutos surgiu o primeiro golo da autoria de Livramento, logo seguido de um outro por Chana. Antes, já os japoneses haviam introduzido a bola na rede de Victor Doimngos, mas o árbitro anulara o lance. Portugal embalou com os dois referidos tentos a dupla de avançados, e passou a desbobinar um hóquei de primeira. Descontração, velocidade sobre os patins, mudanças de flanco de ataque, imprevistas e demolidoras, remates sobre remates e muita alegria, ajudaram a aumentar a conta e a atormentar o guarda-redes Sawada que talvez nunca tenha assistido a um tal bombardeamento.

Livramento, no espaço de um minuto obteve três golos, o melhor dos quais foi o último, só possível graças à sua excelente técnica. Em resumo: sete golos de Livramento, dois de Chana e outros tantos de Rendeiro totalizaram os 11-0 com

ORLANDO DIAS AGUDO no «Mundial» da Corunha

que terminou a primeira parte.

No segundo tempo entraram Ramalhete, Salema e Cristiano para os lugares de Vitor Domingos, Rendeiro e Chana e a produção diminuiu de qualidade. Livramento teve de sair do recinto logo após a agressão e Portugal, depois de fixada a conta em 16-1, desinteressou-se do resultado preocupando-se apenas em dar espectáculo.

O treinador japonês abandonou mesmo o banco e foi lá para trás, para a última fila, filmar as jogadas mais interessantes, certamente para depois as tentar ensinar aos seus pupilos e aos jovens japoneses.

Árbitro, Biknann, da Alemanha Federal.

Portugal — Ramalhete, Reis, Rendeiro, Livramento, Chana, Salema e Cristiano.

Japão — Sawada, Kawai, Myasaka, Murata, Kobayashi, Marhica e Kasai.

Golos de 2.ª parte: Rendeiro, Chana, Salema, Cristinao e Kobayashi.

Resultados do dia (segunda jornada) — Holanda, 10; Austrália, 3; Chile, 4; EE UU, 1

; Alemanha, 1 ; Argentina, 2; Portugal, 16; Japão, 1; Espanha, 20;N. Zelândia, 0; Itália, 1; Bélgica, 1.

Hoje, Portugal defronta a Itália, à meia noite.A Espanha tem um dificil compromisso com a Argentina e o factode o «score» espanhol já se elevar a 35-2 não impressiona o seleccionador português. *«Os adversários derrotados são os mais fracos do torneio»*, diz Guilhermino Rodrigues, que acrescenta: *«Para hoje, acabou-se a papa doce»*.

Restante programa do dia:

. *À tarde:* às 17, Japão-Estados Unidos; às 18, Alemanha-Nova Zelândia; às 19, Holanda-Chile.

À Noite: às 22, Bélgica-Austrália, às 23, Espanha-Argentina, às 24, Portugal-Itália.

O CAMPEONATO EM APONTAMENTOS

O seleccionador Guilherminо Rodrigues garante que tem já um plano para anular a equipa espanhola. Chave desses esquema: marcação cerrada a Nogué, o patrão da equipa e o melhor marcador do torneio. Segundo o responsável português, Nogué será fácilmente anulado.

Opinião de Rendeiro, capitão do cinco «luso», logo após o embate com o Japão:

— *Isto foi tudo uma palhaçada. Pouca técnica, muita pancada, o que se repetiu nos demais encontros. Parece que cada vez se joga menos hóquei, por influência do jogo sobre o gelo. Francamente : não acho piada nenhuma a este campeonato.*

O médico da selecção portuguesa de hóquei em patins, dr. Maia Ferreira, depois de examinar ontem à noite o avançado da delecção Livramento, declarou aos jornalistas:

— *Farei os possíveis por recuperar o melhor jogador do torneio, não só para bem da selecção portuguesa, como também para dar mais brilho ao mundial.*

O jogador ficou em observação, devendo ser submetido a um exame mais pormenorizado e a um teste para se saber das possibilidades em alinhar contra a Itália.

O Campeonato fica bastante caro à Federação espanhola. Segundo os números últimamente divulgados, a despesa total vai orçar por cerca de cinco milhões de pesetas.

José Castelo-Branco, presidente da Federação Portuguesa de Patinagem, chegou às duas da manhã à Corunha. Vem reforçar a candidatura de Luanda para a fase final do campeonato do mundo de 1974.

Soubemos aqui que o português Jorge Mendonça, estrela do futebol e grande craque de vários clubes espanhóis, abandonou o futebol e hoje é «Testemunha de Jeová». Motivo alegado para o abandono da profissão que lhe deu dinheiro e prestigio: *«O futebol é um jogo violento e como tal não pode ser aceite pelos do meu grupo»*.

Previsões dos portugueses para o jogo com a Itália: Garrancho,7-1; V.Domingos,3-1; Ramalhete:8-2;Chana,8-1;Cristiano,6-1; Salema, 7-2; Elias, 14-1; Barros,10-2; Joaquim Relvas, 5-1.

A selecção está hospedada no Hotel Finisterre, na Corunha, local para onde devem ser endereçados todos os telegramas e mensagens, especialmente os que, por intermédio de Rádio Clube Português, vieram apoiar os nossos rapazes.

Guilhermino e os seus rapazes

NOTÍCIAS DE FUTEBOL

Alhinho só sai da Académica se o Sporting pagar a "carta"

Sob a presidência do dr. João Moreno, a secção de futebol da Académica de Coimbra reuniu com a Imprensa, a quem apresentou um quadro detalhado da actual situação da colectividade em matéria futebolística.

«Atribuindo anualmente cerca de uma centena de bolsas de estudo, a Académica pode considerar que não tem, ao seu serviço, qualquer futebolista profissional: apenas não-amadores» — disse o dr. João Moreno que, acrescentou, **«não chegam à Académica quaisquer verbas que não sejam as derivadas exclusivamente da quotização ou das receitas do seu futebol. Mas, em face da nossa baixa de divisão e da consequente quebra de receitas, uma comissão de amigos está a conseguir fundos para nos auxiliar».**

O dirigente do futebol academista salientou, também, a posição do seu clube no complicado imbróglio que ocorreu no termo do campeonato, em torno do caso José João-Valter, garantindo que a atitude da Académica foi sempre correcta e não se transformou em desesperada luta pela sobrevivência entre os «maiorais» do futebol português.

— **Quanto à atitude que tomámos, em relação aos clubes profissionais, apenas passou a funcionar o artigo 44.º do Regulamento, que não estava em acção por mera tradição. Assim poderemos receber compensação pela saída de qualquer jogador. No caso especial de jogadores vindos para a Académica ao abrigo da lei escolar, será ao clube de origem que o n0vo pretendente dos seus serviços terá de pagar. Nesses ossos a Académica nada recebe.**

Com as receitas que, porventura, possa obter pelas transferências dos seus futebolistas, a Académica vai criar um fundo social para aumentar as bolsas de estudo que oferece.

O dr. João Moreno, anunciou que vai haver (nos primeiros dias de Setembro) uma reunião de associados. Sob o tema «estádio», a Académica não está disposta a abdicar dos seus direitos de o utilizar nos dias de jogos e treinos, não vendo porém qualquer entrave na presença de outro clube, em jogos oficiais, no mesmo recinto. **«Só que o balneário é nosso, porque fomos nós que o apetrechámos»** — disse o dr. Moreno. Por último focou-se o caso da transferência de Alhinho para o Sporting. Garantiu o porta-voz das idéias conimbricenses:

— **O clube que o quiser terá apenas de nos indemnizar, como já disse, em função do artigo 44.º Depois, o Alhinho que vá para onde entender.**

E o dr. Moreno concluiu a reunião, sem declarar públicamente quanto a Académica pretende pela transferência de Alhinho.

Francisco Andrade iniciou já os trabalhos de preparação dos futebolistas do Uniao de Coimbra. Cara nova: a de Renato Cila, avançado-centro, que veio do Brasil. A equipa iniciou um estágio na Curia.

Belem é o novo treinador do Torriense, que recebeu os reforços de Mendes (Peniche) e Gomes (Nazarenos).

Leitão, que está em negociações com dois clubes da primeira divisão nacional, pediu 200 contos (por época) para continuar no Atlético.

Ernesto e Barroca transferem-se do Farense para o Portimonense, agora sob as ordens de Telechea.

O Penafiel contratou José Carlos (vitória de Guimarães), Nelson e Castro (do Varzim) e Bétinho (Espinho). Em contrapartida dispensou Aurélio, Caldeira, Leiria, José Augusto, Joca, Paulo Nogueira, Damião, Barão, Alípio e Sérgio.

O Vilanovense recrutou Armindo Teixeira (Riopele). O Cova da Piedade dispensa Alhinho e contrata Carlos Alberto (Sesimbra). Murraças ingressa no Gil Vicente. A Sanjoanense passa a ser treinada por Coimbra. Albano troca o Fafe pelo Riopele.

O União de Tomar estará 11 dias na praia de S. Pedro de Muel. João Carlos e os seus companheiros retomaram já o trabalho.

Em Braga inicia-se amanhã um curso regional de arbitragem.

CIMEIRA DE XADREZ

Fischer ganha dianteira

REYJAVIK, 28 — Bobby Fischer ganhou o oitavo jogo do Campeonato Mundial do Xadrez ao derrotar o detentor do título, o russo Boris Spassky ao 37 lance. Fischer tem agora dois pontos de vantagem do russo.

Bobby Fischer abriu novamente o jogo com o peão do bispo da rainha, que avançou duas casas.

Foi do bispo da rainha, que avançou duas casas.

Foi a mesma abertura (pouco usual) a que o xadrezista norte-americano recorrera quando venceu a sexta partida do campeonato. Spassky respondeu com o peão do bispo da rainha, criando uma defesa inglesa com uma variação simétrica.

A assistir ao jogo estava a mulher do campeão russo, a bailaria Larissa, ontem mesmo chegada de Leninegrado.

O grande erro de Spassky ocorreu ao 19.º lance, quando deixou a defesa fraca. Ao 37.º lance, o russo pensou durante 3 minutos. Depois, sem uma palavra, estendeu a mão e Fischer e implicitamente confessou a sua derrota.

Domingo, pelas 18 horas, realiza-se o nono embate da série de 24, prevista para atribuição do título mundial. Todavia se Fischer conseguir 12,5 pontos (ou no caso de Spassky obter 12 pontos) o torneio termina imediatamente.

O «placard» é favorável ao norte-americano, que tem a vantagem de 5-3.

PRÉDIO A 7,5%

MARGEM SUL DO TEJO

Construç. moderna com bons acabamentos, local de grande futuro, composto de 8 inq. de habitac. com 3 ass. coz.ª c/ banho, desp.ª varandas, hall por piso. PREÇO 1.400.000$00 — RENDE 105.600$00. Bom empate de capital. MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rua do Ouro, 292-1.º — Telef. 369384 5/6 — 328232 3 — 361756

ASSOCIAÇÃO MADEIRENSE NA CALIFÓRNIA

OAKLAND, (CALIFORNIA), 28 - (ANI) Para o cargo de presidente supremo Associação Madeirense do Estado da Califórnia foi eleita a luso-americana Mary Ornelas Botelho, natural da Ilha de Porto Santo.

Aquela senhora emigrou com os seus pais para o Hawai, apenas com dois anos, e estabeleceu-se na Califórnia em 1916. E casada com António Botelho, natural da Ilha de São Miguel, de quem tem três filhos.

— ANÚNCIO —

SECRETARIA DE ESTADO DA AERONÁUTICA

REGIMENTO DE CAÇADORES PÁRA-QUEDISTAS

Conselho Administrativo

Informa-se que se efectuará neste Regimento, no dia 26 de Setembro e às 14 horas, o concurso Público para arrematação de lotes de fardamento incapaz.

Para admissão ao concurso é obrigatória a prestação de caução, de valor variável, consoante os lotes que os concorrentes pretendam adjudicar.

O caderno de encargos pode ser consultado na Secção de Fardamento da Unidade, local onde também podem ser observados os lotes a concurso, durante as horas normais de expediente.

O Chefe da Contabilidade

Domingos Gomes do Amaral

Cap. I C

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 %		443$	–
Cons. 3 %		486$	–
Cons. 3 1/2 %	–	557$	–
Centenários	1 274$	–	–
Tes 5 % 57	1 000$	1 000$	
Tes 5 % 59	1.000$	1.000$	–
Exter 1ª s	–	612$	–
Extern 1ª c		617$	–
Extern. 3ª s		–	790$
Extern 3ª c.	820$		–
Caut 3ª s		–	

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %		930$	
C M L 5,3/ %			
C P 5,5 % 67		940$	
C P 5,5 % 68			
C P 5,5 % 69			
Corr 5 3/4 %		915$	920$
Metr 5 3/4 %			
Tur 5 3/4		1 005$	
C P 6 3/4	1 007$	1 005$	1 010$

ELÉCTRICAS

G 5 % 58			850$
G 5 % 59			870$
G 5 % 62			
G 5 % 63			
G 5 % 64			
G 5 % 65			
G 6 % 67			
G 6 % 69		–	945$
G 7 % 71			1 025$
H E C 5 %			750$
H E C 6 %			
H E D 5 %		910$	
H E D 6 %	905$		910$
H E N P 5 %	790$	790$	–
H E S E 5 %	–	940$	
H E S E 6 % 57	–		
H E Zêz 6 %		908$	920$
N Elc 5 %	750$	750$	
N Elec 6 %		960$	
Termoel 5 %	–		740$
U E P 5 % 60			
U E P 5 % 63			
U E P 6 %	890$		900$

DIVERSAS

A P T 5 % 56	–	900$	910$
A. P. T 5 % 58	–	900$	
Lisnave 6 %	955$	950$	955$
Nitratos 60		880$	–
Pet 2ª e 3ª %			1.020$
Sacor 7 %		935$	
Sacor 5 % 54		830$	–
Sacor 5 % 60	–		–
Sid 5 % 2ª		–	–
Sid 5 % 3ª	–	–	–
Sid 5 % 4ª			–
Socel 5 %	–	–	–
U Fabril 67	–	–	–
U Fabril 68	–	–	925$

ULTRAMARINAS

Carbonl 5 %		400$	
Rev 5 % 57			
Rev 5 % 59/60	670$	660$	680$
Moçamb 5 %		–	–
Sonefe 5 %	800$	790$	800$

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	5.100$	5.050$	5.100$
Alentejo	1.750$	1 720$	1.750$
Angola	3.570$	3.570$	–
Cred Predial	6.650$	6.650$	6.660$
Esp Santo	9.900$	9.850$	9.950$
Fomento	4.500$	4.480$	4.500$
F & Burnay	40.000$	39 000$	–
N Ultr m	5.400$	5.400$	5 430$
N Ultr c	6 330$	6.320$	6.340$
Portugal n		4.400$	4.600$
Portugal p	6 000$	5 900$	6.000$
P Atlântico	10.800$	10.700$	10.900$
Totta & Açores	6.190$	6 190$	6 200$
Algarve	2.270$	2 260$	2 280$
Borges & Irmão	8 700$	8 700$	

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de credito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges & Irmão

Indice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	26-7-72	27-7-72	28-7-72
GERAL	187,7	189,6	*189,4*
METROPOL	191,0	193,5	*193,3*
ULTRAM	163,8	160,7	*160,6*

De Seguros

Alentejo	144$	143$	145$
Bonança	–	16.000$	–
Império		16 000$	19.000$
Mundial	1.345$	1.345$	1 350$
Soberana	–	–	1 800$
Tranquilidade	–	90.000$	–

Eléctricas

C P E p	1 104$	1.103$	1.105$
C. P E n		1.080$	1.090$
E Beiras			1 780$
G Elec c	337$5	337$	338$
H E A A	163$5	163$	164$
H E N P		230$	240$
H E S E	–	–	1 650$
U E P	193$5	193$	194$

Ultramarinas

Ag Cassequel	1 090$	1 090$	1 100$
Ag Incomati		2 220$	
Ag S T e P			
Aç Angola			920$
Alg Angola		180$	200$
Ang Agric	660$	660$	
Boror		118$	
Boror Com		60$	70$
Buzi	78$		79$
Cabinda	131$	130$	135$
Com Lobito	710$	700$	715$
D A T '00	1 850$	1.830$	1 880$
H E Revue			
I do Princ		300$	
Moçambique			
Sonefe n			
Sonefe p	405$	400$	410$
Zambézia		59$	60$

Diversas

Ag Lx ant		405$	
Ag Lx 34		410$	445$
Ag Lx 36	–	405$	410$
Cel Guadiana		5.100$	5 250$
C Leiria p		6 150$	6 200$
C Tejo p		–	
F Ramada	1 250$	1.250$	1 260$
Fornos Elect	140$	139$5	140$
P Celulose		4 060$	4 150$
Siderurgia p	4.450$	4 430$	4.460$
Siderurgia n	2 980$	2 980$	3 000$
Socel		3 630$	3 700$
Cidla	7.800$	7 800$	7 900$
C U F		2 800$	3 000$
Intar			532$
Nitratos		990$	995$
Petroquímica	990$	990$	995$
Sacor	3.700$	3 600$	3.700$
Tab Portugal	–	2.800$	3.100$
Tabaqueira	7.350$	7 350$	7 400$
U F Azoto	750$	750$	780$
Empor	–	200$	
Ind Aliança			–
I P. Colon		900$	–
Nac Naveg			
Naveg (Col)			2 100$
P Pesca	975$	975$	
Matur	2 200$		2 300$
R. Marconi	1 320$	1 320$	1 325$
TAP			–
Compal			1 300$
Salvor			
Penina	–		
Grão-Para			

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico		–	
F I D E S		–	–

COTAÇÕES

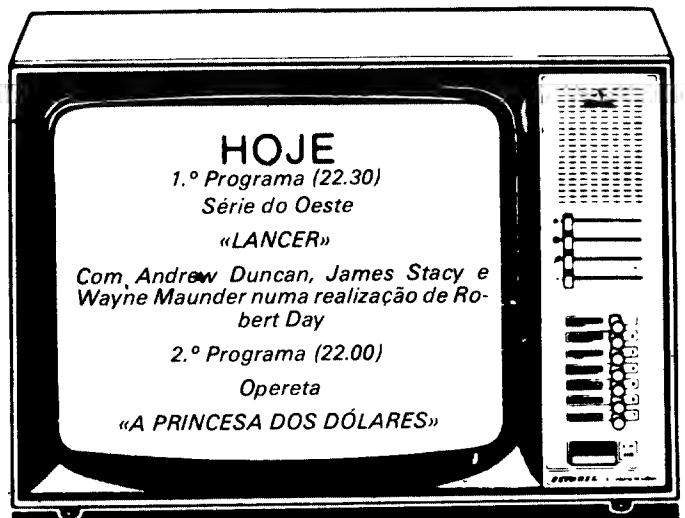
PAÍSES		COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul	Rands	-$-	-$-
Alemanha	Marco	8$40	8$70
América			
Dollars de 1 a 2		26$20	26$90
Dollars de 5 a 20		26$50	27$30
Dollars de 50 a 1000		26$60	27$40
Argentina	Peso Novo	-$-	-$-
Austria	Schiling	1$16	1$21
Bélgica	Franco	$60	$63
Brasil	Cruzeiro	3$50	4$50
Canadá	Dólar	27$00	27$70
Dinamarca	Coroa	3$70	4$00
Espanha	Peseta	$41,5	$43.5
França	Franco	5$45	5$75
Holanda	Florim	3$30	8$60
Inglaterra	Libra	64$50	67$50
Itália	Lira	$04,4	$0475
Marrocos	Dhran	5$10	5$60
Noruega	Coroa	3$95	4$25
Suécia	Coroa	5$55	5$85
Suiça	Franco	7$08	7$33
Ouro			
Inglaterra	Libra Isabel	450$00	480$00
Inglaterra	1/2 Libra	380$00	400$00
Ouro fino Barra		55$00	60$00

BANCO DO ALENTEJO

GESTAO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERACOES BANCARIAS

Praça D. João da Câmara 18 - Telef. 328045
Rua do Ouro 52 - Telef. 30309

televisão



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Fem n nos s ngular
13.15 Nanny e o professor
13.45 Telejornal 1ª ed ção
14.00 Conheça o Portuga desconhec do
14.15 Logo à noite

2.º Período

19.30 Telejornal 2ª edição
19.45 As grandes batalhas batalha do Pacif co
21.30 Telejornal 3ª edição
22.00 Comunicação do Min stro dos Negócios Estrangeiros sobre os acordos de Portugal com o Mercado Comum
22.30 Lancer
23.30 Actualidade desport va Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins
23.40 Telejornal últimas notícias
23.45 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.40 Vária
21.00 Nanny e o professor
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Opereta A princesa dos Dólares
23.40 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 O caso da semana
13.15 Viver no campo
13.45 Telejornal 1ª ediçao
14.00 Dó, Lá, Si
14.25 Hoje pode ver
14.05 Disneylândia
15.25 Daniel Boone
16.20 Estudio sem marcação
16.45 As flores e o seu mundo
17.15 Programa feminino
17.45 Teledesporto
18.10 Barreira de sombra
18.40 E a vida continua
19.00 Woobinda
19.30 Telejornal 2.ª edição
19.45 Se bem me lembro
20.05 Ensaio
2100 Os caminhos de Noele
21.30 Telejornal 3ª edição
22.00 Transmissão directa do festival da Figueira da Foz
23.40 Actualidade desportiva Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins
23.50 Telejornal últimas notícias
23.55 Meditação e Fecho.

2.º Programa

20.30 Viver no campo
21.00 O caso da semana
21.30 Telejornal
22.00 Sabe como é o museu Soares dos Reis?
22.45 Dr. Marcus Welby
23.35 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 622

tempo

HOJE

09.00 H

céu estava muito nublado na Faixa Costeira Ocidental e na região Sul e pouco nublado nas restantes regiões; o vento era fraco e havia neblina em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H

PORTO	20º
P. DOURADAS	18º
COIMBRA	21º
PORTALEGRE	18º
LISBOA	19º
FARO	21º
FUNCHAL	21º

TEMPERATURAS EXTREMAS

ELVAS
Máxima *32,2º*

PENHAS DA SAÚDE
Mínima ..... *12 º*

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 16,4º
Atmosfera 18,8º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
5.20	*3,7 m*	10.50	*0,8 m*
17.34	*4,0 m*	23.17	*0,7 m*

Dia 29

5.55	*3,7 m*	11.27	*0,8 m*
18.09	*4,0 m*	23.55	*0,7 m*

Dia 30

6.31	*3,7 m*		
18.47	*3,9 m*	12.07	*0,8 m*

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; vento fraco ou moderado de Noroeste; neblina matinal e possibilidades de trovoadas isoladas.

AMANHÃ

Nascer ás 6.39
Ocaso ás 20.51

Dia 2 Dia 9 Dia 17 Dia 24

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário
16.05 Melodias do cinema
16.30 Convívio, Programa da Juventude
18.05 Ao encontro da melodia
18.30 Forças Armadas, programa produzido e realizado pelo Serviço de Informação Pública da Defesa Nacional
19.10 Passalempo musical
19.30 Recordar é viver, por Maria Natália Bispo
20.00 Diário sonoro
20.20 Acordeonista. Maurice Larcange
20.30 32.º episódio do folhetim «O Fantasma da Casa Lamprecht»
20.50 Solos de orgão
21.00 Momento 72
21.30 Lingua portuguesa, pelo dr. António Dias Miguel
21.40 Ao sabor da fantasia
22.00 XII Festival da Canção da Figueira da Foz. No intervalo, Noticiário, boletim metereológico
00.00 XX Campeonato do Mundo de Hoquei em Patins, transmissão do pavilhão dos desportos, da Corunha, do realto do desafio Portugal - Itália. No final: Diário sonoro Escala na madrugada, por Pedro Moutinho
02.00 Fecho
16.00 Ciclo do Barroco italiano
16.45 Música de vanguarda
17.00 Suite inglesa n.º 6, em ré menor BWV 811 (Bach)
17.30 O compositor do mês: Handel
19.00 Música e músicos portugueses, por Nuno Barreiros
20.00 Diário sonoro
20.20 O violinista Leonild Kogan
20.30 Concerto pelo Choral Phydelius, de Torres Novas, dir. de José Robert
21.00 Concerto sinfónico, (1.ª parte), obras de Mozart e Haydn
21.50 Intervalo, canções de Schubert
22.00 Concerto sinfónico, 2.ª parte
23.00 Emissão em linguas estrangeiras
01.15 Fecho

Programa estereofónico — MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Música de Câmara
22.53 Canções pelo baritono Gerard Souzay
23.20 Musica sinfónica
00.30 Visões fugitivas, op. 22 (Prokofiev)
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda média

16.04 Programa CDC
18.00/21.00 Programa «Movimento», realização de Fialho Gouveia
20.00 Nota de abertura
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.30 Portugal além da Europa
21.15 Música para meditar
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.08 Rubrica policial do inspector Varatojo
23.18 Tempo de fado
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de frequência

16.04 Programa CDC
17.57 O nosso programa
19.04 Vértice
20.00 Nota de abertura
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à Gô - Gô
23.00 Noticiário; Programa à Gô - Gô (continuação)
00.02 Em órbita - Dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho.

Emissor de Miramar

16.04 Programa C.D.C.
18.00/20.00 «Programa 18»
18.00 Depois do chá
18.30 Ela e o seu mundo
18.45 Matinée teatral
19.03 Miscelânia
19.17 Conjunto
19.30 Estúdio 64
20.00 Nota de abertura
20.07 Norte dia a dia
21.00/24.00 «Genérico»
21.05 Só - Rádio
21.45 Mensageiro do evangelho
22.02 Em destaque
22.15 Novas de alegria
22.30 Variedades
23.04 Clube da juventude

Estação do Porto

16.00 Radiorama
18.00 Tangos
18.30 Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa
19.05 A vida é uma coisa maravilhosa
19.30 Página 1
21.00 Meditando
21.02 Novos emissores em marcha
22.00 Auditório
23.00 A 23ª Hora.

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Moura, Travessa da Memória, 55 (Tel. 630944)

ALCÂNTARA
Bairrão, Rua Prior do Crato, 25 (Tel. 661321)

ALVALADE
Zil, Avenida da Igreja, 9-D (Tel. 711780); **S. João de Deus**, Rua Pedro Ivo, 1-A (Tel. 725140), **Roma**, Avenida de Roma, 85-B (Tel. 772466)

AMOREIRAS
Britânica, Travessa da Légua da Póvoa, 5-B (Tel. 689250)

ANJOS
Confiança, Avenida Almirante Reis, 46 (Tel. 821653); **Renascença**, Rua Damasceno Monteiro, 104-A (Tel. 831504)

AREEIRO
Garantia, Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5 A (Tel. 727300); **Imperial**, Avenida Guerra Junqueiro, 30-B (Tel. 726860)

BAIRRO ALTO
Barreto, Rua do Loreto, 30 (Tel. 327284)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça do Norte, 11 (Tel. 311216)

BAIRRO DA LIBERDADE
Salutar, Rua B, 75-A (Tel. 683694)

BAIXA
Teixeira Lopes, Rua Áurea, 154 (Tel. 324816); **Oliveira**, Rua da Prata, 240 (Tel. 321415).

BENFICA
Alegria, Estrada de Benfica, 180-A (Tel. 780511) **Lavinha**, Rua Eng. Paulo de Barros (ex-Rua C, à Rua da Casquilha), 28-A (Tel. 708242); **União**, Estrada de Benfica, 592/4 (Tel. 700092).

CAMINHOS DE FERRO
Frazão, Rua da Cruz de Santa Apolónia, 90 (Tel. 847019).

CAMPO DE OURIQUE
Lobel, Rua Infantaria 16, 98-B (Tel. 688807) **União**, Rua Saraiva de Carvalho, 145-F (Tel. 663643)

CAMPOLIDE
Pinto, Rua de Campolide, 11 (Tel. 682610)

CASTELO
Ziler, Rua de S. Tomé, 54 (Tel. 862835)

CHELAS
Banha, Estrada de Chelas, 173 (Tel. 382241)

ENTRECAMPOS
Alcântara, Avenida da República, 74-A (Tel. 771379)

ESTEFÂNIA
Mundial, Largo D. Estefânia, 10 (Tel. 45578)

ESTRELA
Andrade Ribeiro, Avenida Infante Santo, 66-B (Tel. 666971)

LAPA
Central do Lumiar, Rua do Lumiar, 75 (Tel. 790480); **Douro**, Alameda das Linhas de Torres, 93-A (Tel. 791131)

OLIVAIS
Olivais, Rua Alves Gouveia, 19 (Tel. 311237)

PICHELEIRA
Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16-A (Tel. 728395-720703)

PICOAS
Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (Tel. 553468)

POÇO DO BISPO
Freitas, Rua Zófimo Pedroso, 11 (Tel. 381136)

REGO
Baptista, Rua Francisco Tomás da Costa, 3-C (Tel. 771873)

SANTA APOLÓNIA
Fernandes, Rua de S. José, 187 (Tel. 326476)

SANTO AMARO
Correia de Azevedo, Rua Luís de Camões 42-B (Tel. 638625); **Biotifar**, Rua D. João de Castro, 27-B (Tel. 638824)

S. BENTO
Castro (Rua de S. Bento, 199-A (Tel. 660513)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1 (Tel. 48642)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes L.Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)

ALHOS VEDROS
Portugal Av.da Bela Rosa, 8 (Telef. 224250)

ALMADA
Cristo Rei Av.Cristo Rei, 31-A (Telef. 273498)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima Est.Nacional, 221-B (Telef. 224141)

BARREIRO
Soares Av.da República,1 (Telef. 2273023)

COVA DA PIEDADE
Império R.Cabo da Boa Esperança,31-A (Telef. 274356)

MOITA
União Moitense Av.dr.Teófilo Braga (Telef. 239025)

MONTIJO
Higiene R.José Joaquim Marques, 142 (Telef. 230370)

SESIMBRA
Lopes R.Cândido dos Reis,67 (Telef. 229028)

SETÚBAL
Marques R.Arronches Junqueiro (Telef. 22783); **Bonfim** Av.Rodrigues Manitto,12 (Telef. 24558)

SEIXAL
Godinho L.da Igreja, 51 (Telef. 2218580)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora P.28 de Maio,3-A (Telef. 935518); **Carmelo** R.Elias Garcia, Lote 28 (Telef. 933303); **Helénica** R.Elias Garcia,2 (Telef. 933613); **S.Jorge** R.Pedro del Negro,5 — Reboleira (Telef. 938703)

DAMAIA
Lemos R.de Goa,21-A (Telef. 971121)

QUELUZ
Gil Av.Miguel Bombarda,28 (Telef 950117), **Simões Lopes** Av Elias Garcia,51 (Telef 950123)

CACÉM
Garcia Av.dos Missionários,2 (Telef 2942181)

MEM MARTINS
Química Est.de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)

S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 980456)

SINTRA
Misericórdia L.dr.Gregório de Almeida,2 (Telef. 980391)

COLARES
COLARES
Abreja (Telef. 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes
Av.Comb.G.Guerra,166 (Telef. 213953)

CAXIAS
Nova Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás R.Costa Pinto, 186 (Telef. 243034)

OEIRAS
Godinho R.Cândido dos Reis,98 (Telef. 2430090)

PAREDE
Alsir B.º das Caixas de Previdência, Bloco A (Telef. 2472948)

S.JOÃO DO ESTORIL
S.João (Telef. 261186)

MONTE ESTORIL
Lopes R.Hangar,3 (Telef. 260008)

CASCAIS
Marginal Av.Marginal (Telef. 280078); **A.Costa** R.Freitas Reis,24-C (Telef. 280214)

PORTO

SUB-TURNO A

Canavarro, R. da Restauração, 53; **Constituição (da)**, Rua da Constituição, 93; **Ferreira de Carvalho**, Rua do Bonjardim, 354; **Oriental**, Rua do Bonjardim, 727; **Padrão**, Largo do Padrão, 342; **Ramos**, Pr. Exérc. Libertador, 91

SUB-TURNO B

Figueiredo, Lda. R. de Cedofeita, 125; **Lidador (do)**, Rua do Lidador, 171; **Parente**, Rua das Flores, 114; **Sousa Soares**, Rua de Santa Catarina, 141; **Vitória**, Rua de S. R. da Lameira, 756

COIMBRA

Silva Soares, R M de Albuquerque, 26 - 28 (tel 26554), **Vilaça, L.da**, R Ferreira Borges, 132 (tel 22043), **Cruz e Costa**, R A Vasconcelos, 71 - 71 - A (tel 22715)

cinemas

LISBOA

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 21.30
Grupo C (14 anos) 2.ª Semana
Uma espirituosa sátira aos filmes de gangsters OS SETE LADRÕES DA CIDADE com Frank Sinatra, Dean Martin e Peter Falk.

SATÉLITE (Telef. 362632)
15.00 - 17.00 - 19.00 - 21.45
(Grupo D (18 anos) 2.ª Semana
AS MIL E UMA NOITES PARA ADULTOS. Uma realização de Elichi Yammamoto
Atenção aos novos horarios

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 - 21.00
Grupo D 18 anos «DOCE VENENO» com Anthony Perkins e Tuesday Wed». Em complemento «O VALE DAS BONECAS»

EDEN (Tel. 320768)
ESTREIA Hoje às 21.45
(Grupo D 18 anos)
Tecknicolor - Christopher Lee em «EU, MONSTRO»
15.15 - 18.30 Últimas «4 NO TEXAS» - Grupo B 14 anos

ROMA (Tel. 727778)
ESTREIA
21.45 Grupo C 14 anos
Homens em desespero «A LEGIÃO DOS DANADOS» com Jack Palance e Tom Hunter e Diana Lorys (Estmancolor)

ODEON (Tel. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
24.ª Semana de êxito
NÃO DESEJARÁS O DELICADINHO DO 5.º, com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garces.

LONDRES (Tel. 731313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo C (14 anos)
5.ª semana
MELODY.
Venha ver como começamos a amar com Mark Foster, Jack Wield e Tracy Hyde
Cinema
Snack Bar-Pub
The Flag-Faça 3 coisas num Sítio Só
Hoje à meia noite e quinze
Grupo D 18 anos
Retrospectiva Bergman «MÓNICA E O DESEJO»
Sommaren Metd Mónica com Haniet Andersson e Lars Ekbarg

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Hayley Mills e John Mills em «ESTE DIFÍCIL AMOR»
Hoje às 18.30 Cinema em aventura - Adultos
Color «AS MULHERES», com Brigitte Bardau e Maurice Ronet

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Color-Scope
o Filme do ano
27.ª Semana. O filme do ano TRINITA (COW-BOY INSOLENTE, com Buel Spencer e Terence Hill.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
5.ª Semana
O MUNDO A SEUS PÉS. O melhor filme de todos os tempos de Orgon Welles.

TIVOLI (Tel. 717480)
15.15 e 21.30
Grupo A (6 anos)
O maior êxito de sempre «MÚSICA NO CORAÇÃO» com Julie Andrews e Christopher Plumer
70 m/m Technicolor
(Ar condicionado)

ALVALADE (Tel. 717480)
Às 21.45 (Grupo B 10 anos)
Humphrey Bogart e José Ferrer em «OS REVOLTADOS DO CAINE»

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
ESTREIA
21.45 (Grupo C 14 anos)
Uma sátira dirigida aos computadores «MILHÕES ESCALdantes» com Peter Ustindy, Maggie Smith e Kar Malden
Metrocolor

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 - 21.45
Grupo C (14 anos)
O amor e a vida no ponto de separação de duas Épocas «A GRANDE FUGA» com Lyndmila Savelyena
Technicolor (ar condicionado)

CONDES (Telef. 322523-326710)
15.15 - 21.15 2.ª semana
Agora para maiores de 14 anos «E TUDO O VENTO LEVOU» com Clark Gable Vivien Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland

MUNDIAL (Tel. 538743)
Hoje Estreia Às 21.45
Tecknivolor (Grupo B 10 anos)
O Regresso de um ídolo «FOGONA PRADARIA» com Charles Bronson
15.15 e 18.30
Últimas exibições
«O REGRESSO DE RINGO» com Montgomery Wood (ar condicionado)

ROYAL (Tel 855037)
Às 15 e 21.00
Grupo B 10 anos
«HOMENS EM FURIA» com Robert Wood e Elga Anderson
Em complmento «O SOLITÁRIO DO RIO GRANDE»

CASINO ESTORIL
21.30
Grupo D 18 anos
«DUAS MULHERES . UM DESTINO»

EUROPA (Tel 661016)
21.00
Grupo C (14 anos)
Frank Sinatra e Ursula Andrss em «4 NO TEXAS»

S. JORGE (Tel. 54152/4)
15.15 - 18.15 e 21.30
Um «Western» emocionante «ADEUS SABATA» com Yul Brynner

LYS (Tel. 48560)
14.45 e 21.00
Grupo D (18 anos)
Continuação de estreia «DROGA, LOUCURA MORTE em complemento «Agência de Vigarices»

APOLO 70
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
«O RISO DA MEIA NOITE»
Grupo D (18 anos)
«AS AVENTURAS DE GERARD» de Skolimovsky com Cláudia Cardinali

POLITEAMA
15.15 - 18.15 e 21.45
Às 0.30 - Ciclo - Terror à meia noite «ROSPERTINE, O MONGE LOUCO»

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo D 18 anos
O Reino do terror alarga-se! «AS CICATRIZES DE DRÁCULA» Um filme de Roy Ward Baker
15.15 e 18.30 Últimas exibições «AMOR E MORTE DE ROBERT BRESSON

outros espectáculos

LISBOA Teatros

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«P'ra frente Lisboa»

VILLARET
21.00 e 23.00 (18 anos)
«Os Contestatários».

LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente»

LISBOA/Cinemas

RESTELO
21.00 (18 anos)
«O Salto do Anjo»

CINEARTE
21.00 (14 anos)
Salbata chega e mata»

PARIS
21.00 (18 anos)
) Salto do Anjo»

MAYER
21.00 (18 anos)
«Sol dos Vadios»

OLÍMPIA
21.00 (10 anos)
«O Filho de El Cid» e «A Selva dos diamantes»

JARDIM
21.00 (18 anos)
«Beija-me idiota»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«As noivas da morte»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
S. José
21.30 (14 anos)
«Os dois indomáveis»

OEIRAS
Oeiras Cine
21.00 (10 anos)
«O desafio das águias»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (18 anos)
«Duas mulheres... um destino»
Palácio
21.30 (18 anos)
«A Ameaça»
Esplanada
21.30 (14 anos)
«Muito obrigado senhor Scrooge»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (14 anos)
«Sem um adeus»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.45 (10 anos)
«Olhos verdes, loira e perigosa»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (14 anos)
«Rainha por mil dias»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«A máscara da morte vermelha»

PORTO Cinemas

ÁGUIA DE OURO
21.30 (10 anos)
«Trinitá, cow-boy insolente»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«A Nave dos loucos»

RIVOLI
21.30 (14 anos)
«A Vigéssima 5.ª Hora»

PASSOS MANUEL
21.45 (18 anos)
«O Regresso»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«A Ruptura»

JÚLIO DINIZ
21.30 (18 anos)
«Mundo cão»

COLISEU
21.30 (10 anos)
«Play time»

OLÍMPIA
21.30 (10 anos)
«O silêncio de Tarzan»

S. JOÃO
21.30 (14 anos)
«Romeu e Julieta»

VALE FORMOSO
21.30 (17 anos)
«Repulsa»

CARLOS ALBERTO
21.00 (10 anos)
«Vigaristas no Convento» e «Duelo no Rio Bravo»

CINEMA DO TERÇO
21.30 (18 anos)
«Contestação geral»

COIMBRA

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«As cruéis»

BARS BOITES restaurantes típicos DANÇARINOS

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira Fernando Mauricio Fados de Coimbra por Loubet Bravo Os Arautos Tocam Liberto Conde Rafael Marques e José Vilela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira

LUSO — Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Ermida e José Luís Tomar; fado de Coimbra e canções internacionais por Plínio Sérgio. Guitarradas por Jaime Santos e Fernando Alvim. **Travessa da Queimada, 10. Tel. 362889.**
Aberto todos os dias.

ADEGA MESQUITA
Cantam Fernanda Pinto, Natalina Bizarro, Ana Hortense e Alcino de Carvalho Tocam António Luis Gomes e Antonio Proença Danças Regionais por conjunto privativo
Consumo mínimo 60$00 Encerra ao domingo **Rua Diario de Noticias, 107. Telef 32$307**

VIELA
Rua das Taipas, 14 Tel. 327256
O Restaurante realmente típico onde Sérgio apresenta todas as noites o seu elenco privativo
Encerrado ao domingo

FORCADO
Elenco Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira. **Ar condicionado. Rua da Rosa, 221 - Telefone 368579.**

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana.
Tocam Carvalhinho e Júlio Gomes Os Arautos Folclore pelos Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. **Encerra às 2.ªs feiras. Rua da Barroca, 133. Tel. 369760**

ARREDA Fado amador ouça e cante o fado no Arreda Elenco José Pracana José Manuel Osório D Vicente da Câmara e eventuais clientes Tocam Carlos Gonçalves José Pracana e José Inácio Encerra as 3.ªs feiras Consumo mínimo 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef. 263864.**

FRAGATA REAL — Eelenco: Maria Jô-Jô em fado Lisboa, João Queirós em Fado Coimbra, o acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Folclore os 5 de Vila-Franca. Artista convidado Joaquim Campos. **Travessa de S. Miguel, 22, Alfama Tel. 868552.**

FANTASMA
Dancing-Caveau com variedades — Filipe Dancers. Show todas as noites uma atracção surpresa. Rua **Gomes Freire, 145-B Aberto todos os dias até às 05.00 h**

NINA — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7 - 13 Tel. 34859/368197**

TOSCO — Dancing com Variedades. **Rua do Conde Redondo 53-A Tel. 531582)**

TAMILA Marão e s/conjunto Matinées: todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loule, 69. Telef. 534117.**

D. QUIXOTE — Com Carlos Villaret, Virgílio Neves. Aberto até às 5 H. da madrugada. **Rua da Trindade,9 Tel. 327109** Encerra aos domingos

HIPOPOTAMO Com Helder Reis Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef 48384**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliver) **Av. Duque de Loule, 73. Telef. 530171.**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

DL /ÚLTIMAS

DL

RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETÁRIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185-1 º2.ºE 4 º
TELEF 65 4531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

TIVERAM ALTA OS CIGANOS INTOXICADOS

Foi carne de vitela em mau estado que esteve na origem da intoxicação colectiva de um gurpo de ciganos acampados nuns terrenos baldios em Ovar. Vinte e oito deles doram para o Hospital de Santo Anótnio, no Porto, depois de socorridos no da Misericórdia local.

Depois de ficarem toda a madrugada em observação tiveram, ao princípio da manhã de hoje, a desejada álta, uma vez que em frente e nas imediações daquele estabelecimento hospitalar se juntaram familiares das vítimas ansiosos pelo seu regresso ao acampamento.

ESPERA DE TOUROS NA CALÇADA DO CARRICHE

Decorre esta tarde a penúltima celebração das Festas de Verão, da cidade de Lisboa, com a evocação de um episódio lisboeta, de largas tradições. O acontecimento, uma espera de toiros à entrada de Lisboa, nos terrenos entre a Calçada do Carriche e a estrada militar da Ameixoeira, reúne 12 toiros e 24 cabrestos, acompanhados por 40 campinos a cavalo. O gado encontra-se num mercado, em exposição, funcionando, entretanto, como manda o uso, um arraial com comes e bebes. Os cantadores, guitarristas e tocadores de harmónio têm o seu lugar entre os «marialvas e severas».

Lavradores alentejanos e campinos deslocam-se em carruagens de vários tipos. A festa dura até cerca das onze horas da noite, altura em que começa a chamada entrada do gado bravo na cidade, com trajecto pela Calçada do Carriche, Alameda das Linhas de Torres, Campo Grande, Avenida da República e Campo Pequeno.

Às 22 horas, exibe-se o rancho de Campinos da Azinhaga, ao mesmo tempo que, nos sectores da sombra há cantos e guitarradas por artistas populares. A entrada dos touros na praça representa o começo dum divertimento tourino com vacas, seguido de nova exibição do rancho e outras atracções.

A verdade deste acontecimento está garantida pelo facto de ter sido extraída dos textos pelo crítico tauromáquico Leopoldo Nunes, coadjuvado por Augusto Fraga.

As Festas de Verão terminarão no domingo, à noite, com um serão vicentino no Castelo de S. Jorge, com a representação do «auto da Índia» e a «Farsa de Inês Pereira». O sinal está previsto para as 24 horas, com lançamento de fogo de artifício, no Parque Eduardo VII.

PRESIDENTE DA CORPORAÇÃO DA INDÚSTRIA

"CONTENÇÃO DE PREÇOS É TAREFA DIFÍCIL"

O Conselho da Corporação da Indústria reuniu para apreciação e aprovação do relatório e contas de 1971, para eleição de novos membros para o conselho das diversas secções da Corporação e ainda para eleição de um procurador à Câmara Corporativa. Presidiu o dr. Augusto de Sá Viana Rebello que, depois de aprovado o relatório e contas, usou da palavra para apresentar uma comunicação sobre a actual situação sócio-económica da Indústria.

Depois de ter situado a maior parte das preocupações do sector industrial à volta de quatro temas fundamentais, o surto de progressão social, a lei do Fomento Industrial, as negociações com a CEE e a inflação o dr. Sá Viana Rebello referiu-se pormenorizadamente a cada um destes temas. Em relação ao primeiro, o orador enraíza-o no acesso aos bens essenciais de uma sociedade de consumo, à cada vez maior escassez de mão-de-obra agravada pela livre circulação de trabalhdores na Europa e pela proximidade de sociedades fortemente industrializadas, sendo o desiquilíbrio entre o social e o económico de difícil solução, em prejuízo deste último. «**A progressão social tem de estar intimamente ligada à boa evolução económica e à criação de maior riqueza e este é um dos pontos que terá de estar sempre presente no espírito que orienta as negociações contratuais colectivas**», disse.

Quanto ao segundo ponto, começou por referir a promulgação da nova lei de Fomento Industrial que **1vem enquadrar em novo sistema o desenvolvimento industrial português preferindo ao condicionamento a liberalização e estatuindo um breve regime transitório de passagem de um sistema ao outro»**. Quanto a isto, continuou o orador, o que mais preocupou a Corporação foi o «**espectro da eminente reconversão nas indústrias tradicionais, a incerta espectstiva quanto a uma eventual adesão ou associação ao Tratado de Roma, uma política económica do Espaço Português em momento de preocupante desiquilíbrio e instabilidade, e também a falta de clara definição de uma política funda — fiscal, educacional, financeira, agrícola, de comercialização e «marketing» e social para o desenvolvimento económico**», de modo a não haver atrofia de umas e hiper evolução de outras. A nova lei de Fomento parece pois obrigar a um sério exame das situações dos vários sectores industriais.

Referindo-se, em seguida, ao acordo assinado no passado dia 22 entre Portugal e a CEE em Bruxelas o presidente da C. da I. reforçou a vantagem do acordo com a «**acentuada quebra de expansão para os mercados tradicionais do Médio Oriente e do Sul do Mediterrâneo provocada por dificuldades políticas que não tornam, nesta altura, fácik à indústria portuguesa o acesso àqueles mercados**» Assinalou qinda que a luta entre as «**débeis estruturas industriais**» portuguesas em concorrência com as sólidas estruturas dos outros membros, precisará de um esforço a todos os níveis de economia nacional para terminar vitoriosa. Para isso «**não deve a administração alhar-se do bom conselho da Indústria e tentar novos ajustamentos posicionais sem se reunir com ela à mesa das grandes soluções**».

Em relação ao último ponto, o dr. Sá Viana Rebello, depois de lembrar a existência, em desenvolvimento, de um fluxo inflacionário que enraizou, não só no enquadramento do país na zona do dólar, mas também no desiquilíbrio entre a progressão social e económica, acentuou: «**Os preços dos produtos são sempre afacatos pelas flutuações das matérias primas, dos custos e dos salários e só têm contrapartida na produção e venda. Se estas não são aumentadas em ritmo suficiente, é inevitável o desfasamento e entramos no agravamento involuntário da inflação natural. Se, por outro lado, ha zonas densas de população que não acompanham o ritmo da progressão salarial da indústria e da progressão dos preços, nesses núcleos populacionais a inflação agrava a sua situação**».

E a terminar:

«**Falar-se pois em contenção de preços na indústria, mesmo com contenção salarial, mas sem controle possível das matérias primas e dos custos — elementos com grande parte de raiz não nacional — não se afigura tarefa fácil**».

Para a altura da 4.ª Conferência de Mesa Redonda, a realizar no fim do ano, no Porto, deixou o dr. Sá Viana Rebello as suas considerações àcerca das relações económicas entre a Metrópole e o Ultramar.

ESTAMOS EM ÉPOCA DE REVISÃO

-afirmou o reitor da Universidade de Lisboa

Atravessamos uma época em que se procede a uma procura de revisão de caminhos. Isto em todo o mundo e com particular incidência ao nível da juventude

sublinhou o reitor da Universidade de Lisboa, prof. F. Carvalho Barreira, ao usar da palavra, durante a cerimónia da distribuição dos prémios daquele estabelecimento de ensino superior, destinados a vários anos escolares das Faculdades de Medicina e de Farmácia, a que presidiu, tendo em seguida acrescentado:

É natural que haja uma consequente oscilação nos padrões de valores fundamentais; alguns são renegados para virem a ser revalorizados posteriormente, na plenitude anterior. Certo é, porém, que, apesar de todas as oscilações, se torna difícil admitir que o trabalho intelectual valioso deixar alguma vez de constituir padrão inalterável. Muito menos pode a Universidade viver sem que nela se realize trabalho intelectual de alto nível, informativo por um espírito criador de inovação.

Procedeu-se depois à entrega dos prémios, num total de 36.

DE BALÃO ATÉ AO RIO

Procedente de Londres, chega amanhã a Lisboa, por via aérea, um balão que irá tentar a traveesia directa Lisboa-Rio de Janeiro, seguindo a rota do «Lusitânia», com que os aeronautas Gago Coutinho e Sacadura Cabral empreenderam, há cinquanta anos, a viagem entre as duas cidades altânticas. O aerostato permanecerá patenta ao público durante seis dias, como cartaz da Expo-Ar 72, nas instalações da Feira Internacional de Lisboa.

O balão será exposto com a barquinha e completamente cheio, além de todos os apetrechos necessários ao seu funcionamento, a fim de incutir ao visitante a impressão de que se encontra pronto para partir.

A tripulação, chefiada pelo comandante Yarry, da FOrça Aérea dos Estados Unidos, chega no domingo a Lisboa.

50 FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

AGORA PARA MAIORES DE 14 ANOS

O MAIS DESEJADO E O MAIS FANTÁSTICO FILME DE SEMPRE!

E TUDO O VENTO LEVOU
(GONE WITH THE WIND)

com
CLARK GABLE
VIVIEN LEIGH
LESLIE HOWARD
OLIVIA de HAVILLAND

O filme dos 10 Oscares

no esplendor do gigantesco écran de

70 m/m

e do som estereofónico total!

Produção de DAVID O. SELZNICK do romance de MARGARET MITCHELL
A SELZNICK INTERNATIONAL PICTURE · VICTOR FLEMING · Realiz de · Argum de · SIDNEY HOWARD · Musica de MAX STEINER · MGM

COLOSSAL!

2.ª SEMANA

ÁS 15,15 E 21,15

CONDES

PANAVISION® GRUPO C — 14 anos METROCOLOR

1 SEMANA em LONDRES

POR APENAS 3 350$

Partidas: 3, 7, 11, 21 e 28/8
(Algumas datas esgotadas)

- VIAGEM EM AVIÃO A JACTO
- ESTADIA NO HOTEL
- TRANSPORTES EM TERRA
- VISITA DE LONDRES
- TODAS AS TAXAS
- ASSISTÊNCIA DE DELEGADO ABREU

NOVAS PARTIDAS: 11, 18 e 25/8

LONDRES — FIM DE SEMANA

DE 1 A 5/9 POR APENAS 2 900$

Em qualquer das partidas DESCONTO DE 10% para grupos de 10 pessoas

ORGANIZAÇÃO

abreu

FUNDADA EM 1840

PORTO Av. Aliados, 207 Telefone
LISBOA Av. Liberdade, 190 Telefone
COIMBRA — Rua da Sofia 2 Telefone 27011

teatro MONUMENTAL

HOJE: 2 SESSÕES 2
20.45 E 23 HORAS

Domingos à tarde às 16 h.
Grupo D — M/ 18 anos

VASCO MORGADO apresenta
RAUL SOLNADO
NA GRANDE REVISTA POPULAR
P'RA FRENTE LISBOA!

FLORBELA QUEIRÓS
* IRENE ISIDRO *
JOSÉ DE CASTRO
LINDA SILVA
E a fadista Ana Rosmaninho
JULIO CÉSAR * VICTOR MANUEL
PICCADILLY STARS BALLET
6.ª Semana
Mais de 60 figuras em cena

LIVRO DE BOLSO? LIVRO POPULAR?

Um livro de bolso é, por definição, um livro de pequeno formato, brochado. Pode ler-se no comboio, no autocarro. Países há onde se deita fora depois de lido. Contudo, a característica mais importante do livro de bolso é o seu baixo preço. Só o baixo preço poderá permitir as grandes tiragens que, por sua vez, são a única garantia para o editor de livros de bolso de que não vai perder dinheiro. O preço e a tiragem dependem um da outra e vice - versa.

Tendo-se, portanto, como certo que o livro de bolso, além do formato que permite metê-lo numa algibeira, só é verdadeiramente digno desse nome quando se vende muito e barato, pode pensar-se neste tipo de edições como um veículo privilegiado de cultura popular. Será assim na realidade? Estarão os editores portugueses, que agora parecem lançados neste tipo de edições, apenas interessados em ganhar dinheiro? Ou, pelo contrário, interessar-lhes-à também contribuir para uma elevação do nível cultural do País? Estarão os livros de bolso a constituir uma espécie de investimento a longo prazo destinado a criar hábitos de leitura inexistentes em Portugal, de forma a que, amanhã os compradores de livros sejam mais e melhores, muito mais e melhores?

O fenómeno do livro de bolso é novo, pelo menos na sua expressão que atinge o grande público, entre nós. Por isso, e porque ele, de perto ou de longe, se relaciona com aquilo a que se tem chamado a cultura de massas, publicamos hoje algumas declarações de responsáveis pela edição de livros de bolso, ou de algo que se lhes assemelha.

Páginas centrais

mesa redonda

AS CRISES MONETÁRIAS

-um pouco de história

PÁGINA TRÊS

O QUE É A DESCRISTIANIZAÇÃO?

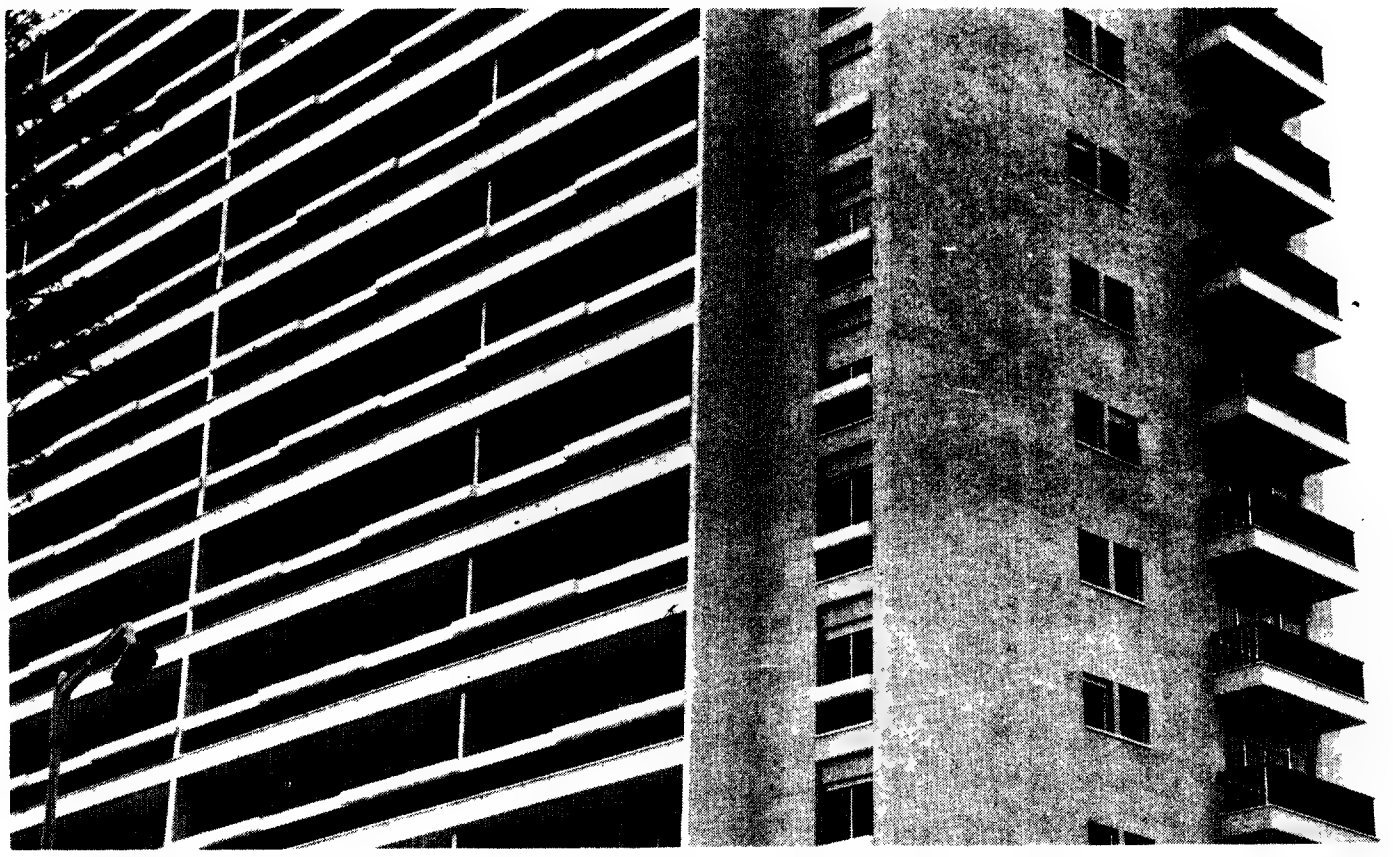
Páginas nove e dez

O PROBLEMA DAS RENDAS DE CASA

inquérito

RESPOSTA ABERTA À CARTA ABERTA DO SR. JOSÉ POIARES

Ler na página doze



assim vai o mundo

SOLTEIRAS

Setenta e cinco por cento das mães solteiras espanholas preferem viver com os filhos, concluiu um semanário madrileno depois de interrogar 500 mulheres na situação de mães solteiras.

O resultado do inquérito revela que 28 por cento das mães solteiras são analfabetas, percentagem considerada desproporcionada em relação à média de analfabetismo espanhola; 50 por cento tem apenas estudos primários e apenas quatro por cento atingiram a universidade. Por outro lado, 57 por cento são orfãs de pai, 7,5 por cento orfãs de mãe, e 24 por cento de pai e mãe. Filhas de mães solteiras eram 11 por cento.

COSTUMES

Segundo informou a Europa Press, citada na Imprensa espanhola, o Ministério da Informação e Turismo do país vizinho comunicou ao director da revista «Triunfo» que, por ordem do director geral de Imprensa, lhe havia sido aberto um «expediente administrativo» pois presumia-se que a difusão da notícia intitulada «Concentração mariana do Retiro madrileno. Quer ttabalhar para a saúde moral de Espanha?» pode constituir infracção à Lei de Imprensa.

Na notificação indica-se que a citada notícia, pelo alcance e sentido do seu contexto geral, pode constituir infracção ao artigo segundo da Lei de Imprensa, no que se refere ao acatamento da Lei dos Princípios Fundamentais do Movimento Nacional (única organização permitida em Espanha) e outras leis fundamentais relacionadas com o Foro dos Espanhóis (espécie de Constituição). Presume-se que o comentário da «Triunfo» em volta daquele acto celebrado no parque do Retiro pode implicar uma ridicularização de determinadas práticas piedosas da religião católica, tendentes à moralização dos costumes.

PROMOÇÃO

Contando antiguidade a partir do dia 7 de Julho, foi promovido, por ordem ministerial, ao posto de capitão de corveta o Principe de Espanha Don Juan Carlos de Borbón y Borbón.

COREIAS

Numa declaração oficial publicada em Seul, o Governo sul-coreano pede que o problema coreano não seja examinado na próxima assembleia-geral das Nações Unidas. O texto indica que o Governo sul-coreano espera que esse debate seja adiado, como já aconteceu o ano passado, a fim de que as conversações entre as duas Coreias prossigam normalmente, dando às duas partes a possibilidade de resolverem os seus próprios problemas.

O Governo de Seul afirma a concluir que a proposta de um certo número de países não-alinhados, encabeçados pela Argélia, no sentido de o problema coreano ser submetido à assembleia-geral das Nações Unidas só poderá azedar as relações entre as duas Coreias com todas as implicações da guerra fria.

POLUIÇÃO

Um tribunal distrital japonês, deferindo reclamações apresentadas, condenou, por culpadas de poluição, seis grandes companhias japonesas ao pagamento de uma indemnização equivalente a oito mil contos.

Foi a primeira vez que, no Japão, se verificou uma acção judicial a propósito da poluiçao, afirmando-se nos círculos jurídicos que a decisão do tribunal exercerá grande efeito na campanha anti poluição que se promove no país.

As firmas condenadas pertencem aos ramos químicos, eléctrico e petroquímico, sendo os reclamantes, em número de sete, representantes de famílias que se acharam prejudicadas.

ALCOOLISMO

O Governo soviético, no intuito de combater o alcoolismo — o mal social mais grave do país — decidiu aplicar penas severas contra a embriaguês, entre as quais sentenças de cadeia até cinco anos.

A especificação das penas, publicadas no «Trud», o jornal dos sindicatos, seguiu-se a uma recente campanha de propaganda, que culminou com a proibição de certas bebidas alcoólicas fortes e acabou com a venda de bebidas a menores.

LEITE

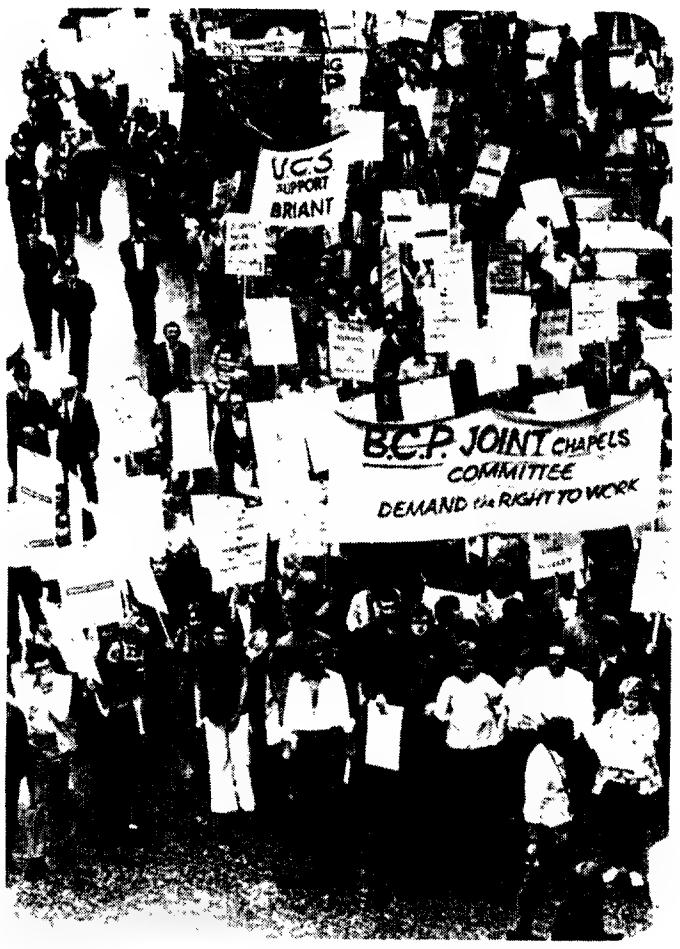
Dois médicos comunicaram à reunião anual da Associação dos Médicos Americanos que o leite e o chocolate podem fazer mal às crianças.

Os drs. Dreamer e Astor, da Universidade da Califórnia, afirmaram que, ao contrário do que geralmente se pensa, o leite e o chocolate podem provocar «um sindroma alérgico de tensão e fadiga» tanto em crianças como em adultos.

Ao ser-lhe perguntada a razão da alergia de certas crianças ao leite o dr. Astor lembrou que «o leite de vaca contém três vezes mais proteínas que o leite de mulher e se destina a um animal cujo índice de crescimento é seis vezes maior que o do homem».

AMEAÇA

Os extremistas protestantes da UDA (Associação de Defesa do Ulster) ameaçaram as comunidades católicas e os «provisórios» do IRA, dizendo que passariam a atacar dentro dos bairros de população católica para acabar com o apoio que os guerrilheiros recebem dos residentes. Deste simples facto algumas conclusões se podem ràpidamente tirar: 1 — Os homens do IRA são, de facto, guerrilheiros no sentido em que a população civil os apoia na sua luta contra o inimigo, dando abrigo e encobrindo-os da polícia; 2 — A situação agrava-se sem cessar, correndo-se o risco de que se passe à fase da guerra civil, como há muito se diz, da qual só pode resultar um vencedor; e 3 — William Whitelaw, apesar de algumas medidas positivas pelo menos na aparência, não poderá resolver esta questão que se apresenta insolúvel dentro do actual quadro estutural.



SOLIDARIEDADE

Os tipógrafos ingleses entraram em greve para manifestarem a sua solidariedade em relação aos cinco estivadores que foram detidos pelas autoridades em relação com os protestos contra a «política industrial» do Governo conservador de Edward Heath. Uma das características fundamentais dessa política está expressa na parte da lei «sobre relações industriais», aprovada pelo Parlamento dominado pelos «tories», que proíbe expressamente todas as greves de solidariedade. Os ingleses, os maiores leitores de jornais do mundo, viram-se privados do «Mirror» e do «Times» porque o Governo prende dirigentes operários. Mais do que a questão irlandesa é o permanente choque entre conservadores e operariado que irá influenciar, num futuro mais ou menos próximo, o resultado de uma eleição geral.

SINUSITES

Vias respiratórias obstruídas

GOTAS NASAIS BRONE

À VENDA NAS FARMÁCIAS

Pedidos de Literatura:

PESTANA & FERNANDES, LDA.

LISBOA — Rua da Prata, 153, 2.º

assim vamos nós

CAMÕES

Dos Serviços Culturais da Embaixada dos Estados Unidos da América recebemos, uma nota em que se dá notícia de que, para comemorar o quarto centenário da publicação de «Os Lusíadas», a Biblioteca do Congresso, de Washington, D.C., organizou uma exposição, que permanecerá aberta ao público até 31 de Agosto. Nela figuram algumas das primeiras edições da obra do poeta.

Os interessados na literatura portuguesa, e especialmente na obra de Camões, podem ver na Biblioteca do Congresso jóias bibliográficas, como as edições em português de «Os Lusíadas» correspondentes aos anos de 1609 e 1612, esta última impressa por Viciente Álvarez, de Lisboa, com permissão da Inquisição.

Também figuram na exposição uma das primeiras edições em espanhol, a de 1580, traduzida por Gómes de Tapia, de Sevilha, e a primeira edição em inglês, de 1655, traduzida por Richard Fanshaw,e impressa em Londres por Humphrey Moseley. Esta última foi reimpressa em 1940, pela Harvard University Press.

Entre outros documentos curiosos da exposição, encontram-se dois retratos de Camões. Um deles, de 1570, que se acredita ter sido pintado por Fernando Gomes, é o único feito em vida do poeta. No outro, uma gravura, Camões aparece, por equívoco, cego do olho esquerdo.

A. C. P. INFORMA:

Serviço especial para Guimarães por ocasião das Festas Gualterianas

NOS DIAS 5 A 7 DE AGOSTO DE 1972

Bilhetes especiais de IDA E VOLTA a preços reduzidos.

Período de venda: de 4 a 7 de Agosto.

Validade para regresso: de 5 a 8 de Agosto.

A C. P. vende, em todas as estações e apeadeiros desde Porto (São Bento) até Monção, até Braga, até Leixões e até Penafiel e desde Porto (Trindade) até Barradas e até Fafe, bilhetes especiais de IDA E VOLTA, a preços reduzidos, para a estação de GUIMARÃES.

A. C. P. INFORMA:

Serviço especial para Beja por ocasião das feiras de São Lourenço e de Santa Maria

NOS DIAS 7 A 17 DE AGOSTO DE 1972

Bilhetes especiais de IDA E VOLTA a preços reduzidos.

Período de venda: de 6 a 17 de Agosto.

Validade para regresso: de 7 a 18 de Agosto.

A C. P. vende, em todas as estações e apeadeiros da REGIÃO SUL, bilhetes especiais, de IDA E VOLTA, a preços reduzidos, para a estação de BEJA nas condições da Tarifa Especial n.º 10-Passageiros.

Em ALFARELOS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no Restaurante da Estação da C. P.

CRIATIVIDADE ESCOLAR

Por CALVET DE MAGALHÃES

Cada vez mais se fala da criatividade, aspecto do ensino que se tornou vedeta. Os inúmeros estudos que têm sido consagrados à criatividade, desde ha alguns anos, demonstram que se pode fazer muito mais com as crianças, para manter e aumentar em cada uma delas este potencial muito pouco desenvolvido. Os americanos podem ser indicados como sendo, neste momento, os que mais têm aprofundado o problema.

Se no entanto desejamos promover na escola tudo o que pode desenvolver a criatividade do aluno, encontramo-nos, ràpidamente numa especcie de contradição, pois a escola tem __ e sobretudo tem tido __ por missão transmitir a **herança** do passado sobre os diversos planos dos valores morais, sociais, culturais e cientificos. O aspecto conservador desta operação, a falta de autonomia dos directores de escolas e dos professores, tem sido primordial durante muito tempo, pois sòmente recentemente se contesta o valor exclusivo desses padrões.

A técnica tradicional de ensino considera que o aluno e um ser que deve **aprender a repetir,** quando se deveria entender que o aluno deveria ser alguem que deve **compreender e utilizar,** com vista a conceber, criar ou realizar. Utilizar os seus conhecimentos supõe a faculdade de discernir, numa situação, o que explica a necessidade de se servir de tal noção antes de outro.

Isto representa uma atitude muito mais activa, que supõe certo desenclaustramento das disciplinas e uma participação muito maior das crianças na organização e na aquisição do seu saber, mas o que não representa senão uma etapa para a criatividade. Impõe-se admitir, na vida da escola, que a criança, tambem ela, pode levar uma mensagem, que e necessario tentar fazer aparecer em toda a criança o que ela contem de original e de único em si.

Torna-se pois necessario que a escola se organize com vista a um verdadeiro dialogo pois ela não se pode contentar em abandonar o significativo sem se preocupar em se tornar realmente tanto com o significado em cada criança. Esse dialogo é de molde a fazer desabrochar interessantes mudanças no tratamento de noções.

A Escola se quer aumentar a criatividade dos alunos, deve reflectir num certo número de condições indispensaveis tais como por exemplo: em todos os níveis, seria útil pelo menos impor as noções, os conhecimentos, e os assuntos estudados sob forma imediatamente acabada, em vez do «pronto a vestir» cultural e científico. Seria necessario apresentar elementos, começos, situações de que se procuraria levantar problemas e a solução: as capacidades de transformação que visam a rever as experiências e os conhecimentos, e por isso a produzir novas formas e novos modelos; a capacidade para a produção-divergente (invenção de ideias, solução de problemas, onde a variedade e importante); as condições de base de uma educação criativa situada em diversos níveis (clima da escola e do trabalho escolar, esquemas de efectuação e estruturas, menos impaciência pelos resultados imediatos, treino de juizo diferenciado na busca de soluções), etc.

A criatividade escolar devia merecer muito melhor atenção e nesse sentido o Conselho da Europa se pronunciou, em Outubro passado, em Bruxelas.

AS CRISES MONETÁRIAS
um pouco de história

Até a uma altura relativamente recente, as crises monetárias do após-guerra tomaram, em geral, a forma de uma intensa especulação sobre uma moeda europeia cujo valor não era julgado conforme com a realidade pelos meios financeiros internacionais.

Foi sòmente no decurso dos dois últimos anos que as expressões «crise monetária» e «crise do dólar» se tornaram intercambiáveis. A seguir se referem alguns dos principais acontecimentos que conduziram às medidas tomadas em 13 de Agosto de 1971 pelo presidente Nixon.

A DESVALORIZAÇÃO DA LIBRA EEM 1967

Este acontecimento marca o apogeu das crises tradicionais de que o esterlino foi objecto. As medidas internas tomadas, primeiramente pelo Governo conservador em 1964, no decurso dos últimos meses antes de ser derrotado nas eleições, e, depois, pelo seu sucessor trabalhista, não trouxeram senão um auxílio temporário a balanço dos pagamentos em perigo, embora a autorga de créditos internacionais sucessivos __ tendo o último sido consentido uma semana antes da desvalorização __ só tivesse servido para retardar o dia da verdade. Em 18 de Novembro, a paridade oficial da libra relativamente ao dólar baixou de 14,3 por cento, tendo o dólar passado de 2,40 para 2,80 por libra esterlina. Vários outros países, a maior parte deles pertencentes à zona do esterlino, seguiram a desvalorização.

AS MEDIDAS DO PRESIDENTE JOHNSON EM JANEIRO DE 1968

Como para provar que o centro de atenção se tinha deslocado para a América, o presidente Johnson não esperou mais de dois meses após a desvalorização da libra para anunciar o seu programa em cinco pontos, destinado a melhorar a balança dos pagamentos do seu país.

Em todo o caso, o plano de Johnson era o primeiro reconhecimento oficial da fraqueza do dólar.

No entanto, a diminuição das reservas de ouro dos Estados Unidos, que era a consequência do défice __ reserva de ouro que decrescia ràpidamente até ao limiar dos 10 biliões de dólares __ não tinha como efeito engendar uma especulação contra o dólar como tal. Tinha como consequência engendrar a mais forte especulação que alguma vez se registou na história do ouro.

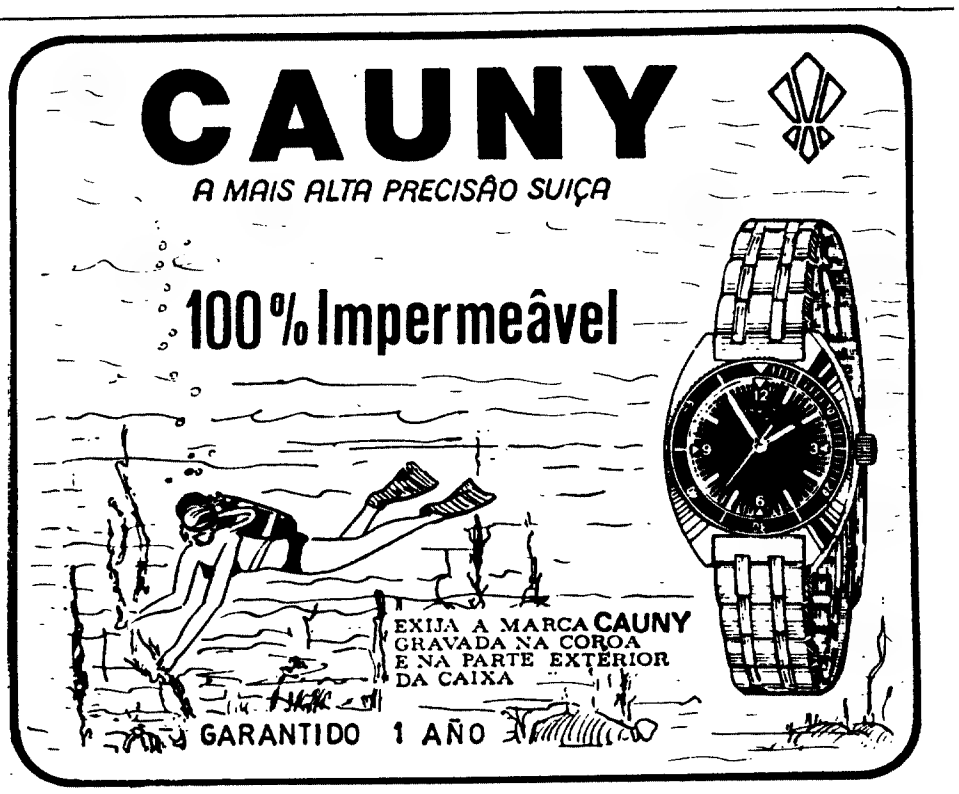
O FIM DO «POOL» DO OURO EM MARÇO DE 1968

A crise do ouro atingiu o seu paroxismo em 1968, e os países do «pool» do ouro deixaram, em 15 de Março, de manter o preço do metal precioso de 35 dólares por onça. Os membros do «pool» reuniram-se durante o fim-de-semana em Washington, para a dissolverem e estabelecerem o duplo mercado que, com geral surpresa, funcionou muito bem, em consequência. No entanto, era claro que, com o preço do mercado livre a atingir os 40 dólares, um regresso ao **statu quo** anterior era impossível. O problema do ouro tinha sido resolvido, mas o problema do ouro subsistia.

A CRISE DO FRANCO E DO MARCO DE 1968-1969

A crise do marco e do franco atingiu o seu apogeu em Novembro de 1968. Não se tratava ùnicamente de um fenómeno da Europa. É significativo que a Conferência de Bona, que te-

Continua na página seguinte



NOIVOS
As alianças e prendas da
OURIVESARIA DA MODA
dão felicidade
RUA DA PRATA, 257

As ligações da comunidade

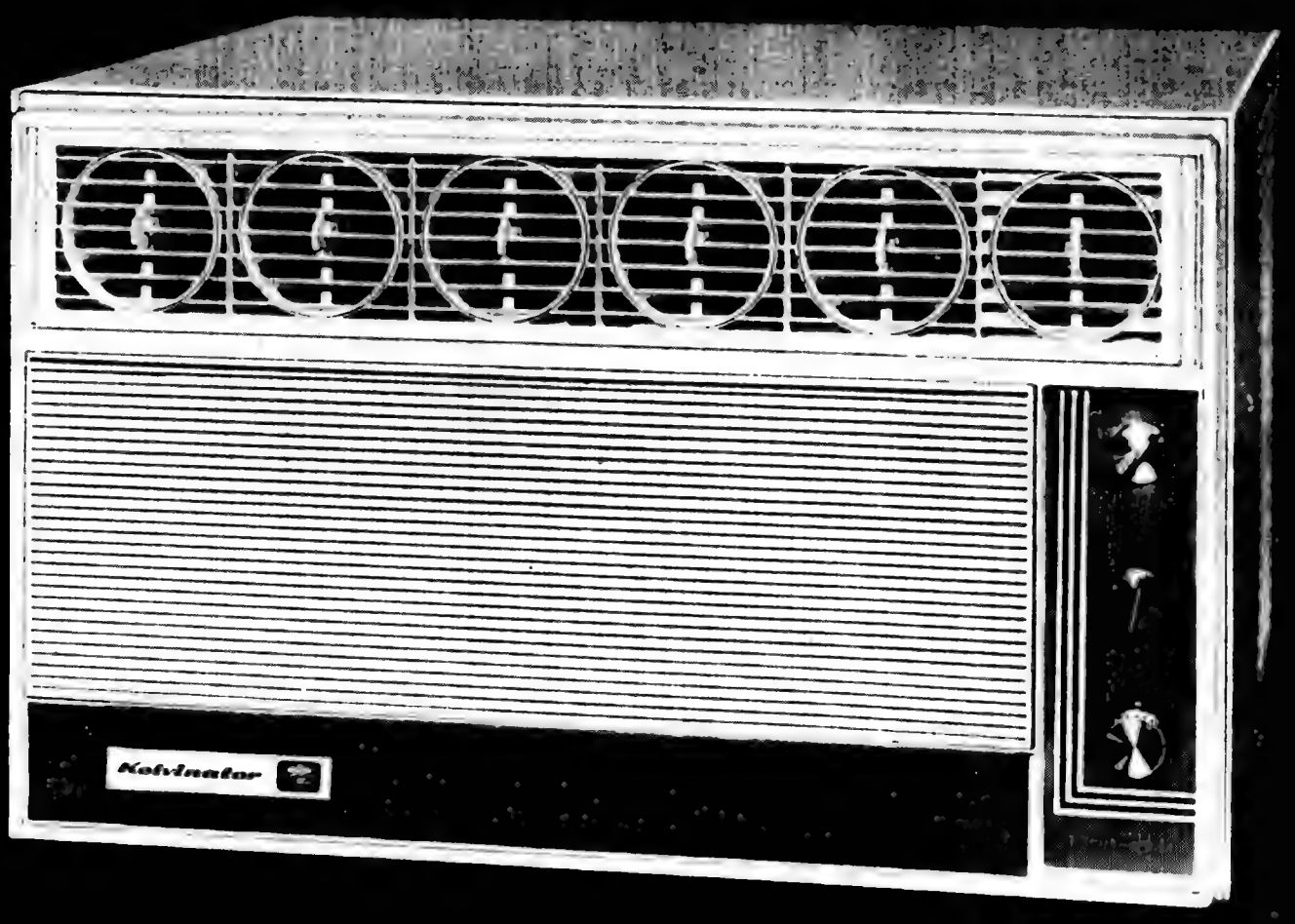
O que há de estimulante no «**new look**» do Mercado Comum é que, para responder às novas exigências, às quais a Comunidade terá doravante que fazer face, a sua política vai ter que ser totalmente repensada. É um estímulo para os Seis e um factor suplementar de atracção para os que se apressam a juntar-se-lhes.

Nos anos 60, muito se discutiu para deslindar se a CEE. era introvertida ou extravertida. Este debate era útil, pois conduzia a questões concretas. Sendo a Comunidade o bloco monolítico mais importante que existe no mundo das trocas comerciais, o seu comportamento não podia deixar de interessar os países, próximos ou longínquos, que dela não faziam parte. Mas, em certo sentido, era também um falso debate, uma querela de palavras baseada numa visão um pouco simplista das coisas, pois, na realidade, a Comunidade não tinha opção: era realmente obrigada a voltar-se para o exterior, pela simples razão de que, tendo laços com todo o resto do mundo, não podia concentrar-se ùnicamente em si mesma.

Era demasiado fácil de decidir, como decidiam Washington e os adversários britânicos do Mercado Comum, que, uma vez que ela havia erigido barreiras para se proteger contra as importações de trigo, de soja e de outros produtos alimentares, a Comunidade era introvertida. Sem dúvida que qualquer medida proteccionista está destinada a aborrecer alguém, e, não se pode negar que o sistema encaixado na política agrícola dos Seis deixa muito a desejar. Mas, enfim, este sistema tem sido objecto de críticas constantes adentro da própria Comunidade, e não resta dúvida que vai ser profundamente revisto; e esta política agrícola em nada tem feito desviar a orientação fundamental do Mercado Comum: este continuou a ser um bloco económico aberto para o exterior. Isso viu-se bem quando do «**Kennedy round**». Além disso, seja-nos permitido notar, não foram os europeus que anularam os efeitos do «**Kennedy round**» instituindo uma taxa de 10 por cento, hoje felizmente suprimida.

Outro argumento que era invocado para provar a introversão da Comunidade: a atitude selectiva adoptada por ela relativamente ao resto do mundo. No entanto, o tratamento privilegiado concedido aos países da zona franca explicava-se por considerações históricas. Por outro lado, no que diz respeito ao auxílio ao desenvolvimento, forçoso é constatar que, por exemplo, em 1970, a Comunidade soube mostrar-se mais generosa do que os Estados Unidos e que, vários anos seguidos, a contribuição dos Seis foi superior ao normal 1 por cento do produto nacional bruto que a Grã-Bretanha julgava tão difícil de alcançar. Do mesmo modo, quando esta última se lhe tiver juntado, a Comunidade terá ligações com setenta países, grandes e pequenos, de um extremo ao outro da Terra.

Se pensa FRIAMENTE
comprará Kelvinator
Ar condicionado



Se quando decide
a sua compra pensa
em qualidade,
em garantia,
em utilidade
e em preço, pensará
em Kelvinator

Na ampla gama
de Kelvinator,
há sempre
um modelo
com o tamanho
adequado
para si

SEQUEL

Trav. Moinho de Vento,
28 - C Lisboa 2

Rua Serpa Pinto,
74 Porto

Kelvinator

Crises monetárias

Continuação da página três

ve lugar nesse mês, durante a qual foi aprovado um certo número de medidas destinadas a encorajar as exportações francesas e a desencorajar as exportações alemãs, foi devida a uma iniciativa americana. A desvalorização do franco, de 12,5 por cento, em 1969, foi surpreendente, simultâneamente, quanto à data e quanto à amplitude. Teve por efeito levar temporàriamente a libra esterlina, de novo, à primeira linha da frente da especulação. Depois, o marco tornou-se flutuante nos princípios de Outubro, e a 24 deste mesmo mês foi revalorizado em 9,2 por cento, depois das entradas de capitais flutuantes terem atingido um nível considerável durante o mês de Setembro.

A LIVRE FLUTUAÇÃO DO DÓLAR CANADIANO EM MAIO DE 1970

Os acontecimentos que acabavam de se desenrolar tinham feito desaparecer os principais focos de desequilíbrio na Europa. A partir do momento em que o dólar canadiano, subvalorizado, foi autorizado a flutuar pela segunda vez depois dguerra, era provàvelmente uma crise que implicasse irectamente o dólar. A abertura dos direitos de tiragem especiais no princípio de 1970 fez muito para dar «felicidade aos pagamentos internacionais, mas nada fez para resolver o problema das paridades. O défice da balança de pagamentos dos Estados Unidos persistiu e a reserva de ouro tornou-se insuficiente para fazer face aos pedidos potenciais de reembolso dos bancos centrais estrangeiros.

A CRISE DO DÓLAR DE 1971

O pedido especulativo de moedas «fortes» atingiu proporções nunca vistas, durante o mês de Maio de 1971. A Alemanha Federal deixou de apoiar o dólar em 5 de Maio e vários bancos centrais europeus retiraram-se, nesse dia, do mercado. A livre flutuação do marco e do florim, bem como a revalorização do franco suiço e do xelim austríaco foram decididas em 9 de Maio. No decurso dos três meses seguintes, assistiu-se a uma alta brutal das moedas flutuantes, a maciças operações de apoio a favor do dólar nos países que haviam conservado moedas fixas (entre as quais o esterlino), a toda uma série de controlos dos câmbios destinados a evitar as entradas de dólares e a entravar a especulação habitual sobre o ouro. De tal forma, que o discurso do presidente Nixon, de 15 de Agosto de 1971, não fez senão pôr em movimento forças que se haviam acumulado no decurso dos anos anteriores. A desvalorização do dólar e os acordos de Washington de 18 de Dezembro deram uma moratória ao Ocidente. Até quando?

COMO GOZA AS SUAS FÉRIAS?

No prosseguimento da análise que «MR» tem vindo a fazer sobre o problema das férias, surge agora este inquérito subordinado à rubrica em epígrafe.

Entrevistámos uma centena de pessoas de todas as condições sociais. Como ponto de partida para cada uma das entrevistas, usámos três perguntas-chave: Usufrui do direito de gozar férias? Em que condições? Com ou sem subsídio? não nos mantivemos, porém, dentro do formalismo da pergunta-resposta. Orientando-nos por aquele questionário procurámos, sempre que possível, dialogar abertamente com as pessoas. Isso deu-nos a possibilidade de colher dados interessantes nesta centena de inquirições. E se é verdade que não se podem tirar conclusões a nível estatistico com uma centena de pessoas, mesmo assim obtivemos uma amostragem largamente elucidativa e que permite fazer uma avaliação bastante aproximada do problema.

Como é hábito, não incluiremos aqui a totalidade das respostas recolhidas e sim, únicamente, as que nos parecem condensar as vàrias facetas da questão, sendo ao mesmo tempo, as que pela sua clareza, melhor nos informam do modo como os portugueses encaram as contingências do facto.

HÁ QUEM JULGUE NÃO SER UM DIREITO

O que de mais elementar sobre o assunto pode pensar o cidadão ou o camponês dos nossos dias, é que as férias são um direito e não «um favor» prestado pela entidade patronal. De resto, hoje está reconhecido em quase todo o mundo esse direito, sabendo ainda as entidades petronais como o rendimento dos seus assalariados aumenta ou diminui, consoante existam ou não períodos de folga, consoante se pratique ou não o estímulo das férias. Digam o que disserem alguns entendimentos (ou subentendidos) do assunto, está provadíssimo que o equilíbrio físico e psicológico do assalariado deve imenso aos períodos de afastamento do local de trabalho e que o facto de se lhe tornar possível contactar com outros meios, naturais ou não, lhe restitui a, muitas vezes profundamente abalada, capacidade de trabalho e de raciocínio claro. No entanto, ainda há quem suponha que «ter férias não é um direito, mas apenas uma dádiva, uma oferta dos espíritos paternalistas, ou uma coisa a que só certos eleitos podem aspirar. O sr. Américo de Jesus Barbeiro, apanhado em plena faina ao lado de um amassador de cimento, disse-nos:

— **«Eu fui ganhão, agora trabalho na construção civil. Férias? Não, nunca tive. Nem lá no Alentejo, nem aqui. Só tenho férias quando não há trabalho. Mas eu não me queixo: as férias são boas para quem tem dinheiro para gastar e ainda será bom encontrar um patrão que as dê, se entender que deve dá-las. Um homem nasceu para trabalhar, não para andar na boa-vai-ela.**

Gente houve na nossa terra que só veio a saber o que eram «férias» **lá fora**, quando as circunstâncias fizeram deles emigrantes. Pelo menos é o que se depreende da resposta do sr. Hermínio Raul Fundidor do Porto, acidentalmente em Lisboaç.

— **«Estou em França há sete anos, em Paris. O meu ofício sempre foi o de pedreiro e é assim que eu ganho lá a vidinha. Férias? Ah, quer o sr. dizer «vacances»? Pois eu conheci esse direito pela primeira vez em terras de França. Cá nunca tinha gozado férias. Agora lá toda a gente goza férias e com o subsidiozinho na mão. Não, não faço tensões de voltar para França, mas faço tenções de exigir as minhas férias, sempre que tiver ocasião para isso. Acho que toda a gente tem direito a isso, assim como ao subsídio. Pelo menos lá por onde andei é assim...**

Ou então deparamos com os que só começaram a gozar férias muito recentemente, apesar de toda uma vida de trabalho. Férias sem subsídio, como nos diz o sr. Elisário Arrais dos Reis, da Rua do Vale de Santo António: cortador de profissão.

— **«Bem, eu férias, férias, tive este ano pela primeira vez: catorze dias. Mas sem subsídio, embora seja sindicalizado. Creio que o nosso sindicato ainda não tratou desse pormenor.**

Cobrador da Carris, o sr. João Borges, que vive na Brandoa, declara-nos:

«Estou na «Carris» há sete anos e usufruo de 16 dias de férias. Com subsídio, sim, senhor. Mas o subsídio de férias só nos começou a ser pago de há dois anos para cá. Até então, «nicles». Eram férias «em branco».

MAIS DE 30 POR CENTO SEM FÉRIAS E MAIS DE 50 POR CENTO SEM SUBSÍDIO

Chegámos a pensar que as percentagens dos sem férias e sem subsídios seriam muito curtas. Por vezes, deixamo-nos embalar pela vida e também sonhamos com o melhor dos mundos. Um dia, porém, saímos em busca da verdade e verificamos que «o melhor dos mundos» não existe.

— **Trabalho numa pedreira.** — confessa-nos o sr. Alberto Pedro, de Viseu e a morar em Lisboa — **Não tenho férias. Nunca me falaram nisso. E olhe que gostava. Trabalho no campo e na pedra desde os doze anos, cou em quarenta e sete, calcule, e nenhumas regalias.**

No fim do nosso inquérito puzemo-nos a dividir percentagens: na realidade, mais de 32 por cento das pessoas que entrevistámos não gozavam do direito às férias e mais de 50 por cento não tinham subsídio, ainda que gozassem férias. E existem ainda os que, tendo férias e subsídio, não podem gozar nem um nem outro, pois a carência da vida pede sacrifícios enormes. E o caso do sr. António Leal Santos, de 51 anos, motorista de táxi em Lisboa, morador no Lumiar, que nos elucida:

Tenho férias e subsídio, como todos os meus colegas da praça. Mas sou casado, há gente a meu cargo, filhos a estudar. Ora hoje, para se gozar umas férias em condições, aquilo a que se possa chamar férias, com um mínimo de comodidades e sem a dor de cabeça de se pensar que o dinheiro que gastamos agora, nos faz falta amanhã, há que ter uns patacos largos postos de parte. Eu, embora me considere um homem poupado não vejo que o dinheiro me chegue para tanto. Deste modo, em lugar de gozar o meu tempo de férias, sabe o que faço? Vou trabalhar para outro patrão. Esse dinheiro e mais o subsídiozito, juntos, sempre me dão para tapar um «buraco» lá em casa. É a vida do pobre...

Sabe-se por exemplo, que a imensa multidão de funcionários públicos do nosso País, não pode contar com subsídio de férias. Sabe-se que, em outras artes e ofícios, os contratos colectivos ora dão direito a esse mínimo direito, ora não dão. A maioria das iniciativas sindicais que acabaram por trazer férias e subsídios aos assalariados, datam de pouco tempo. Mas há sindicatos onde a força de iniciativa escasseia a valer. Daí esta disparidade, este «não igual para todos» este desnivelamento de condições, quantas vezes causa de certos arreganhos que até podem ter o seu quê de justo apelo.

Um apelo para compreender.

— **Os profissionais da indústria hoteleira** — afirma-nos o sr. Armando Teixeira Borges, chefe de recepção de um moderno hotel de Lisboa — **sòmente há cerca de um ano passaram a contar com o subsídio de férias, fruto do último acordo colectivo de trabalho. Até aí, não só não tínhamos subsídio, como o tempo de férias se achava reduzido a um mínimo inconcebível, através de um anterior contrato de trabalho, já obsoleto, naturalmente, como obsoleto está a ficar o novo contrato** — Sorriu ao aperceber-se do trocadilho e acrescenta: **Ora veja: esse primeiro contrato permitia umas férias que podiam ir até aos vinte dias...se o profissional contasse vinte anos ao serviço duma só empresa. Claro que isso era um erro. Um bom profissional de hotelaria, para ser considerado como tal, não pode, sob pena de modificar os seus métodos, deixar-se ficar toda a vida numa só casa. Um profissional de hotelaria que não arranje um espírito eclético, capaz de absorver os ensinamentos que lhe ofereçam sete ou oito casas onde os métodos de trabalho diferem, nunca irá além de uma segunda categoria. Agora vejamos o que acontecia: como ninguem gosta de se sentir petrificar, a maioria dos profissionais entendia que mudar era excelente maneira de aprender. Isso, porém, e da maneira que estava redigido e posto em vigor o antigo contrato colectivo de trabalho, reflectia-se no seu direito às férias. Eram poucos muito poucos, mesmo, os profissionais que conseguiam alcançar esses vinte dias de merecido descanso. Para agravar a questão, repare-se que o profissional da indústria hoteleira tem de gozar as suas férias numa altura do ano em que ninguém deseja ter férias: em pleno Inverno. Em pleno Inverno, porque o Verão, como se sabe, não nos dispensa. Pois com o novo contrato de trabalho as coisas mudaram alguma coisa: os feridos são pagos ou acrescidos às férias. Como quase sempre se escolhe a última modalidade, o profissional da indústria hoteleira já pode contar com um tempo de férias razoáveis. Porém, há ainda muito a fazer para que tenhamos razões para olhar o futuro sem apreensão.**

Tínhamos corrido um bom número de profissões. Faltava a terra. Os homens da gleba. Da enxada, do arado ou do tractor, que todos eles são filhos da mesma vida. Encontrámos um grupo a arrancar batata ali perto de Colares. E veio à baila o tema férias. À nossa primeira pergunta, «já alguma vez gozou férias», o sr. José Vicente Raimundo de Almoçageine, rosto gasto pelos ventos invernais, teve um sorriso de ironia:

Férias, eu? Oh, oh! Nem pensar. Olhe, ainda no domingo passado andámos aqui o dia inteirinho, de sol a sol. De sol a sol, sim, senhor. Catorze horas por dia, que é uma beleza. Férias! Cá a rapaziada não tem direito a isso, não, senhor. É como vê. De manhã à noite e isto desde que peguei pela primeira vez numa enxada, já lá vão quarenta anos.

LUSTRES
de requinte antigo e moderno para o seu lar. Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Tel. 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

UNIVERSIDADE
MAIORES DE 25 ANOS
PREPARAÇÃO INTENSIVA DURANTE AS FÉRIAS
EXTERNATOS
São Vicente
Rua do Paraíso, 28
Tel. 864100
Marquês de Pombal
Rua Edith Cavell, 8
(ao Chile) — Tel. 82 02 21
Álvares Cabral
Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica)—Tel. 70 69 74
LICEAL—PREPARATÓRIO—COMERCIAL—INSTITUTOS

ÚLCERAS
DO ESTÔMAGO E DO DUODENO
DE-NOL
Sem dieta — Sem alcalinos — Sem repouso obrigatório
Sem abandono da vida profissional
PEDIDO DE LITERATURA:
PESTANA & FERNANDES, LDA.
R. da Prata, 153-2.º, Lisboa—R. do Almada, 82-2.º F., Porto

LIVRO DE BOLSO

inquérito

Junto da Arcádi

Continuação da primeira pagina

ALGO DE CONCRETO

Znu Abecassis, a gerente de «Publicações D. Quixote», começou por esclarecer que não considerava as colecções «Cadernos D. Quixote» e «Diálogo» — aquelas a que sempre nos referimos naquela editora — como livros de bolso, «no sentido tradicional da expressão», pois «infelizmente» elas não têm a tiragem suficiente para se poder baixar o preço para o nível das colecções que se encontram presentemente no mercado português.

Contudo pela periodicidade, pelo formato e pela ambição expressa de «atingir o público o mais vasto possível», aquelas colecções da «D. Quixote» podem ser incluídas num tipo de publicação que, não preenchendo exactamente as características do livro de bolso, dele se aproximam muito.

Ambas as colecções da «D. Quixote» publicam exclusivamente ensaio. Nelas a ficção não entra. Porquê? Porque, segundo Znu Abecassis, «o público tende hoje a pedir algo de concreto em troca do seu dinheiro. O poder de compra é tão baixo que se torna quase um luxo comprar um livro de ficção (divertimento). As pessoas são obrigadas a pensar duas vezes antes de gastar o dinheiro».

«O LIVRO DE BOLSO NÃO SE EMPRESTA»

João Domingues, da editorial «Minerva» pensa que o baixo custo das edições de bolso trazem uma curiosa vantagem em relação ao preço elevado do livro tradicional. É que, segundo ele, «O livro de bolso não se empresta. Quem vê um título que lhe interessa não vai pedi-lo emprestado. O preço (15 escudos) permite-lhe comprá-lo. E sabe-se como é costume ler livros emprestados em Portugal. Há mesmo quem alicerce os seus conhecimentos apenas em livros emprestados, sem nunca comprar um volume».

Ao contrário da «Minerva», a «D. Quixote» vende os seus cadernos a 30 escudos. O mesmo sucede com a «Biblioteca Arcádia de Bolso». As razões desta diferença de preços parece residir fundamentalmente na disparidade das tiragens. Enquanto João Domingues afirma que os livros da colecção de bolso da «Minerva» têm uma tiragem inicial de 20 mil, fazendo-se depois mais edições, Znu Abecassis diz que, na «D. Quixote», as tiragens se situam entre cinco e dez mil. O dr. João Salgueiro, da «Arcádia» , por seu lado, colocou o número de exemplares de cada volume da BAB entre três e quatro mil. Outro factor, no entanto, pode ter influência nos preços. A «Minerva» tem uma tipografia própria, enquanto a «D. Quixote» e a «Arcádia» são obrigadas a imprimir os seus livros em oficinas alheias que, evidentemente, têm de ganhar alguma coisa.

Mas há outros factores que influenciam decisivamente a amplitude da tiragem de um livro, de bolso ou não. Eles são o carácter da obra, a forma como está composta a capa, a publicidade que se faz à volta da edição.

MISTÉRIOS

Assim, não devemos estranhar, por exemplo, que a BAB tenha publicado «A Religiosa», de Diderot, sem obter qualquer êxito. O livro foi vendido, informa o dr. Salgueiro, a 15 escudos e a 20 escudos em épocas diferentes. Venderam-se dois mil exemplares em sete anos. Mais tarde fez-se uma edição, também da Arcádia que custava 60 escudos. Venderam-se quatro mil exemplares num mês. «Mistérios» — comenta o dr. Salgueiro.

O «mistério», por certo também para o dr. Salgueiro, não é porém insolúvel. Trata-se simultâneamente de uma questão de processo e de uma realidade portuguesa. **Grosso modo,** pode concluir-se deste episódio com «A Religiosa», que existe em Portugal um público interessado em Diderot. Esse público, porém, prefere uma edição cuidada, pelo menos na aparência, a uma edição barata. O público dos livros de 15 escudos, infelizmente, não parece interessado no grande escritor francês do século XVII. Poder-se-á dizer que outros clássicos se têm vendido às dezenas de milhar. É verdade. Esse fenómeno exigiria uma análise caso a caso. Balzac e Flaubert não são o mesmo que Diderot ou Jean-Jacques Rosseau. Mas a forma como se apresenta um escritor (o desenho da capa, por exemplo) pode ter um efeito decisivo no êxito da edição. Quantos livros americanos não vemos nós nos escaparates das livrarias com capas eróticas? E, no entanto, muitas vezes o assunto do livro nada tem a ver com o que capa representa. E quantos serão os compradores levados a adquirir um livro pelo que vêem na capa que, sentido-se enganados, abandonam o texto ao fim das primeiras páginas?

JOÃO SALGUEIROS: «Mistérios...»

FRUTOS?

A «D. Quixote» pela voz da sua jovem gerente, diz ter «esperança que dos livros de bolso tradicionais venha a criar-se um hábito de ler. Daí virão frutos de que também nós beneficiaremos». O dr. Salgueiro da Arcádia tem uma opinião divergente, pelo menos na aparência: «A grande divulgação nem sempre cria bons hábitos de leitura. Se ao público se faculta em grandes quantidades o livro de baixa qualidade, de cordel, ele (o público) tende a fixar-se nesse género de sub-literatura. «O dr. Salgueiro admite que uma das características da BAB é ser «pouco acessível ao grande público» . Porém, a «dificuldade reside em tornar acessível sem enganar.»

UM ESPELHO DO MUNDO

«O nosso campo de trabalho — diz Znu Abecassis — é na educação, em todos os sentidos da palavra educação. A princípio, talvez um pouco pretenciosamente, editamos aquilo que pensavamos devia interessar o público. Hoje, tentamos dirigir os nosso livros às necessidades que existem actualmente. Tentamos preencher os «buracos». Por exemplo não faz grande sentido publicar na Alemanha ou na Suécia um livro sobre o envolvimento social na Dinamarca. São países com uma maneira de viver semelhante. Contudo, dar a conhecer esse envolvimento em Portugal pode ter interesse».

Znu Abecassis resume as intenções das duas colecções dizendo que elas pretendem ser «um espelho do mundo».

Uma vez que a D. Quixote» publica sobretudo cadernos so-

JOÃO

bre questões políticas do n
tempo, interessava saber qu
critério para a organização
edições. Nestas questões, t
o sabemos, só os néscios são
solutamente neutrais. Quem
colhe os títulos e os textos
os cadernos da «D. Quix
não é néscio. E isso nota
Contudo, a gerente prefere
zer que as suas colecções
a «inclinação» que lhe é d

AINDA OS

Pelas minhas relações pessoais, referidas já na MESA R
DONDA de 14 de Julho, estou em contacto com algumas dezer
de jovens.

Como é óbvio, dos rapazes residentes em Lisboa tenho apen
em regra, testemunho verbal, que não utilizarei aqui.

Referirei, como fiz anteriormente, testemunhos recolhidos
minha correspondência, vindos de vários pontos do país, acresc
tando, quando necessário, alguma «nota» destinada a melhor co
preensão do texto.

Jovem de 15 anos:

«Na instrução primária era o melhor da classe.

Apenas tive um professor pois estava numa escola particul
Era um professor da velha escola, que batia por tudo e p
nada e, por isso, andávamos sempre na linha.

No entanto gostei tanto do professor que tive, que air
hoje o visito muitas vezes.

Como era o melhor tinha mais privilégios e o professor gos
va mais de mim.»

Jovem de 15 anos:

«O meu professor dava as reguadas em função dos alunos.

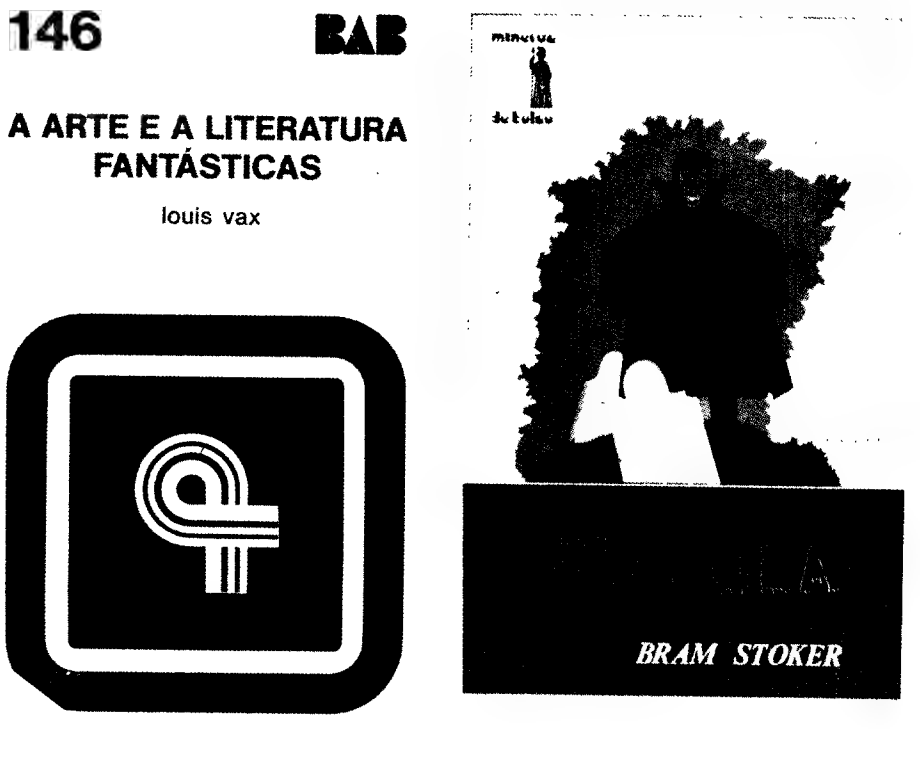
No entanto, às vezes, havia bons alunos que ao fazer
grandes disparates levavam a sua receita igual à dos outros, n
isto em excepção.

Eu, que me lembre, nunca fui castigado sem merecer...

Do chá de tília, não tenho a certeza, mas levei aí um
vinte em cada mão. Dessa vez não chorei, por questão de nerv
porque sabia que era culpado, mas à saída da escola fui cho
sòzinho para o jardim (Nota: o caso foi o terem quebrado u
ramo de uma tília, onde vários rapazes colhiam folhas para fa
chá. O castigo foi dado pelo professor e pelo director da esc
batendo cada um, simultâneamente, numa das mãos dos alun
implicados no incidente).

Das outras vezes chorava de vez em quando, porque julgava-
por mim próprio e achava que não devia levar as reguadas q
me tinham dado, estas em pouca quantidade.

Têm-me prejudicado um pouco. Ao falar com um profes
ou ao ser chamado, tenho falta de confiança em mim mesmo



? LIVRO POPULAR?

dos responsáveis
, Minerva e D. Quixote

MINGUES: «O livro de bolso não se empresta»

pelo que se pensa no mundo e não por uma «tendência para impor a nossa opinião».

GRANDES SACRIFÍCIOS

A «Minerva» relançou-se na edição de livros de bolso no princípio deste ano. Anteriormente, afirma-o o sr. João Domingues, «as colecções desse tipo não tinham vingado».

«O facto da «Editorial Verbo» ter lançado, da forma como lançou, a sua colecção influenciou a da «Minerva». Havia já uma colecção de bolso. Aproveitámos o ambiente».

Apesar de, segundo nos disseram outros editores, as tiragens da «Minerva» serem hoje provàvelmente as maiores, a colecção, que é mensal, obriga a «grandes sacrifícios».

João Domingues ainda está céptico. «Se o livro de bolso pegou ou não ainda está para se saber». Para ele, e por certo também para os outros, «não se pode arriscar muito quando se não tem um grande poder económico».

A «Minerva», ao contrário da «D. Quixote» e também da «Arcádia», enveredou por um caminho quase exclusivamente de ficção. Essa opção é deliberada. O mesmo não acontece porém com a ausência de autores portugueses.

«Há autores portugueses que se negam já a entrar em colecções de bolso, apesar de já o terem feito» — diz ele.

A razão ou o pretexto dessa recusa parece estar em que, segundo o sr. João Domingues, os direitos pagos pela inclusão de uma obra numa colecção de bolso não podem ser os mesmos que se pagam noutro tipo de livro. Seja essa a razão — ou tenha ela origem numa reação à forma como se comercializa a obra de arte — a verdade é que os escritores portugueses, ao fim e ao cabo aqueles que o povo português melhor devia conhecer, estão a ficar arredados do grande circuito.

Aparentemente, o sr. João Domingues alinha com Znu Abecassis quando deposita grandes esperanças no livro de bolso como veículo de difusão do hábito de ler. «Tentamos criar o hábito de ler. Para se ter cultura é preciso ler. Quando o povo português começar a ler verdadeiramente — mesmo que sejam apenas romances — então começará a cultivar-se e passará, talvez a ler ensaios».

Os livros RTP da «Verbo» também influenciaram a BAB da Arcádia. Mas foi sol de pouca dura. A BAB é hoje no dizer do dr. João Salgueiro, a mais antiga colecção de bolso. Quando a «Verbo» lançou a sua colecção, a «Arcádia» sentiu a necessidade de baixar os seus preços para os 15 escudos estabelecidos pela publicidade. Contudo, «o público não reagiu». Este ano o preço subiu em dinheiro e em número de exemplares vendidos».

LUGAR COMUM

A BAB pretende ter uma função cultural, cobrindo «todos os interesses». Procura-se fugir à «actualidade momentânea» e ir mais para os assuntos que são «eternos» (aspas do próprio dr. João Domingues). Contudo, tenta-se ir ao encontros dos interesses que se sentem nas pessoas — explica o dr. Salgueiro.

A «Arcádia» também não publica ficcionistas portugueses na sua colecção de bolso. Mas podemos lá ver alguns ensaistas. Um dos maiores êxitos da colecção foi mesmo um livro do prof. Vitorino Magalhães Godinho, «A estrutura da antiga sociedade portuguesa».

Para o dr. João Salgueiro as vantagens do livro de bolso são já um lugar comum: «levar a cultura o mais longe possível». Contudo, a grande arma da divulgação que, ao fim e ao cabo, parece ser o preço, não pode «infelizmente» ser utilizada em toda a sua capacidade. A culpa dos preços não serem mais baixos reside na exiguidade das tiragens. Essa exiguidade deve-se a não haver um grande público leitor. É um círculo vicioso.

ZNU ABECASSIS: «Livros para educar»

CASTIGOS CORPORAIS NAS ESCOLAS

não é que não saiba mas tenho medo que aquilo que eu penso não esteja bem.»

Jovem de 15 anos:

«Na primária fui bastante castigado... Tive sempre a mesma professora.

O número de reguadas que nos dava variava de duas a vinte, conforme o castigo, e pelos erros de ditado era quantos erros quantas reguadas.

O máximo que apanhei foram dez na mesma mão, por ter dito uma piada enquanto ela falava.

A minha escola era num primeiro andar (Nota: escola particular), mas tinha nas traseiras um pátio onde brincávamos 15 minutos depois do almoço. Voltávamos entao para a aula onde tinhamos de estar à espera da professora, muito quietos e calados, para não sermos castigados quando ela chegasse. Ficávamos à guarda de uma contínua muito velha e rabujenta que nos mandava «para o castigo» por tudo e por nada.»

Jovem de 15 anos:

«O professor não me deixou nenhum complexo com os seus castigos corporais, mas lembro-me perfeitamente que, nesses tempos antigos, ficava a conversar com os meus colegas sobre a iniquidade do professor...

A instrução primária i n f l u i u no meu curso liceal... como o professor nos obrigava a trabalhar demasiado habituou-me, talvez, ao trabalho.»

Jovem de 17 anos:

«Eu ingressei no «Internato» pèssimamente preparado da instrução primária. Tive três professoras: uma na 1.ª e 2.ª classe, outra na 3.ª e outra na 4.ª e Admissão.

A primeira batia-me pouco, mas trouxe-me sempre de ponta. Normalmente tinha poucos erros no ditado e era um aluno médio. Por isso batia-me pouco... Passava semanas sem ser castigado.

Na 3.ª e 4.ª classe já não sucedia o mesmo. Tanto uma como outra me castigaram bastante. O seu maior castigo era 50 reguadas em cada mão, mas felizmente nunca o experimentei.

Visto os ditados serem mais rápidos e a fala delas não se percebia, eu tinha 8 e 9 erros (Nota: as professoras eram açorianas, leccionando na Beira Baixa). Cada erro eram quatro bolos nas mãos. Acho que nem vale a pena fazer a conta e calcular as vezes que isto sucedeu...

Também me aconteceu na 3.ª classe não almoçar pois não era capaz de fazer um problema.

Que coisa péssima. Castigos por vezes injustos e sovas desmedidas. Assim me marcaram de tal modo, a viver num clima de desconfiança, medo e castigo...»

Jovem de 20 anos:

«Fiz a 1.ª classe na cidade de..., numa escola particular, de uma senhora muito boa e conhecida de meus pais. A minha professora era imensamente boa e fui um aluno extraordinário na minha 1.ª classe. Passei este ano nesta cidade, pois minha avó estava no Brasil. Regressando ela, voltámos todos para... (terra da sua naturalidade) onde meu pai trabalha nas propriedades.

Recordo-me que tive um choque brutal ao encontrar um professor totalmente oposto à minha primeira professora. Na 2.ª e 3.ª classe raramente apanhei reguadas, pois ia bem preparado e estudava bastante para as não apanhar, pois via colegas que chegavam a apanhar todos os dias. Mas não duas ou três: tinha colegas que apanhavam frequentemente doze ou quinze reguadas seguidas, e segundo me parece a maioria eram injustas.

Por vezes toda a classe, sem excepção, levava duas ou três reguadas, e a maior parte dos alunos não as merecia. Assim, especialmente na 4.ª classe, deixei de estudar como estudava anteriormente, com interesse, pois quase todos os dias levávamos duas ou três reguadas, quer estudássemos, quer não, pois neste último ano da instrução primária era raro o dia em que um aluno vinha para casa sem levar reguadas. Podes pensar que estou a exagerar um pouco, mas já sabes que a sinceridade é uma das virtudes que mais aprecio...

Recordo-me que o que me fazia mais impressão era ver a maior parte dos colegas a chorar depois de levar as reguadas do professor. O castigo que mais me afectou, suponho que foi uma reguada que levei de um colega que tinha quinze anos e a quem o professor mandou bater a todos os alunos, por qualquer pergunta que fez e a que ninguém respondeu. Nesse dia o professor tinha a mão ferida, o que o impedia de bater. Nunca mais esquecerei que foi a única vez que chorei com uma reguada, pois de tantas que levei do professor, embora me doessem muito, fiz sempre um esforço (suponho que por vezes quase para além da força humana) e nunca chorei. Ainda me recordo que por ter chorado dessa vez, o professor teve com que me aborrecer cerca de um mês.

O professor por cada erro que dávamos no ditado dava duas reguadas. Por isso podes ver o número de reguadas que dava por dia, pois tínhamos ditado todas as manhãs e à tarde era geralmente o «arraial», como ele chamava. Recordo-me que tinha um colega que levou 48 reguadas seguidas, pois teve 24 erros no ditado. Tive uma pena dele que, recordo-me, quase chorei no meu lugar.

Quero esclarecer-te que nunca disse aos meus pais o número de reguadas que apanhava, não por falta de confiança, mas por qualquer razão que nem eu mesmo sei explicar...

Espero não ter sido aborrecido com o que contei dos meus anos de instrução primária, em que hoje mesmo estou convencido de me ter portado como um verdadeiro homem, pois enfrentei o problema sem contar aos meus pais, embora soubesse que se pedisse aos meus pais para voltar para casa de minha avó (nota: em cidade diferente) acabar a instrução primária, não me seria recusado o pedido, embora lhes desse o desgosto de sair do pé deles, mas ficariam contentes se soubessem como eu sofri naquela escola...»

Este testemunho de um jovem resulta da sua reflexão perante os seus resultados escolares, comparados com um exame psicotécnico que fez no momento de admissão à faculdade.

Bem mostra o drama vivido em silêncio pela criança, sem que as pessoas que a rodeiam disso se apercebam.

Se a sua leitura ajudar a compreender e a ajudar as crianças, não se terá perdido tudo.

Penso, todavia, numa próxima oportunidade, transcrever a opinião de uma professora que, há quinze anos já, explicava porque razão não utilizava esta categoria de castigo.

TARCILIO RODRIGUES

espelho da imprensa

A TELEVISÃO NA MADEIRA JÁ FALA PORTUGUÊS (ATRASADO)

O «Jornal da Madeira», de 30 de Junho último, inseria a seguinte notícia, assinada por Gilberto Teixeira:

«Vale mais tarde, do que nunca» .. lá diz a frase. Eu diria apenas que o Emissor Regional do Funchal da Radiotelevisão Portuguesa, pese embora a precipitaçãozinha de se fazer **promessas** .. principia hoje a partir das 19,30 horas a enviar imagens para nossas casas.

Não está em causa o ter sido tarde ou cedo. Está em causa, isso sim, a realização da obra a partir de agora uma realidade! embora a título experimental, podemos dizer que a Madeira tem já, o seu Emissor de TV.

E mais um motor de progresso que se acciona e que lògicamente trará benefícios vários à grande maioria populacional. E este, por assim dizer, o grande motivo do nosso regozijo, admitindo mesmo a hipótese de que aos nossos pequeninos «écrans» nos cheguem imagens defeituosas, tremidas e até substituídas pelo célebre «slide» «Pedimos desculpa pela interrupção, o programa segue dentro de momentos».

Encarando o problema com absoluto realismo, e considerando a complexidade do empreendimento, ora a funcionar cautelosamente em período experimental, podemos situar-nos naquela posição de observadores desapaixonados e livres de emitirem opinião.

Empreendimentos com muito menos **impacto e valor** relativamente terão nascido sob o jogo dos «cocktails», à sombra de apadrinhamentos de peso, com publicidade gordurosa, etc. etc., às vezes com atrasos bem mais escandalosos... Este, por razões várias, nasce humilde, discreto, ainda que a sua inauguração oficial prevista para Agosto, venha a ser caracterizada por aquele justificado conjunto de cerimónias a que estamos habituados.

COMO VAI SER A PROGRAMAÇÃO DE HOJE

Embora sujeita a alterações a programação prevista para esta noite está assim estabelecida:

19,30 horas Abertura
19,32 Auditório musical 9.ª sinfonia de Mahler.
21,00 «O presente e o futuro» palestra do ministro de Estado, dr. Mota campos (simultâneamente com a TV de Lisboa).
21,30 Telejornal
22,00 Barreira de sombra

Reportagem da corrida de touros realizada ontem à noite na Praça do Campo Pequeno em Lisboa, cujo cartaz foi preenchido pelos cavaleiros Manuel Conde e David Ribeiro Telles, e os espadas Angel Teruel e Ricardo Chibanga e o Grupo de Forcados Amadores de Santarém, sendo lidados 8 toiros da Ganadaria de D. Maria Anna Passanha.

00,00 Fecho.

Temos portanto um atraso de sòmente 24 horas nesta primeira emissão, uma vez que o Telejornal diz respeito ao dia anterior (gravação de noticiário da Eurovisão das 16 horas que a RTP inclui no seu noticiário das 21,30 em Lisboa), e a corrida de touros também.

Aliás, segundo a opinião do eng.º Assis Correia e do técnico Ramos, os programas terão esta actualidade, mesmo em dias futuros.

ORIENTAÇÃO DAS ANTENAS

Muitos serão os nossos leitores que terão dúvidas sobre a orientação das suas antenas e mudanças de canal para poderem captar em condições favoráveis de som e imagem a TV portuguesa.

Mesmo considerando os possuidores de antena sòmente com canal 3 (TV de Canárias) há que fazer as seguintes alterações:

Dirigir a antena para o Pico do Silva (Camacha) se porventura deseja utilizar o canal 5.

Se deseja utilizar o canal 8, (variante que não serve aos possuidores de antena de canal 3), oriente a sua antena em direcção ao Pico do Galo (Cabo Girão).

Convém salientar que segundo a opinião dos técnicos da RTP, esta orientação obedece ao critério de estar ou não visível do sítio onde o leitor resida qualquer destes picos. Por exemplo: se o leitor de sua casa avista o Pico do Silva na Camacha, onde está instalado o Emissor Príncipal da RTP, por certo que obterá melhores resultados de captação de imagem e som orientando nessa direcção a sua antena.

No entanto, até pode suceder que sem mexidas direccionais, o leitor consiga captar a nossa estação.

COMO É E, COMO SERÁ?

Neste período experimental o Emissor do Funchal da TRP, trabalhará com três operadores de serviço à emissão e um rádio montador para dar assistência.

A locução será integralmente feita pelos locutores de Lisboa da RTP, uma vez que as bobines vêm gravadas do Continente, diàriamente, nos aviões da TAP, muito embora o grosso das devoluções às 2.ªs e 6.ªs feiras pela mesma via.

Futuramente, surgirão acentuadas alterações, uma vez que no decurso da próxima semana terão lugar no estúdio da Rua das Maravilhas, os «testes» para locutores e locutoras regionais que pertencerão aos quadros do Emissor para desenvolvimento da parte de reportagem e noticiário locais.

Esses «testes» constam de várias provas que serão gravadas e filmadas para serem enviadas a Lisboa, onde um júri da RTP apreciará os candidatos e aprovará os elementos que justificarem qualidades para preenchimento dos lugares necessários.

Muitos nomes conhecidos, nomeadamente no sector feminino, figuram na lista de futuros locutores. Não escalpelizemos por ora, esta particularidade. Brevemente saberemos quem conseguiu agradar ao exigente júri da RTP.

A finalizar, adiantaremos que os ensaios efectuados nos dias anteriores, em circuito fechado, resultaram francamente positivos, razão porque o eng.º Assis Correia e o técnico Ramos se mostravam optimistas em relação ao futuro, quando ontem visitámos a sede do Emissor por amável deferência do delegado da RTP na Madeira, que nos facultou informações sempre que solicitado.»

A PROPÓSITO DE "MISSES"...

Não me falem da mistificação da mulher, nem em assuntos de semelhante conteúdo. Para quê? O Algarve tem de rivalizar turisticamente com outras zonas de atração. Não somos tão mundanos que possamos realizar concursos de «Miss Europa», mas (à falta destes) podemos organizar qualquer coisa como «Miss Algarve». Podemos (muito bem) regionalizar as exposições de mulheres que se fazem nos grandes centros cosmopolitas da Europa. Podemos imitar. Não me falem da mulher-objecto. Para que?

Nada nos custa suportar (?) um desfile de lindas moças da nossa terra. Mesmo que os requisitos exigidos sejam «a proporcionalidade física, beleza do rosto e descontração».

Nada de culturas! Nem me falem da mulher sofisticada, preconceituosa tradicionalista. Não. Nós pretendemos uma promoção» feminina nos moldes dos grandes centros. Nós não somos diferentes dos demais. As moças da minha terra não necessitam de programas culturais.

Teatro? Para quê? Tal forma de promoção está rotulada de «intelectual». Façamos concursos. E de resto, qual o valor dessas «frases ocas», dessas palavras sem sentido que a toda a hora nos apregoam: «Libertação da mulher», «O papel da mulher na sociedade» e outras mais que só servem para engalanar belos discursos? E as moças da minha terra aperceber-se-ão do valor de tais frases? Esse «palavreado» só serve para as mulheres dos grandes centros industrializados. Dos grandes centros culturais.

Nós desertos de cultura, não queremos mais que exposições de beleza. Só assim o Algarve se valorizara. Só assim o Algarve ficará mais colorido e cosmopolita.

Deixem falar certas pessoas mal intencionadas que só nos falam de teatro. (Como se a vida fosse só isso). Algumas das nossas moças preferem ser «misses». Que sejam!

Algumas das nossas sociedades recreativas preferem dar a sua colaboração (incondicionada) a tais concursos. Que colaborem!

Suspendam todos os programas culturais. Vamos todos colaborar em certames de beleza. Não me falem da mistificação da mulher. Não me falem da mulher-objecto. Para quê?

Tavira, 17/7/72, J.T. Vasques

(«Jornal do Algarve», 22- 7-72)

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telfs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo Exmo. Sr. Manuel Gonçalves Xavier, Casa Covafunda ALMORNOS

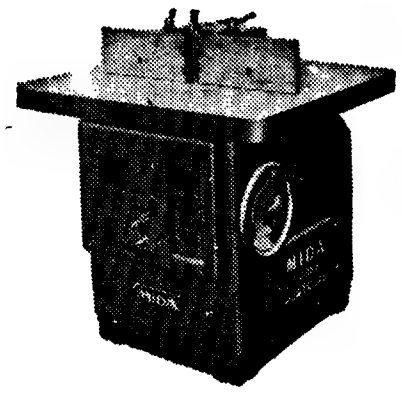
COMUNICADO

LARANJEIRA, LIMITADA — armazenistas de ferro e aços — com sede na Rua dos Anjos, 1-1.º andar, comunicam aos seus estimados Clientes, que, para gozo de férias do seu pessoal, todos os seus serviços, estarão encerrados de

7 A 21 DE AGOSTO PRÓXIMO

reabrindo no dia 22, (terça-feira), às horas normais do expediente.

«MIDA»



UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

TUPIA VERTICAL
Modelo TV-6

Fábrica: TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

VIAGENS ACOMPANHADAS
DE LISBOA A LISBOA
UTILIZANDO AVIÃO E AUTOCARRO
EXCURSÕES EM GRUPO A PREÇOS REDUZIDOS

10 DIAS — A ÁUSTRIA ... Esc. 7.440$00
Lisboa, Zurique, Salzburgo, Viena, Spittal, Cortina d'Ampezzo, Innsbruck, Zurique, Lisboa.

14 DIAS — TRIÂNGULO TURÍSTICO ESCANDINAVO ... Esc. 17.600$00
Lisboa, Copenhague, Jonkoping, Nykoping, Estocolmo, Karlstad, Oslo, Gotenburgo, Lisboa.

8 DIAS — INGLATERRA, ESCÓCIA E OS LAGOS ... Esc. 7.470$00
Lisboa, Londres, Chesser, Windermere, Carlisle, Edimburgo, Trossachs, Lago Lomond e outros lagos da Escócia, Newcastle, York, Londres, Lisboa.

25 DIAS — FASCINANTE ORIENTE ... Esc. 37.150$00
Lisboa, Banguecoque, Manila, Tokio, Kamakura, Hakone, Atami, Nagoya, Toba, Ilha das Pérolas, Kyoto, Nara, Hong-Kong, Macau, Teerão, Lisboa.

8 DIAS — MARROCOS ... Esc. 8.100$00
Lisboa, Casablanca, Rabat, Meeknes, Fez, Marrakech, Casablanca, Lisboa.

15 DIAS — BRASIL E ARGENTINA ... Esc. 24.770$00
Lisboa, Rio de Janeiro, Brasília, S. Paulo, Buenos Aires, Lisboa.

16 DIAS — ESTADOS UNIDOS E CANADA ... Esc. 17.500$00
Lisboa, New York, Filadélfia, Washington, Detroit, Cataratas do Niagara, Toronto, Montreal, Lisboa

25 DIAS — O CONTINENTE AMERICANO .... Esc. 45.300$00
Lisboa, Rio de Janeiro, Brasília, S. Paulo, Montevideu, Buenos Aires, Santiago do Chile, Lima, México, New York, Lisboa.

13 DIAS — GRÉCIA E MÉDIO ORIENTE ... Esc. 17.740$00
Lisboa, Istambul, Beirute, Cairo, Atenas, Lisboa.

28 DIAS — VOLTA AO MUNDO ... Esc. 48.155$00
Lisboa, Beirute, Teerão, Banguecoque, Hong-Kong, Taipé, Osaka Kyoto, Tokyo, Honolulu, S. Francisco, Washington, New York, Lisboa.

Peça-nos o programa detalhado e reserve desde já o seu lugar pois a respectiva lotação é limitada

Informações e reservas em:
Belos Turismo Setúbal-Av. 5 de Outubro- Tel. 23291
Évora-Rua da República-Tel. 24254

A PSIQUIATRIA EM QUESTÃO
R. D. LAING

Uma obra significativa sobre a situação da psicanálise no nosso tempo, por um dos mais importantes psiquiatras contemporâneos.

EDITORIAL

FERNAND BRAUDEL
HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

- examina o significado dos conceitos de cultura e civilização
- réplica ao estruturalismo de Levi-Strauss e à sociologia de Gurvitch
- aborda o tema da continuidade e descontinuidade na História
- propõe bases para a investigação interdisciplinar

PRESENÇA

CURSO COMERCIAL
NOCTURNO
ESTÃO ABERTAS AS MATRÍCULAS
EXTERNATO LUSITANO DE COMÉRCIO
RUA DOS ANJOS, 2, 1.º TELEFONE 4 02 97

O QUE É A DESCRISTIANIZAÇÃO?

Estamos a viver «o último acto do cristianismo»? Entrámos numa «civilização pós-cristã»? «Antigamente», escrevia Lucien Febvre, «o cristianismo era o próprio ar que se respirava naquilo a que chamamos Europa e que era a cristandade. Era uma atmosfera na qual o Homem vivia a sua vida, toda a sua vida...». Hoje, em contrapartida, que resta das procissões, peregrinações, festa de Corpo de Deus e outras cerimónias nas quais tomava parte, antigamente, o conjunto de uma população? Estão as massas apostatadas? Sinal dos tempos: praça Saint-Sulpice, em Paris, um «snack-bar» substituiu um armazém de vestes religiosas.

Se se identificar cristianismo e cristandade, fé e prática religiosa, não há que duvidar, a nossa sociedade repudia cada vez mais as crenças, ritos e obrigações sobre as quais se apoiava, desde Constantino «o Estado cristão» de outrora. Mas devem manter-se estas equações contra as quais havia protestado Gabriel le Bras? E confundir o conformismo sob todas as suas formas no seio de uma Igreja oficial com a adesão consciente a um credo? É preciso mesmo forçar mais ainda a interrogação e dizer o seguinte: os nossos antepassados do Antigo Regime, na sua maior parte, eram profundamente religiosos. Mas esta religião não era, sobretudo nas campanhas, mais do que meio pagã?

É aqui apresentada uma tese que vai ao encontro de um ensinamento histórico tradicional. No momento em que se verificava uma decadência religiosa, nos séculos XIV e XV, ela distingue sobretudo uma fermentação cristã. No momento em que se deplorava uma rotura e desolação — a época da revolta protestante — ela diagnostica as acções finalmente convergentes de dois processos de cristianização. E este aparece como uma aculturação, por vezes violenta, destinada a fazer recuar tradições milenárias «pagãs». René Rémond precisa seguidamente que esta cristianização continuou no século XIX — o que muito frequentemente se ignora — apesar do desmoronamento progressivo de constrangimentos legais e sociais. O sociólogo Emile Poulat junta, por seu lado, as análises de dois historiadores, descrevendo a situação actual e concluindo que, «como termo geral», descristianização é «uma palavra suspeita».

O ANTIGO REGIME: FÉ OU MAGIA?

A noção de «descristianização» é largamente solidária com um esquema histórico de carácter tradicional que postula um auge cristão, pelo menos no Ocidente, entre os séculos XI e XIII, seguida, a partir do século XIV, por uma rápida deterioração das instituições eclesiásticas e dos comportamentos religiosos. Vem, então, a Reforma, de Lutero, geradora por contragolpe de uma tardia reforma católica com forte coloração anti-protestante. Uma e outra endireitam provisòriamente a situação, mas num clima nefasto de hostilidade recíproca. Em breve, a filosofia das «luzes» ataca o essencial do dogma cristão e provoca, com a Revolução Francesa, a primeira vaga de partidas em abandono da Igreja. A industrialização, a urbanização e a difusão do marxismo fazem, seguidamente, o resto.

A fraqueza deste esquema explicativo reside no facto de confundir frequentemente vários níveis culturais. Ele esclarece seguramente Cluny, Citeaux, as catedrais, as **Fioretti** de São Francisco e a **Suma Teológica**. Mas deixa na sombra 80 ou 90 por cento da população da Europa, formada até ao século XIX por camponeses iletrados. Ora, destes, qual era a religião? Para o saber, é preciso proceder a uma **releitura** da história europeia, olhar o nosso passado com olhos de etnólogo e abandonar os modelos que nos são familiares.

Ao nível das massas, a «Idade Média cristã» não passa de uma lenda, tratando-se de uma época em que os curas pouco instruídos e não saindo de nenhum seminário não ensinam nenhum catecismo aos paroquianos, na maioria das vezes incultos. Reinava, na verdade, a ignorância religiosa que experimentam tarde de mais múltiplos testemunhos que datam da época (séculos XVII e XVIII), em que os responsáveis pela fé cristã, de um e outro lado das barreiras confessionais, se esforçaram por evangelizar sistemàticamente o homem do campo. Os organizadores dos cultos protestantes, os missionários do interior, os bispos no decurso das suas visitas pastorais, os curas ao longo da sua experiência quotidiana, constataram com estupefacção do mau conhecimento ou desconhecimento no mundo rural dos «próprios princípios do cristianismo».

Daí a criação por Vicente, dos Lazaristas, que tinham como primeira ordem pregar nos campos. Um jesuíta do século XVII, evocando os princípios do apostolado do Padre Maunoir, na Baixa Bretanha, escrevia: «Aprofundava-se tão pouco os mistérios da religião que se tratava, de certa maneira, mais de estabelecer a fé do que ensinar a doutrina cristã.» «Finisterra» da Europa, dir-se-á? Mas, no mesmo período, um cura de Nanterre, um bispo de Angers e um bispo de Autun usavam a mesma linguagem nas suas circunscrições respectivas.

O ROSÁRIO, A HÓSTIA E A ÁGUA BENTA

Nestas condições como é que a grande maioria dos europeus não teriam amalgamado à religião oficial um conjunto de rrenças e de práticas mágicas vindas das profundezas do oceano precristão?

Desde que a atenção se fixa sobre este objecto do nosso passado, um volume de factos são restituídos à luz que uma cultura humanista a livresca tinha, durante muito tempo, deixado de observar. A religião dos nossos antepassados consistiu frequentemente num sincretismo pagano-cristão em que o culto dos santos camuflava um verdadeiro politeísmo. Neste universo religioso, o rosário, a hóstia, a água benta, os sinais da cruz, podiam proteger do raio, do afogamento e das febres. Os sinos afastavam os maus espíritos. As cinzas da fogueira de São João dizia-se fertilizavam o solo e protegiam homens e animais. Um historiador inglês acaba de escrever: **«A Igreja medieval era um vasto reservatório de magia».** E assim permaneceu ainda durante muito tempo.

UMA ELEVAÇÃO DE FERVOR

Ora, as duas Reformas do século XVI — a de Wittenberg e a de Roma — foram principalmente uma tomada de consciência do perigo que constituiam a ignorância religiosa das multidões e a «idolatria» em que elas viviam. Mas — paradoxo aparente — não aderiram a esta preocupação crescente do «povo cristão», senão porque resultaram, uma e outra, de um aumento do fervor.

É sobretudo aqui que é preciso tomar o sentido das explicações habituais. Por certo que a Igreja dos séculos XIV e XV estava cheia de taras e de «abusos». No entanto, assiste-se, no decurso de uma longa pré-Reforma, a uma intensa fermentação religiosa, não apenas nos meios eclesiásticos, mas também — o que era novo — nos círculos laicos. Georges Duby insistiu justamente sobre o «regresso» que se operou a este respeito a partir do século XIV. **«A Europa»**, escreve ele, **«apresentava até então as aparências de uma cristianidade. O cristanismo, no entanto, não era plenamente vivido senão por raras «élites»**. De futuro, penetra o povo das cidades; bem depressa se esforçará por atingir os campos em profundidade.

As duas Reformas foram, portanto, simultâneamente, promoção cristã e sentimento agudo das misérias religiosas — as de Igreja ensinante seguramente, mas, também, e sobretudo talvez, as da Igreja ensinada. O clima dramático do tempo favoreceu sem dúvida esta tomada de consciência. A escassês, as pestes, o Grande Cisma, as guerras repetidas, o avanço dos turcos contra o qual o Ocidente se pôs a rezar Avé-Marias, desenvolveram uma psicose de pânico e, no caso dos melhores cristãos, um vivo sentimento do pecado ao mesmo tempo que uma mentalidade obsidional: a religião estava ameaçada.

Daí a necessidade de lutar primeiramente contra os inimigos do interior, agentes de um demônio omnipresente, judeus, mouros, heréticos, bruxas. No rasto de Santo Agostinho identificou-se magia e bruxaria, paganismo e satanismo. Houve menos epidemia de bruxaria do que luta (desigual segundo as regiões) travada por uma cultura teológica, urbana e livresca contra uma cultura pagã, rural e oral.

A EVANGELIZAÇÃO DAS MASSAS

As suas Reformas, também, se quiseram pedagógicas. Elas puseram o acento sobre o catecismo, criaram pequenas escolas, deram aos fieis pastores mais dignos e mais instruídos do que os do passado. O protestantismo difundiu a Bíblia. A Igreja católica multiplicou as missões do interior. Sem dúvida, nunca um esforço tão intenso de cristianização havia sido realizado na Europa.

Teve, no entanto, os seus limites, que se mantinham ao nível ainda fraco da alfabetização, das estruturas técnicas e mentais, da persistência do magismo, da tendência natural das populações para se evadirem para uma religião paralela à que lhes ensinava. Em Roterdão, cidade protestante, em pleno século XVIII, a arraia-miúda venerava a estátua de Erasmo como se se tratasse de um santo curandeiro. Num país católico, um cura de Perche, Jean-Baptiste Thiers, pôde escrever no fim do século XVII quatro volumes sobre as superstições da sua terra. De facto, o cristianismo continuou frequentemente a ser concebido como uma protecção contra a morte, a doença e os acidentes e a ser vivido como o principal fundamento das solidariedades rústicas.

De resto, a religião era obrigatória em todo o lado. Muitos, sem dúvida, se o tivessem polido, ter-se-iam dispensado da missa e dos sacramentos. Foi ainda Thiers quem disse: **«As pessoas vão à missa para combinar os negócios, contar novidades e bagatelas»**, acrescentando: **«Comunga-se para não se passar por rebelde ou para não ser apontado a dedo.»** Isto na idade de ouro do catolicismo tridentino!

Desde logo, muitas coisas se esclarecem naquilo a que se chama «descristianização». Quando a técnica permite lutar contra flagelos e epidemias, quando a assistência ao culto deixou de ser obrigatória, quando a nossa mentalidade moderna recusou a ideia de um Deus aterrorizador, muitos, que eram cristãos por magismo, por hábito ou por crença, abandonaram a Igreja. Por outro lado, quando a urbanização e a industrialização se tornaram fenómenos de grande amplitude, as cidades acolheram o proletariado rural, isto é, aqueles camponeses que tinham recebido a mais fraca instrução cristã, por não saberem ler ou por falta de tempo para ir regularmente à missa e à catequese. Diz-se que a classe trabalhadora deixou o cristianismo. Os seus antepassados algumas vezes ali entraram?

Certamente que seria excessivo reduzir a «descristianização» a subtracções sucessivas de «falsos cristãos». No entanto, é preciso desmitificar a noção de «cristandade». Uma sociedade não é forçosamente cristã porque se proclama como tal. A que organizou a escravatura negra recomendava-se a todo o instante a Jesus... Os santos do «grande século das almas», e Pascal com eles, eram unânimes em rejeitar o «mundo», isto é, uma civilização moldada por mil anos de cristianismo. Também eles pensavam que esta sociedade, tomada em bloco, era falsamente cristã. Os cristãos alguma vez constituiram mais do que uma minoria?

A religião de Sologne vista por um cura dos princípios do século XVIII

«(Eles) são mais supersticiosos do que devotos... Consideram como uma falta punível desta vida queimar o jugo de uma charrua e tem-se visto frequentemente pobres doentes meterem-no sob a almofada da sua cama, durante a agonia, porque recearão tê-lo queimado por descuido. Têm também grande escrúpulo em fazer a limpeza a partir do momento em que um doente recebeu a extrema-Unção. Duvidam da salvação de uma pessoa que morre, estando voltado para a parede, na cama... de forma que podemos dizer deles, com verdade... que são em muitas coisas idólatras baptizados». (Citado em «le Village Immobile», de G. Bouchard, Plan, 1972.)

LYCÉE FRANÇAIS CHARLES LEPIERRE

CURSO LICEAL NOCTURNO

Preparação para os Exames de Setembro

Abertas as inscrições para estes cursos (a iniciar em 1 de Agosto) e para o próximo ano lectivo:

CICLO PREPARATÓRIO, 2.º CICLO, 3.º CICLO

Av. Duarte Pacheco — Lisboa — Telef. 681101

SÉCULO XIX O FIM DA SOCIEDADE CRISTÃ

Por RENÉ RÉMOND

No desprendimento progressivo das crenças e das práticas, o século XIX, entendido de uma forma lata,, desde a Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial, foi a tirada decisiva: foi então que a França deixou deliberadamente de ser uma sociedade cristã. Pretende-se uma confirmação disso? Eis duas ilustrações tomadas nos pontos extremos deste período.

Em 5 de Maio de 1789, os deputados das três ordens dirigem-se procissionalmente para aí assistir à missa do Espírito Santo antes de abrir os Estados Gerais. Um ano mais tarde, em 14 de Julho de 1790, durante a festa da Federação, todo um povo se reune à volta da Igreja para celebrar a sua unidade e a sua regeneração. A França continua a ser a filha mais velha da Igreja. Em 9 de Dezembro de 1905, o Parlamento, por uma forte maioria representativa do corpo eleitoral, declara que «a República não reconhece, não assalaria nem subvenciona nenhum culto». A França significa a sua despedida à religião: deixa de se reconhecer oficialmente cristã.

De 1790 a 1905, a trajectoria é perfeitamente legível: a descristianização efectuou-se. A revolução política engrenou o mecanismo; a revolução industrial fez o resto. Tal é a visão que se impõe hoje da história religiosa da França contemporânea.

Por eloquente que seja, a comparação dos gestos oficiais que acabamos de evocar, coloca mal o problema. Com efeito, inferir da passagem que se operou num século da união estreita e confiante entre a Igreja e o poder político no seu antagonismo, rotura dos laços entre a fé tradicional e o povo, é confundir o Estado e a nação, o privado e o público, a secularização da sociedade civil e a descristianização das almas. Estas distinções são, é verdade, recentes e o século XIX não as conhecia: a rotura das relações oficiais era sentida pelos fieis como o sinal da apostasia e pelos adversários como a expressão da emancipação da colectividade nacional.

QUANDO A IGREJA MUDA DE ESTATUTO

Todavia, secularização e descristianização não são distintes a ponto de não interferir. A indiferença do Estado contribuíu seguramente para a indiferença dos indivíduos, mas suscitou-a? Ela talvez, e sobretudo, a revelasse. A mudança do estatuto da Igreja no Estado suprimiu o regime de sujeição legal que comandava as atitudes individuais relativamente à fé. Passou-se, assim, da conformidade às normas impostas pelo grupo à autonomia da consciência. Autonomia sem dúvida relativa. Quem pode dizer se, no século XIX, a tirania do respeito humano, impedindo os homens de professar a sua crença, não foi mais constrangedora do que a conformidade anterior à unidade de fé oficial? Em todo o caso, o desaparecimento da obrigação legal arrastou o desmoronamento das práticas que não tinham qualquer outro fundamento além da coacção social.

UM ESFORÇO DE RECONQUISTA

Entre 1789 e os princípios do século XX, a evolução não seguiu o desenho rectilíneo de um declínio regular. Muito pelo contrário. Vários trabalhos recentes vieram confirmar a impressão de que a Igreja, após o desmoronamento das estruturas e dos hábitos provocados pela crise revolucionária, começou por ganhar terreno. A violência das querelas político-religiosas da Restauração, a virulência do anti-clericalismo, não devem mascarar a reconquista que se escalonou por três gerações, desde o fim do Primeiro Império até aos últimos anos do segundo.

Durante cinquenta anos, a Igreja reconstituíu pacientemente um clero, congregações, um ensino, desenvolveu uma rede fechada de obras de caridade, de associações piedosas. Este esforço não foi em vão: um povo cristão reconstituíu-se, um povo e não apenas uma «élite» ou minorias. Existe, nos anos de 1870, um povo cristão das cidades e dos campos que acorre às peregrinações. Vinte anos mais tarde quando a democracia cristã, chegada á sua segunda geração, promove congressos trabalhadores, os auditórios que eles reunem sustentam decentemente a comparação com os congressos socialistas ou sindicais. A história religiosa do século XIX foi, em primeiro lugar, a da recristianização de uma sociedade.

Impõem-se cambiantes em função da diversidade dos grupos sociais, bem como da repartição geográfica. Se certos grupos se afastam da Igreja, outros retomam o seu caminho para ela, como a burguesia na segunda metade do século. Trata-se ainda de simplificar, mais do que de falar de recristianização da burguesia, como se não houvesse senão uma burguesia: enquanto uma parte dos notáveis reencontlra a fé, uma outra fracção da burguesia conserva intactas as suas prevenções contra a religião e prossegue sem descanso o seu combate contra a Igreja.

O NASCIMENTO DE UMA NOVA SOCIEDADE

Acontece — é sobre este ponto que a representação habitual é a mais exacta — que no século XIX começou a verificar-se o movimento que afastará da Igreja camadas cada vez maiores. Precisemos: a partir de meados do século. Curiosamente, com efeito — mas haverá contradição? — o fenómeno esboça-se pouco mais ou menos no momento em que a reconquista cristã atinge o seu apogeu: é quando o catolicismo é mais coerente, está mais unificado, mais disciplinado do que nunca esteve ou foi, reunidos à volta do papa, que a sociedade se compromete num caminho que a vai afastar dele irremediàvelmente.

Os acontecimentos políticos e aquilo que hoje foi convencionado condenar como conlúio da Igreja com os poderes estabelecidos ou com o domínio do dinheiro e que, frequentemente, não eram mais do que fidelidade aos usos seculares, precipitaram a rotura, mas a sua responsabilidade na descristianização foi sem dúvida menor do que se pode imaginar. A ignorância recíproca foi mais determinante.

Enquanto a Igreja consagrava todas as suas energias, à reconstituição de uma cristandade, não se dava conta de que, à margem da sociedade tradicional, uma outra energia, concebida segundo outros modelos, ordenada para outros fins, honrando novos valores: a produção, o lucro, o progresso, a instrução também. Mundo da indústria da cidade, do dinheiro. Uma nova cultura edificava-se fora do cristianismo. O clero bem podia vangloriar-se de reagrupar um povo fiel, numeroso, obediente, zeloso: este povo era o da França de ontem. Um outro crescia a seu lado, do qual seria inexacto dizer que era o resultado da descristianização: tinha nascido fora da Igreja e nunca havia sido evangelizado.

UMA CONCLUSÃO PARADOXAL

Evitemos, não obstante, generalizações. Os dados da sociologia religiosa histórica tornam a trazer-nos à realidade: a quase totalidade dos franceses são, no século XX, ainda fieis aos hábitos religiosos dos seus antepassados. Uma tal constância na observância impede de falar em descristianização.

Porém, se esta fidelidade não fosse mais do que a sobrevivência de hábitos sociais, dedicação a práticas em que o conformismo desempenhava um papel maior do que a adesão pessoal? Talvez, embora nada seja mais aventuroso do que pretender sondar assim os corações na medida em que esta oposição entre os gestos e os sentimentos é o nosso tempo que a introduz e a projecta retrospectivamente sobre outros. Seria completamente arbitrário concluir daqui que a expressão da piedade dos nossos avós estava fortemente condicionada pelas sujeições sociais na ausência de uma fé sincera, no seu caso, do que hoje tomar em consideração o abandono das práticas e do desuso dos gestos para afirmar o desaparecimento da fé. O elo entre as consciências e os comportamentos — única realidade que cai sob o olhar do historiador ou do sociólogo — vaira com as idades da cultura e da fé: por consequência, com os critérios com que se medem o grau de cristianização de uma época ou de uma sociedade.

É paradoxal sugerir que, se o nosso tempo adoptou tão fàcilmente a hipótese da descristianização, é porque se faz hoje uma ideia mais exigente da qualidade da fé e mais elevada das suas consequências, por outras palavras, porque se tornou mais cristão?

ABANDONO OU METAMORFOSE

por Emile Poulat

Em 1931, Gabriel Le Bras tinha lançado o projecto de um inquérito «para uma explicação histórica do estado do catolicismo nas diversas regiões de França». Havia sido encorajado a isso por sociólogos como Marcel Mauss e Célestin Bouglé, desejosos de ver a sociologia francesa interessar-se pelas «grandes religiões, as nossas», e não apenas pelas **primitivas**. Era, então, uma terra virgem que, muito curiosamente, ninguém tivera ainda a ideia de explorar. Quarenta anos mais tarde, se o projecto está longe de ter sido realizado na sua totalidade, pode-se considerar que um período privilegiado está agora quase coberto: o que nos é contemporâneo.

Graças, em primeiro lugar, a perseverança do cónego Boulard, ao seu labor e aos seus talentos de animador, dispõe-se, com efeito, de dados relativos à filiação confessional e à prática do culto. Assim, foi possível estabelecer um mapa religioso da França actual, primeiro limitado aos campos, depois alargado às cidades (que exigiam técnicas mais complexas de investigação): mapa de conjunto, logo acompanhado de mapas diocesanos ou especializados, de quadros estatísticos, de diagramas comparativos, etc.

O QUE DIZEM AS ESTATÍSTICAS

A interpretação destes dados, e já a sua simples manipulação, não é tarefa fácil. Ordens de grandeza e grandes conclusões impõem-se, portanto, doravante com garantias de segurança suficientes.

A França aparece, assim, hoje ainda, como um país de tradição maciçamente católica, na qual se contabilizam mais de 90 por cento de baptismos, ao passo que se podem avaliar as minorias religiosas (protestantes, ortodoxos, judeus, muçulmanos, «seitas») em 3 ou 4 por cento. Relativamente a estes valores, a prática dominical dos adultos é baixa, menos, no entanto, do que aquilo que se acreditava antes do inquérito: 25 a 26 por cento, ao passo que a comunhão pascal é mais elevada: 31 a 32 por cento. Os grandes actos ocasionais do catolicismo — «comunhão solene», casamento, enterro — continuam a ser objecto de uma procura bem enraizada, que ultrapassa 80 por cento, e nestes últimos anos tem-se podido observar a seu respeito mais rigorismo por parte do clero do que desafeição nas famílias.

Mas, neste quadro, o que choca, são os contrastes: entre os sexos (as mulheres praticam mais do que os homens); entre as idades (depois da catequização da infância, observa-se um «desengate» dos doze aos vinte e cinco anos); entre as regiões (grandes zonas de prática intensa: o Oeste, o Leste, o Maciço Central, etc., e largos sectores muito desligados); entre as cidades (15 a 20 por cento) e os campos (30 por cento); entre as categorias sócio-profissionais (uma relativa correspondência entre a pirâmide social e a prática religiosa); até mesmo — recentemente — entre a juventude e as gerações mais velhas. Acrescentemos três observações:

— A antiguidade do desinteresse da grande região parisiense, e especialmente de Paris, em que as percentagens de baptismos se mantém, ao que parece, um pouco acima dos 70 por cento desde 1885, e onde é nítido o contraste entre os arredores do Leste, mais populares, e do Oeste;

— A prática religiosa dos trabalhadores, sempre nìtidamente inferior à dos outros grupos sócio-profissionais, mas muito variável segundo as cidades (entre 5,5 e 39 por cento);

— A solidariedade de culto entre cidades e as regiões onde estas estão situadas: se as cidades são, em geral, menos «cristãs» do que os campos, as grandes cidades não estão mais «descristianizadas» do que as pequenas, e as cidades mais trabalhadoras ou as mais industriais não se mostram especialmente «descristianizadas; e se a missa é menos seguida na cidade do que no campo nas regiões fieis, é o inverso que é válido nas outras.

As sondagens da IFOP e da SOFRES recortam estas estatísticas: 84 por cento dos franceses declaram-se católicos, 75 por cento crêem que Deus existe e que a Igreja tem ainda um papel a desempenhar, 60 por cento julgam que a fé é útil na vida privada, familiar ou profissional, 50 por cento (contra 25) que as posições da Igreja sobre os grandes problemas contemporâneos são esclarecedores para os cristãos.

Ao ler estes números, ao olhá-los de perto, dois grandes temas se impõem: Em França, **a religião**, socialmente, conta; mas, para o francês, o que conta em primeiro lugar, é a **sua** religião. Para os sociólogos e historiadores, esta massa de factos — e de incógnitas — representa uma mina inesgotável de problemas, na qual eles jamais deixam de afinar os seus instrumentos. Conclusões definitivas e unanimidade científica não são para amanhã. Entre tantos diagnósticos sobre o presente e o futuro da religião, um ponto, pelos menos, parece estabelecer o acordo geral: ela recua, ela perde terreno e influência. A palavra lá está: **descristianização**. A evidência, tem-se perguntado muitas vezes apressadamente: o que é que ela vale?

DRAMATIZAR OU RELATIVIZAR

Gabriel Le Bras repetiu-o frequentes vezes: **«A submissão às leis canónicas, na antiga França, não poderia causar ilusão. Ela é imposta, em muitos lugares, pelo costume e pelas autoridades... Nunca houve povo cristão, no sentido profundo da palavra. A palavra descristianização significa sobretudo o abandono progressivo das práticas de culto e sacramentais.»** Nisto, dava início a uma reacção, necessária, contra uma representação idílica da **cristandade** e dos «séculos de fé» opostos à impiedade e à imoralidade modernas.

A França, país de missão? Não foi o abade Godin que o descobriu em 1943: por todo o lado, há meio século, a forma arrastava-se nos meios católicos como a grande lamentação. O que chocou, então, foram as ilustrações que Godin deu deste «paganismo das massas». Ele exprimia a inimaginável distância entre um lugar comum e um testemunho directo, entre a experiência paroquial de um contacto **perdido** e a experiência missionária (portanto, limitada, selectiva) de um contacto **encontrado**.

O abade Godin dramatizava. Gabriel Le Bras relativizava: podia sem dificuldades traçar quadros tão sombrios, para o que não lhe faltavam as fontes. Vamos opor as suas teses? Antes, mostrar que elas se complementam? Não é essa a questão. Mais vale começar por evitar uma falsa pista, concluir daí que, ao fim e ao cabo, as coisas não mudaram assim tanto e que a estabilidade dos sentimentos profundos é à prova de todas as revoluções; as massas continuam a ser as massas, com uma religiosidade, crenças, hábitos que não bastam nem à Igreja nem ao livre-pensamento; o verdadeiro cristianismo será sempre, como sempre foi o privilégio de uma «élite».

UMA PALAVRA RESGUARDO

Na realidade, do tempo antigo ao mundo de hoje, é impossível abolir a distância, como se nada se tivesse passado: seria pecado de anacronismo; e o que se passou no domínio religioso não se deixa reduzir ao símbolo de uma linha descendente. **Descristianização** é susceptível de receber um sentido preciso em casos precisos (assim, durante a Revolução Francesa); como termo geral, é uma palavra suspeita, comandada por referências confessionais; em todo o caso, não é nem uma constatação nem uma explicação, menos ainda um conceito, Historiadores e sociólogos, hoje todos concordam em reconhecer os seus defeitos, até mesmo os seus perigos: deixariam de a empregar se dispusessem de uma teoria menos rudimentar, que se reconhece ser agora indispensável.

Terminamos com algumas sugestões:

1) Toda a mudança se deixa analisar em termos de **destruturação**. Porém, isto não é senão um aspecto do **processus:** aqui, a sua face interna, a sua percepção pelo meio católico (os meios lacos falam mais fàcilmente de enfraquecimento da religião).

2) Esta percepção tende a isolar o fenómeno «religioso», para procurar os factores sociais de explicação, em lugar de considerar o fenómeno social total, em que se opera uma redistribuição e uma reestruturação das forças.

3) Ele amalgama num único termo um conjunto de **processus** que não têm nem o mesmo ritmo nem a mesma natureza. O vocabulário não tem, no entanto, falta de palavras, mais ou menos bem-vindas, cada uma com o seu sentido: laicização, secularização, dessacratização desconfessionalização, descleri-calização, e outras ainda mais desagradáveis ao ouvido.

4) Ela ignora muitos fenómenos «religiosos» que não caem na sua linha de mira e que têm as suas normas próprias.

5) Ela subestimou durante muito tempo a importância religiosa da profunda transformação cultural que caracteriza a nossa sociedade e afecta doravante o próprio catolicismo.

Não tem significação para o nosso problema o facto de tantos padres e cristãos se interrogarem hoje sobre a sua identidade? Um certo enfraquecimento do cristianismo foi seguido pelo enfraquecimento de um certo cristianismo, sem que hoje se saiba ainda dizer se houve progresso ou declínio. Por seu lado, no termo de um balanço, Henri Desroche pôde concluir haver «um certo elo de ligação entre um certo declínio religioso e um certo progresso industrial». No seio de transformações que não modificam tudo mas não poupam nada, a indeterminação está patente: como um programa de pesquisas.

PARA QUANDO O ENSINO NOCTURNO EM QUELUZ?

. O presidente da Câmara Municipal de Sintra apresentou ao Governo, por intermédio do governador civil de Lisboa, um relatório das necessidades imediatas, no que respeita a estruturas escolares do concelho. Problemas do ensino liceal (instalação urgente do 3.º ciclo no Liceu de Sintra), do ensino técnico, preparatório e básico nas várias zonas de um concelho que passa por autêntico «boom» demográfico são contemplados no relatório, mas continuamos a ver esquecida uma questão de grande importância para a vila mais populosa e de expansão humana mais rápida daquele sector administrativo da «Grande Lisboa»: Queluz. Referimo-nos ao ensino nocturno, neste caso liceal, dado que o Técnico não se encontra instalado na vila.

Acabaram há poucos dias os exames de voluntários adultos ao 2.º ciclo liceal na secção local do «Passos Manuel». Os resultados são tristemente concludentes: uma enorme percentagem de reprovações, uma estranha destruição do trabalho de algumas dezenas de pessoas que, sózinhas, sem tempo normal de estudo, ultrapassando sete, oito e mais horas de trabalho em casa dos patrões, quantas vezes tendo ainda a sobrecarga do serviço familiar de cuidar dos filhos e da lide doméstica, lutam contra a segregação estabelecida, tentam compensar com sacrifícios inenarráveis as oportunidades que a sociedade lhes negou.

Sabemos de casos traumatizantes ali ocorridos. Está em causa o próprio sistema de exame, sempre falível, mas também um estranho rigor, em muitos casos. Fazer por exemplo, exames orais na base de demonstrações sucessivas, em matemática, até ao «chumbo», parece-nos um processo forçado, dado que até poucos alunos do ensino normal, com maior tempo de preparação, a ele poderiam resistir. Não sendo de pedir condições de favor, é de admitir uma compensação lógica para alunos que, além de não darem um tostão de despesa ao erário público, ainda concorrem com o seu esforço quase heróico para o progresso social, movimentam fundos, dão trabalho a professores-explicadores, incentivam jovens, pelo exemplo, a ultrapassarem a barreira de apatia.

Acontece que o Liceu, como instituição especialmente segregacionista, vê com «olhos especiais» o aluno «adulto». O sistema está montado para encaminhar, forçadamente, as pessoas em tais circunstâncias para o ensino técnico. Esquece-se que, nessa idade, o indivíduo já está em melhores condições de saber o que pretende fazer na vida. Há que apoiar essa gente, e não afastá-la. E dar-lhe todas as oportunidades possíveis, em vez de utilizar um rigor espantoso que as atira para a reprovação, pura e simples, em caso de dúvida.

O caso de Queluz tem, ainda, outros aspectos. É que naquela vila (mais de 50 mil habitantes), não existe um único estabelecimento oficial de ensino nocturno. E o ensino liceal, nestas condições, é ambição lógica e justa pela qual já se lutou e que se mantém de pé. Esta questão, e a da revisão urgente das condições de acesso e de equivalências, merece atenção especial numa época em que tanto se apregoa a democratização do ensino e outras coisas bonitas de ouvir. Mas a manutenção de segregações, de princípio e na prática, não condiz.

Engenheiro Químico

ou

Agente Técnico de Química

PRECISA

Empresa em fase de desenvolvimento a 100 km de Lisboa, para Director de Produção.

— Enviar «Curriculum Vitae».
— Indicar vencimento pretendido.
— Excelentes possibilidades de promoção.
— Bom ambiente de trabalho.
— Com conhecimentos de inglês e francês.

Resposta a este jornal ao n.º 605.

ALMOÇAGEME

PRÉDIO «A ROMANA» COMPOSTO DE PARTE RÚSTICA COM CERCA DE 4.000 M2. COM PEQUENA CASA TÉRREA E ARRECADAÇÃO, COM LINDA VISTA PARA O OCEANO, NO SÍTIO DOS TOJAIS

LEILÃO

DIA 1, ÀS 16 HORAS

Por motivo de retirada do seu Ex.mo Proprietário, será posto em praça, no próprio local, o imóvel acima indicado. Tem água, luz e autocarro perto para a Praia da Adraga.

A LEILOEIRA, LDA.

Av. 5 de Outubro, 23-1.º — Lisboa — Telfs.: 4 59 34 — 4 62 59

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

S. A. R. L.

Sede: Rua do Comércio, 85, Lisboa

AUMENTO DE CAPITAL DE 250.000 PARA 575.000 CONTOS

RESERVA DE PREFERÊNCIA PARA ACCIONISTAS

RESULTADO DO RATEIO

A PARTIR DO DIA 31 DO CORRENTE ESTARÁ PATENTE NOS BANCOS ONDE SE EFECTUARAM AS SUBSCRIÇÕES O RESULTADO DO RATEIO A QUE SE PROCEDEU.

INFORMAM-SE OS SENHORES ACCIONISTAS QUE DEVERÃO APRESENTAR AS RESPECTIVAS CAUTELAS PARA AVERBAMENTO DA QUANTIDADE DE ACÇÕES ATRIBUÍDAS E PAGAMENTO DE 50 % DO VALOR DAS MESMAS, ACRESCIDO DO IMPOSTO DE MAIS-VALIAS.

LISBOA, 28 DE JULHO DE 1972.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

polémica

O PROBLEMA DAS RENDAS DE CASA

Resposta aberta à carta aberta do sr. José Poiares

Por M. ROQUE LAIA

I PARTE

Exm.º Senhor,

Estava tentando descobrir a razão da diferença entre as áreas das divisões das habitações estabelecidas na portaria do M.º das Obras Pub. e aquela que eu propusera em 1966 (há já 6 anos!) no art.º 14.º do meu Projecto dum Cód. de Inq. Urbano quando, ao voltar a respectiva folha do «Diário de Lisboa» encontro a carta que V. Ex.ª teve a gentileza de me enviar.

Agradeço-lha por vários motivos, dos quais os principais são:

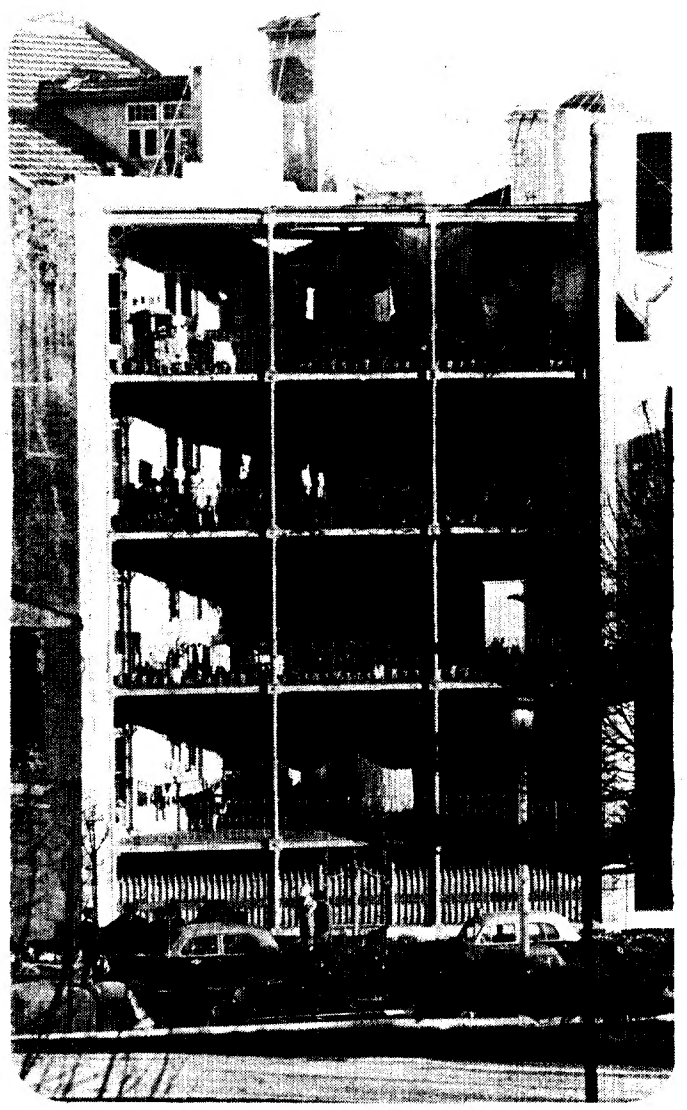
a) a utilidade, em geral, da discussão do problema habitacional, que só através dessa discussão ganha a devida relevância e obterá o necessário esclarecimento;

b) a vantagem de que essa discussão se faça sobre os múltiplos aspectos do problema, e através dos vários ângulos em que ele deve ser encarado:

c) a oportunidade que me proporciona de escrever mais alguma coisa sobre o assunto, pois, é convicção minha — neste momento — de que o não privarão de receber esta resposta;

d) o excelente meio que me proporciona de mostrar a todos os leitores de quão erradas são as ideias, conceitos e convicções que sobre o assunto têm os senhorios, assim como as razões que os levam a ter tais ideias, conceitos, e o porquê do tipo de argumentos que usam.

Porém, antes de iniciar a resposta pròpriamente dita, permita-me algumas considerações prévias que julgo indispensável fazer. A sua carta está cheia de juízos falsos e errados a meu respeito, o que aliás não me preocupa.



O que sucede é estranhar (será mesmo de estranhar?) que alguém escreva sobre assunto que ignora. Tivesse V. Exa. mantido a sua carta nos aspectos «objectivos» do problema e eu não lhe diria: — errou em tudo quanto escreveu sobre mim, e tal erro é, decerto, propositado.

Quere ver como? (e creia que se pode verificar, ponto por ponto, cada uma das minhas refutações).

1) afirma ser eu «funcionário» da Ass. dos Inq. e que vendo o meu trabalho, que neste caso são os meus artigos.

Não sou funcionário da A.I.L. (e não porque em tal não tivesse muita honra). Faço parte do corpo dos seus consultores jurídicos, no desempenho duma profissão liberal, que, até por lei não pode — nem deve — aceitar «patrões» dado que a «independência» é condição fundamental do exercício da advocacia.

Como consequência dessa minha actividade, sou chefe dos seus serviços jurídicos, função esta exercida em «parte-time» sem subordinações nem obediências. Presto um serviço, pagam-me o ajustado.

Nunca a A.I.L. me pagou qualquer quantia pelos meus artigos. Nem ela, nem qualquer jornal, ou revista me pagou — fosse o que fosse — pelos artigos neles publicados.

E mais: — tendo publicado já algumas dezenas de trabalhos e livros, nunca «ganhei» um único escudo com essas publicações.

Com o produto da minha actividade não profissional de advogado, ou de professor, ganhei — única e exclusivamente — 400$00 que o meu falecido e querido amigo Dr. António Sérgio repetida e insistentemente teimou que eu recebesse por uma pequenina colaboração na obra dele intitulada «Cooperativismo».

Só porque ele manifestava mágoa com a minha recusa, dela abdiquei.

Como vê, V. Exa. enganou-se, senhor José Poiares; e tem manifesta má fé no seu engano, pois tudo isto poderia ter comprovado prèviamente. Porque V.Ex.ª só consegue ver os assuntos sob o prisma do «lucro» material, nem sequer imagina que se lute sem ser por dinheiro.

Quando — como eu — se é soldado duma justa causa, só interessa a vitória não o «quanto»... Luto pelos inquilinos, dos quais sou um; publico livros, artigos, dou entrevistas, pela convicção pessoal da necessidade de defesa dos arrendatários.

Mas, pelo meu trabalho profissional recebo dinheiro; só me envergonharia se o recebesse sem dar trabalho, vivendo do trabalho dos outros.

2) diz que trato «rancorosamente» os senhorios e que se eu mandasse «liquidava, pura e simplesmente os senhorios».

Senhor José Poiares! cometeu outro dos seus muitos erros a meu respeito.

Como pessoas, os senhorios não me motivam sentimento algum, nem me interessam. De resto habituei-me, desde os meus 14 anos, entre muitas outras coisas de que ainda não abdiquei, a não combater pessoas, mas ideias, situações.

Se tivesse lido o meu já citado livro «Projecto dum Código do Inquilinato Urbano» e lido o que nele escrevi — principalmente a fols. 37 onde falo dos direitos dos senhorios, da necessidade deles pela impossibilidade de, na actual fase económica cada cidadão possuir a sua casa; o que escrevi a fols. 60, onde falo da necessidade de fixar e de estabelecer os direitos dos senhorios; se tivesse lido toda a parte dispositiva em que esses direitos estão fixados, desde a entrada dos senhorios nas Comissões de Habitação, e nas de Recurso, chegando à proposta dum subsídio de compensação para os que recebam rendas baixas — art.º 150.º —, veria quanto errou e falseou a verdade.

Quero que V. Exa repare: — eu não me estou defendendo mas, sòmente, mostrando-lhe o que há de mau escrever sobre o que se não conhece; ou, se conhecia, que não foi leal quando o escreveu.

Acho até bom que me ataquem «pessoalmente». Sei, de antemão, que, quando o querem fazer têm, sempre, de «inventar», «supôr», «errar», «falsear a verdade»... e de qualquer forma, é sempre bom quando o adversário nos ataca. Isso demarca-nos, em relação a ele, e mostra quanto o atingimos, o que é excelente e encorajador.

3) Quanto aos advogados «comerciantes», certo é que também os há, e infelizmente.

Às vezes, sucede até, serem expulsos da profissão, pela Ordem, quando os considera demasiadamente «comerciantes»: Repare que emprego o termo como sinónimo de «especulação» e não como ofensivo de uma profissão que economicamente pode ser tão digna como qualquer outra, quando exercida com honestidade. De resto, não são as «profissões» que devem ser culpadas, mas, sim, o modo como os profissionais as exercem.

Quanto a mim, confesso que pela tal orientação seguida desde os 14 anos, não sou, nem nunca fui «advogado-comerciante»... Tenho 41 anos de profissão, 68 de idade, e ainda hoje como, num dia, o que ganhei no anterior.

Como accionista, só o sou de cooperativas de consumo com acções de 100$00, sem dividendo. «Sócio», além da Sociedade. «A Voz do Operário» sou sócio da «Sociedade Musical Aliança Operária de Oturela», da «Sociedade Filarmónica Fraternidade de Carnaxide», da «Sociedade Protectora dos Animais». Sou também «sócio» do Clube de Campismo e Caravanismo Estrela. Não sou sócio de qualquer outra sociedade.

E estas não dão dividendos, nem lucros... De resto, se o dessem, eu não seria «sócio» delas, pois sou contra o viver à custa do trabalho dos outros.

4) Quanto a bens herdados, não os tenho, felizmente!

Meu pai fez-me a vontade: — antes de ele morrer, já não tinha propriedade alguma, além da parte da casa da aldeia, onde nascera, e o jazigo já «cheio» num cemitério, o qual haviam dado a minha mãe.

Ambos esses valores — que não atingiam duas dúzias de contos — foram para outros herdeiros de meus pais.

Como vê, também aqui, falhou e errou!

. É difícil, Senhor Poiares. Muito difícil inventarem coisas, a meu respeito...

5) Quanto às rendas que pago, creia que elas são absolutamente especulativas em relação ao que devia pagar, tendo em atenção as condições das mesmas.

Habitação: — na poluída Praça de Londres — onde só na data — 1952 — encontrei casa vaga — pago, por 5 pequeninas divisões úteis, 1.300$00 o que é muitíssimo, tratando-se, para mais, duma casa de que é proprietário uma Caixa de Previdência (?). Para a arendar, tive de entrar no leilão; saiu-me a rifa do prémio.

Escritório: Arrendado há perto de 40 anos, pago — agora — por 4 divisões com janela — as demais são interiores — num 3.º andar (perto de 60 degraus sem elevador) 2.400$00 mensais. Tão cara é a renda que, ainda este ano, a senhoria — a quem o prédio foi doado gratuitamente — tentou mais um aumento de renda e não conseguiu que a avaliação fiscal lho concedesse.

Quanto à «minha casa de praia» não a possuo! De campo tenho uma, feita aos poucos e poucos, no decorrer de mais de 18 anos; terreno comprado aos bocadinhos, a 5$00 o metro quadrado. Nela me refugio quando o meu estado de saúde o exige ou, como neste momento, o prazer de escrever exige a calma tranquilidade do silêncio e do ar puro. Não calcula, senhor Poiares, como o ar é puro quando não há senhorio, renda a pagar, especulação a combater.

6) «Quanto aos senhorios que me dão bom dinheiro e ganhar» é outro erro seu, para não dizer outra falsidade.

É sempre erro escrever sobre o que se não sabe, nem conhece. Aliás, a ignorância sempre foi atrevida.

Em matéria de inquilinato não trabalho para senhorios; noutras matérias eles, também, não me procuram, como é obvio.

Compreende, não é verdade?

E, em relação ao «bom dinheiro a ganhar» queira dar-se ao incómodo de ir ao 1.º Bairro Fiscal ver a minha declaração do imposto profissional.

Unicoope e Associação dos Inquilinos são as duas maiores e estáveis verbas; a restante parte é a do trabalho que faço para os que me procuram, sabendo que lhes dou quanto sei, com dedicação, lealdade, combatividade e honestidade.

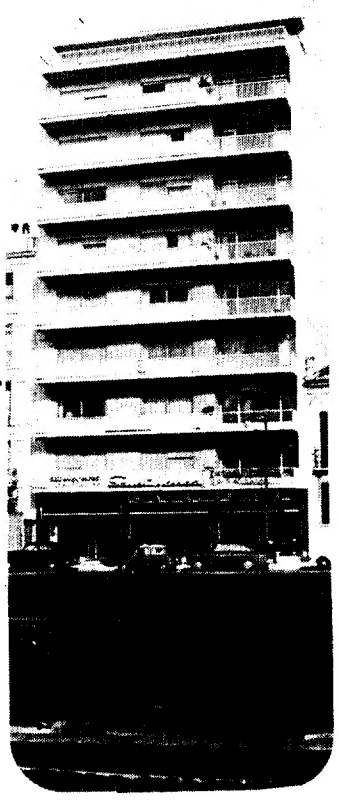
Viver única e exclusivamente do trabalho próprio não é desonra; não ser rico, não envergonha. Eu sinto-me bem assim! Envergonhava-me de viver do trabalho dos outros, «receber» sem incorporar trabalho próprio.

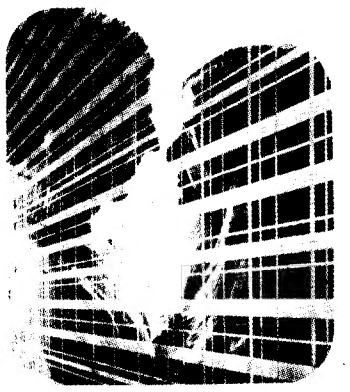
E V. Exa.?

Demais, V. Exa., me obrigou a falar de mim, o que sempre detesto fazer. Mas, não quis deixar sem resposta essas partes da sua carta, não fosse V. Exa. — ou os seus leitores — julgar que tal falta era porque tivesse escrito coisas certas, verdadeiras, irrefutáveis, irrespondíveis, e que me havia levado... «ao tapete».

Como vê, foi V. Exa. quem foi «às cordas» por leviano ou desleal...

E já agora, um outro pequenino ponto: — diz V. Exa. a propósito dos tais supostos senhorios, que eles dirão: — «os cães ladram e a caravana passa».





Como na altura em que fez a citação era só V. Exa. quem estava falando (fala escrita, é claro...) não sei a qual de nós vestiu a pele de cão. Mas, se quis vesti-la a mim, devo dizer-lhe que gosto imenso de cães — embora o meu animal favorito seja o «gato vadio» que considero o animal mais livre e independente da criação; o cão tem — por vezes — a subserviência e a hipocrisia que lhe adveio do grande contacto com os homens.

Mas, senhor José Poiares! Acredite que nem sempre a caravana passa, quando os «cães» ladram...

Até nisso, V. Exa. errou!

Há tempos, numa vila dos arredores de Lisboa, assisti a um facto bem significativo, que desmente o seu provérbio. Dois automóveis de rutilantes cromados, reluzentes carrosserias, e motoristas fardados, atravessavam, displicente e calmamente, a rua principal, em reduzida velocidade de passeio.

Um cãozito, meteu-se à frente do primeiro carro ladrando, ladrando... Não sei por que razão, o cãozito enfureceu-se verdadeiramente, tentando ferrar os dentes numa das rodas dianteiras desse carro, atravessando-se-lhe à frente. Claro é que o primeiro impulso da caravana foi — como é de costume entre as caravanas, — menosprezar o cão que ladrava e seguir. Porém, à volta, nos passeios, à porta dos estabelecimentos, estava gente, muita gente...

Então... então... a caravana parou — teve de parar mesmo! . Porque parou ela, até que o cãozito se calasse e se desinteressasse das rodas do carro? Porque, nem sempre as «caravanas conseguem» passar, e, menos ainda passar indiferentes ao... «ladrar dos cães», quando estes ladram, com convicção da razão do seu ladrar... E, principalmente... quando à volta do cão que ladra há gente, muita gente, e gente que — de certeza — estaria de acordo com o ladrar do cão...

(Continua no próximo número)

mesa redonda